

Pinto da Rocha

TALITHA

EVANGELHO EM TRES ACTOS

SEGUNDA EDIÇÃO

LIVRARIA CHARDRON

DE LELLO & IRMÃO

Carmelitas, 144-Porto

1909

TALITHA



Pinto da Rocha

PINTO DA ROCHA

TALITHA

EVANGELHO EM TRES ACTOS

SEGUNDA EDIÇÃO

LIVRARIA CHARDRON

DE LELLO & IRMÃO

Carmelitas, 144-Porto

1909

O *accordo* assignado no Rio de Janeiro, em 9 de Setembro de 1889, entre o Brazil e Portugal, assegurou o direito de propriedade literaria e artistica em ambos os paizes.

A presente edição está devidamente registada nas *Bibliothecas Nacionaes*, de Lisboa e Rio de Janeiro.

Imprensa Moderna, de Manoel Lello

R. da Rainha D. Amelia, 61—PORTO

Grande premio na Exposição do Rio de Janeiro de 1908

PERSONAGENS

TALITHA, céga 18 annos

JOÃO FULGENCIO, cura da aldeia 80 "

DR. RUY DE ORNELLAS, medico 25 "

JOAQUINA, irmã do cura 65 "

MARQUEZA DE RILMA 50 "

UM ESCUDEIRO—CAMPONEZAS—LAVRADORES

A acção passa-se em uma aldeia da Provincia de Traz-os-Montes,
Portugal

ACTUALIDADE

INTERPRETAÇÃO

NO RIO DE JANEIRO EM 1906

Talitha	MARIA FALCÃO
Joaquina	JESUINA SARAIVA
Marqueza de Rilma	BARBARA WOLCKART
João Fulgencio	CHABY PINHEIRO
Ruy de Ornellas	HENRIQUE ALVES

NO RIO GRANDE DO SUL EM 1907

Talitha	MARIA FALCÃO
Joaquina	MARIA PINHEIRO
Marqueza de Rilma	OLIVIA DE ALMEIDA
João Fulgencio	CHABY PINHEIRO
Ruy de Ornellas	JOÃO LOPES

A *Talitha* subiu á scena, pela primeira vez, no Theatro Apollo, do Rio de Janeiro, em Agosto de 1906, na festa artistica da eximia actriz Maria Falcão.

E tomando a mão da menina disse-lhe:

—Talitha cumi:—Filhinha levanta-te.

Novo Testamento. S. MARCOS, V. 41.

PRIMEIRO ACTO

Jardim, na residencia do Cura.—Á direita, um banco de pedra junto a um poço: á esquerda, frontaria da casa. Grade ao fundo, com portão.—
Vista de estrada e campo.

SCENA I

Joaquina e Ruy

Joaquina

Louvado seja Deus! Como está bello e forte!

Ruy

É verdade, Joaquina, o clima aqui da terra encheu-me novamente o coração de alento. Posso dizer que entrei neste bondoso lar vigiado, sem dó, pelos olhos da morte. E agora, a luz do Sol, os perfumes da serra, as aguas desta fonte, o sadio alimento, o seu cuidado santo, amigo e tutelar, fizeram-me robusto.

Joaquina

E Deus não lhe fez nada?^{12}

Ruy

Foi elle quem salvou a minha mocidade, porque a divina mão que fez os céos e os montes, que deu flores á terra e deu frescura ás fontes, que faz vibrar a luz e a voz da passarada, que impelle a nuvem branca em plena immensidade, um dia vos creou as almas caridosas que vivem nesta casa, humildes e serenas, felizes com o Bem, suaves como as rosas, mais simples do que o trigo, a neve e as açucenas!

Joaquina

Então, menino, crê tambem que Deus existe?!

Ruy

De certo, minha amiga.

Joaquina

E não é um hereje,
dessa raça maldita e negra que desmente
as obras do Senhor?

Ruy

Ingenua creatura!
É tão alegre a crença e não crêr é tão triste,
que mesmo sem querer o coração da gente
acredita num Deus que todo o mundo rege,
num Pae que assim te deu alma simples e pura!
Faz tanto bem, Joaquina, acreditar em Deus
e adormecer á noite abrindo a consciencia
aos beijos do luar, sorrir de madrugada
á frescura que vem do azul ethereo e vasto,^{13}
que o nosso olhar ascende ás amplidões dos céos
sem esforço nenhum, como a espiral da essencia
que se evola da flôr, se a abelha delicada
lhe poisa na corolla o vôo leve e casto!

Joaquina

Bemdito seja Deus! Não póde imaginar
como eu fico contente ouvindo assim fallar!...

Ruy

Mas que idéa fazia então de mim? Julgava
talvez que eu fosse atheu?

Joaquina, benzendo-se

Deus me perdôe... pensava!

Ruy

Como poudes a sua alma angelica e tão boa
fazer-me, sem motivo, essa enorme injustiça?

Joaquina

Ah! mas não foi por mal, nem o pensei á tôa:
eu nunca o vi rezar, eu nunca o vi na missa...
E a gente vê só cara e não vê corações...

Ruy

E se o visse, Joaquina!...

Joaquina

E que é que me servia
o ver-lhe o coração?^{14}

Ruy

Nada, é certo. Entretanto
conheceria bem as minhas intenções,
a esperança que faz brotar, em cada dia
que passa, um pensamento alegre, puro e santo...

Joaquina, interrompendo

É, mas diz o rifão que está o inferno cheio
de boas intenções!...

Ruy

Tem razão; mas não minto
se lhe disser também, lealmente, o que sinto:
às vezes mais parece um verdadeiro inferno
este peito infeliz...

Joaquina, benzendo-se

Abrenuncio, menino!...
Mas que blasfemia a sua e que peccado feio!...
Um homem que acredita em Deus, bondoso e eterno,
em Deus Nosso Senhor, não diz tal desatino!...
Virgem Maria! Credo!

Ruy

Alma boa de santa!...
A tua vida inteira adormeceu. A aurora
já para ti não tem aquelle brilho vivo
que a primavera, em luz, alastra pelos campos...
Tudo se transformou em outra vida; agora
a fonte já soluça, a brisa já não canta;
aos teus olhos a lua é d'um fulgor esquivo,
o sol não tem calor, o céu já não é glastro,
as estrellas febris parecem pirilampos;^{15}
trazes o teu olhar constantemente a rastro;
sómente a fé te anima; é por isso que extranhas
o inferno abrasador que muita vez domina
a minha mocidade.

Joaquina, com sorriso

Isso me bacoreja
algum amor perdido ahi por essas eiras...

Ruy

É possível, quem sabe? Os ares das montanhas

tem caprichos assim, póde bem ser, Joaquina!

Joaquina, cariciosa

E diga-me, que olhar é esse que negreja
a sua vida alegre? Ha tantas feiticeiras!...

Ruy, enleiado

Que olhar?

Joaquina, interrompendo

Mas é segredo?

Ruy

É, por ora é segredo...

Joaquina

Ah! não confia em mim?! bem sei, bem sei, tem medo
que eu descubra o mysterio, a princeza encantada
que assim lhe traz a vida em tantas amarguras...{16}

Ruy

Não é mysterio, não. É... cousa complicada!...

Joaquina

Faz muito bem zelar a flôr dos seus amores;
não os conte a ninguem; se acaso as desventuras
lhe roubarem o somno agarre-se com Deus...

tomando-lhe a mão e fallando-lhe ao ouvido

Reze constantemente á Senhora das Dôres.
Acceite este rosario e tenha-o por bordão.
É bemaventurado aquelle que padece,
porque é d'elle, menino, o reino azul dos céos...
E Deus a quem promette estende sempre o pão;
reze e será feliz... Essa alma bem merece...

Ruy

Santa velhinha, santa...

Joaquina, tapando-lhe a bocca

E nem um ai, silencio...
Olhe quem vem ali...

Ruy, voltando-se

O Padre João Fulgencio
e Talitha; meu Deus!... Pobre, infeliz Talitha!...

Joaquina, a Ruy

Parece que ficou um tanto atrapalhado...{17}

Ruy, encobrindo a verdade

Sempre que a vejo, assim tão cheia de bondade e
céga...

Joaquina

Então, que sente?...

Ruy

Uma dôr inaudita,
que reveste de luto as minhas alegrias:

Ha tanta luz espalhada
na concha astral dos espaços!
E os olhos della tão baços!
E a fronte tão macerada!

SCENA II

Os mesmos, **Padre João e Talitha**

Talitha vem apoiada ao braço de padre João

Padre

Pois Deus Nosso Senhor nos dê muitos bons dias.

assenta Talitha: a Ruy, apertando-lhe a mão

Como passou a noite?

Ruy

Assim; mais descançado...
Sonhando... E o Senhor Cura?...{18}

Padre

Eu? Ah! na minha idade
já se não dorme; eu passo a noite toda em claro,
de rosario na mão, pedindo a Deus por nós!
E quando surge o dia e mal o Sol desponta,
dando o braço a Talitha, encaminho-me á Igreja.

Talitha

Diz a missa que ou ouço...

Padre

E é raro, muito raro,
voltarmos ella e eu, da Igreja a casa, sós.
Ás vezes vem conosco esse infeliz sargento
que arrasta por ahi o longo soffrimento,
velho e cego tambem, e eu, mortíça candeia,
a conduzir os dois pelas ruas da aldeia!

Talitha

Mas o senhor doutor, por mim nunca dei conta,
nem uma vez, sequer, nos acompanhou! Veja!
No emtanto está conosco ha sete mezes, não?

Joaquina

Isso mesmo eu já disse...

Ruy

Eu dei a explicação...

Talitha

E poder-se-á saber? Não é curiosidade?^{19}

Padre

Talvez seja, talvez...

Ruy

Não é!

Talitha

Então ouçamos!...

Ruy

Eu rezo no silencio o santo sacrificio,

no fundo de minh'alma elevo o meu altar,
sob o docel azul das minhas esperanças!...

Padre

E eu sem conhecer mais essa novidade!...

Talitha

Qual?

Padre

Esta que o Doutor nos deu, mas aprendamos...

Ruy

Padre não é sómente aquelle que a rezar
esgota uma existencia ao peso do cilicio
e vae pelas manhans, feliz como as creanças,
curvar humildemente a frente e a consciencia,
na sombra da capella, aos pés do Redemptor...

Talitha

Mas ha d'outros, então?{20}

Padre

Eu não conheço, filha!

Ruy

Sacerdote é tambem aquelle que tem culto
ao qual offereceu toda a sua existencia.
Padre, quem se dedica um dia com fervor
a amar alguém na terra a cujos pés se humilha,
tambem é sacerdote...

Padre

E eu, sacerdote, exulto
ouvindo do seu labio esta expressão severa.

Joaquina, que tem guardado silencio, enlevada pelas palavras de Ruy

Bemdito seja Deus! menino, quem me dera
conhecer a mulher que tem um filho assim...

Talitha

Só eu não posso vê-lo!...

Ruy, entre alegre e enleado

Obrigado, Talitha!

Talitha

Não tem que agradecer, disse-o sinceramente!
Que póde desejar mais uma céga, diga?...

Padre

Mas conforma-te, filha, espera que o Senhor,^{21}
ouvindo-me a oração, tenha pena de mim
e acuda com remedio ao mal dessa desdita!

Ruy

Como eu fôra feliz...

Joaquina

E eu seria contente!...

Ruy

Se pudesse voltar, ó minha boa amiga,
aos seus olhos de céga o perdido fulgor!...

Talitha

Nunca mais, nunca mais...

Padre

Porque é que te condemnas
se toda a nossa vida é uma esperança apenas?...

Talitha

Se é toda de esperanças esta vida,
já me fugiu aquella que voava
bem junto do meu seio e que roçava
sobre a minh'alma a aza foragida.

Nem sei onde ella vae, talvez perdida
nao volte a mim por não morrer escrava
na escuridão da noite immensa e cava
dos meus olhos sem luz e sem guarida...

Nunca mais fulgirás, dôce promessa,
na minha treva densa e prematura,
como o branco luar em noite espessa.^{22}

Se vive, o olhar dos cégos não fulgura,
dorme na sombra e de sonhar não cessa
na tristeza sem fim da noite escura!

Ruy

Não descreia, Talitha, as suas illusões
não fugiram, por ora, esparsas na lufada!
Quem foi que lhe roubou a ultima esperança,
que braços sem caricia, ou duras privações
lhe puderam vibrar tão rude punhalada?
Pois bem, toda a minh'alma alegre se abalança
a dizer-lhe, Talitha: —o seu formoso olhar
tão cheio de fulgor, um dia ha de voltar...

Joaquina

Só milagre de Deus!

Padre

E Deus póde fazel-o:
é Pae de todos nós!

Talitha, com desanimo

Tenho rezado tanto!

Ruy

Implore mais ainda, espere, tenha crença!

Talitha

Tenho pedido muito e tanto me flagello
que banho as orações nas bagas do meu pranto
e aqueço-as ao calor da minha dôr immensa.
A mesma escuridão tremenda me apavora,^{23}
nem um raio do luz, nem um vago lampejo;
nunca mais hei de vêr o campo que se inflora
nem do luar terei um luminoso beijo...

Padre

A tua redempção ainda não surgiu...

Joaquina, pondo as mãos

Eu tenho tanta fé!

Ruy

O meu presentimento

não sei o que me diz...

Talitha

Que o coração sentiu,
que a sua alma pensou nessa doce ventura,
eu creio porque sei quanto é nobre e bondoso.
Mas eu creio também que o meu cruel tormento
sómente acabará no chão da sepultura,
onde tudo tem fim, embora tenebroso!...

Padre, olhando o céu

Perdôa-lhe, Senhor, ella ignora o que diz...
Se tem soffrido tanto esta pobre infeliz!...

Talitha

Eu sei bem o que disse; a minha crença é essa.
Ha muito que eu imploro ao céu a protecção
e rezo com fervor á doce Conceição,
pedindo-lhe, a chorar de dôr, que não esqueça
a minha noite escura e tristemente agreste^{24}
como a sombra que faz a copa de um cypreste.
Aos pés do seu altar curvei-me como escrava
e enquanto pela igreja o incenso espiralava,
e as simples orações subiam na espiral,
fechei-me na mudez do meu fervor mental
e fiz uma promessa...

Ruy, com interesse

E então qual foi, Talitha?

Talitha

Votar a minha vida ao divino serviço,
se um dia terminasse o meu padecimento;
nem peço mais a Deus, é tudo o que cubiço.

Ruy

E se tornar a ver?

Talitha

Entrarei num convento
a vestir o burel de freira Carmelita.

Padre, crente, pondo as mãos

Se Deus te ouvisse, filha!

Joaquina, *com unccção religiosa*

E o Bom Jesus quizesse!...

Ruy, *com amargura*

Se tivera valor a minha humilde prece!...{28}

Talitha, *curiosa*

Se tivera valor, que lhe faria, Ruy?

Ruy

Não pediria a Deus esse milagre extremo...

Talitha

Porque?

Ruy

Porque seria arrancar-a da treva
e lançar-a de novo em mais cruel negrura.
Juntando toda a fé que de minh'alma flúe
eu iria pedir, como um favor supremo,
que as almas alevanta e os corações eleva,
que me guiasse a mão na lucida aventura
de devolver-lhe um dia ao seu olhar perdido
aquelle brilho antigo e aquelle ardor de outr'ora
que faziam inveja ao proprio olhar de Flóra!

Padre

E seria capaz?

Joaquina

Credo!

Sae{26}

SCENA III

Padre João, Ruy e Talitha

Ruy

E tão convencido

estou de que o Senhor a mão me guiaria
nesse instante feliz, que não hesitaria
um momento sequer... A simples catarata
é fácil de operar e em dez dias exactos
Talitha voltaria á luz que o céu desata
e que dá vida á terra, aos fructos e aos regatos!...
Pense, Talitha, pense e permitta que eu faça
esse dôce milagre.

Talitha

E eu tornarei a vêr
o presbyterio, a fonte, a madrugada, as aves,
as abelhas sugando o mel dos jasmineiros?

Ruy

Os seus olhos verão a luz da eterna graça
no sorriso gracil da alvorada, ao nascer
nas bandas do oriente em nuvens tão suaves,
como um rebanho astral de timidos cordeiros!

Talitha

E que mais hei de vêr?

Ruy

Que mais? Verá tambem
um velhinho a sorrir com lagrimas na face,^{27}
e uma velhinha branca e trémula a chorar,
e ao pé delles, alegre, o olhar de mais alguem,
numa dôce oração tão leve e tão feliz,
como se a propria brisa aqui se demorasse
um momentinho só tambem para rezar!

Talitha, alegre

E eu voltarei de novo aos encantos da luz?
E hei de vêr tambem o jardim do mosteiro
onde floresce a fé que a nossa vida arrima,
as rosas enfeitando a Virgem que as anima,
o corpo de Jesus exanime e trigueiro,
entre cirios a arder, deitado sobre a cruz?...
E então assim feliz...

Ruy, interrompendo

E então, Talitha, e então?

Talitha

Rezarei pelo Ruy, tão bom, tão generoso,
que trouxe ao meu olhar escuro e tormentoso

a esmola angelical d'um lucido clarão!

SCENA IV

Os mesmos e **Joaquina**

Joaquina, *entrando*

Padre Cura, uma carta.

Padre

Uma carta? Mas donde?^{28}

recebe-a e examina

Hum! e de quem será?

Talitha

Joaquina, dê-me o braço...

Joaquina dá-lhe o braço. A Ruy

Dr. Ruy, até já.

ao cura

Até já, meu Padrinho...

Ruy, *que se tem conservado triste*

Talitha!...

Talitha, *voltando-se*

Meu Senhor!...

Ruy, *indo a ella*

Perdão, Talitha... nada!

Talitha

Arrependeu-se, não? E também não responde...
Desconfia de mim?... Outro tanto eu não faço
Doutor, a seu respeito; eu bem sei, adivinho...

Ruy, com interesse

Que foi que adivinhou?^{29}

Talitha, com malícia

Uma coisa adorada...
que só tres corações conhecem bem: o seu,
o della, e o Senhor que tudo vê do céu...

Ruy, admirado

Della, Talitha, quem?

Joaquina, com intenção

Daquella princesinha
d'olhos da côr do céu, vestida de andorinha...

Talitha

Ouviu, Doutor, ouviu?

Ruy

Juro...

Talitha, interrompendo

Não jure falso!...

a Joaquina

Vamos, Madrinha, embora: é tempo de almoçar.

sahem^{30}

SCENA V

Padre João e Ruy

Desde que recebe a carta, Padre João lê com a maior atenção. Pela sua face corre toda a expressão de espanto que vae recebendo. Quando sahem Joaquina e Talitha, o Padre conclue a leitura e fica a meditar. Ao aproximar-se Ruy, suspende-se.

Padre

Esta agora é que foi!

Ruy

E que foi, Senhor Cura?

Padre

Quem sabe? Póde ser um pequeno precalço, mas póde ser tambem que venha de mistura alguma dôr maior. E não posso evitar!...

Ruy

O que essa carta diz deixou sua alma afflicta: um segredo talvez que vive no seu seio?!...

Padre

Foi, sim, mas ja não é. Agora só receio que m'a levem daqui...

Ruy

Que a levem? quem?^{31}

Padre

Talitha...

Ruy

E quem a levará deste remanso augusto? O convento, a promessa?...

Padre

Oh! não...

Ruy

Não tenha susto!
E quem mais poderá, nesse caso, arrancar-a do lar em que nasceu?

Padre

A Mãe...

Ruy, *surprehendido*

Ah! mas... então...

Padre, *baixinho*

Então... já percebeu?! Ella foi engeitada...
Eis aqui o segredo em que esta vida abraço.

baixa a cabeça, scismando

Ruy, *depois de uma pausa*

Oh! meiga creatura!

Padre

E não poder salva-a!...{32}

Ruy

Engeitada!...

Padre

Sim, sim. Ao romper da alvorada.
Ha muito tempo já. Inda no céu brilhava
a estrella da manhã; vieram procurar-me;
bateram ao portal com desusado alarme...
Ergui-me e fui abrir; a neve branqueava
os campos e eu pensei que um pobre moribundo,
no momento supremo em que deixava o mundo,
quizesse receber da minha propria mão
o balsamo final da santa extrema-uncção,
e abri desta choupana a porta sempre franca.
Parecia o jardim uma toalha branca.
Era um frio cruel, cortava como fôsse
o gume de uma faca e o fio de uma fouce...
Sahí, olhei em roda e já não vi ninguem.
No céu luzia só a estrella de Bethlem!
Não sei porque a fitei nesse feliz momento.
Um silencio profundo amordaçava o vento;
dormia a natureza um somno indefinido,
vibrou então no espaço um timido vagido...
Estremeci de horror...

Ruy, *com anciedade*

Era a pobre Talitha?!

Padre

Approximei-me e vi, aqui junto do banco
um cestinho de verga envolto em panno branco.
Banhou-me o coração uma dôr infinita.
Na tragica mudez da alvorada deserta
tomei nas mãos, tremendo, a delicada offerta {33}

e agasalhei-a ao peito, assim, para aquecel-a
como quem agasalha o corpo de uma estrella
que tombasse do céo...

Ruy, com mais anciedade

E esse penhor amigo?!...

Padre

A meu lado cresceu e formou-se o thesoiro,
alma rica de luz, feita de amor e d'oiro.
Parece que ao romper daquella madrugada
tão fria, tão cruel, mas tão abençoada,
que eu lembro com saudade e que inda hoje bemdigo,
teve o banho castalio, o baptismo de luz
da mesma estrella exul que baptisou Jesus.
Por isso é que minh'alma agora não sopita
a magua de perdel-a...

Ruy

E quem terá coragem
energica e viril de arrebatat Talitha
ao seu amor leal e bom, dôce miragem,
no deserto feliz desta velhice austera?

Padre

A mãe que a vem buscar...

Ruy

A mãe não tem direito...
A mãe que engeita a filha é peor que uma fera!

Padre

Mas é mãe!...{34}

Ruy

Sim, será, sem coração no peito.

Padre

Engana-se, doutor, a mãe que hoje a reclama,
depois de tanto tempo, é que lhe tem amor...

Ruy

Como a engeitou, então?

Padre

A fera também ama...
Quem sabe o que terá sofrido essa mulher?
Sabe-o somente o céu, calcule-o quem puder.
E diz-me o coração que vou perdê-la em breve.

Erguendo as mãos ao céu

Não me tires, meu Deus, esse gentil penhor!
Repara que já tenho os cabelos de neve,
tão tremulas as mãos, e os lábios descorados,
como sonhos que vão batidos e levados
num extremo soluço... O que eu tenho no mundo,
pouco mais é que um ai e o golpe agora é fundo!

Enxuga os olhos e sáe{35}

SCENA VI

Ruy e Talitha

Ruy vê sair o Padre e fica pensativo, fitando os olhos no chão, sentado no banco de pedra. Depois de uma pausa, Talitha desce, tateando, até junto d'elle.

Talitha

Padrinho, então não vem?

Ruy, sobresaltado

Ah! Talitha...

Talitha

Perdão!

Pensei que estava aqui...

Ruy

Já se foi...

Talitha

Obrigada...

Vae retirar-se

Ruy

Talitha!

Talitha

Senhor Ruy! {36}

Ruy

O seu bom coração
inda não lhe contou, baixo, muito baixinho,
quasi a tremer de medo e susto, um segredinho,
diga, não lhe contou?

Talitha, com muita simplicidade

Que pergunta engraçada!

Ruy

E vive então sereno?

Talitha

Ah! Sim, tenho certeza!

Ruy

É bem feliz, Talitha, a sua singeleza!
Outro tanto, porém, ao meu já não succede
que o sinto palpar aceleradamente,
como quem vae fallar e o soffrimento impede.

Talitha

Eu bem lh'o disse ha pouco...

Ruy

Entretanto eu lhe juro...

Talitha, interrompendo

Não jure que é peccado a jura de quem sente
que não diz a verdade. É mais bello e mais puro
não negar. {37}

Ruy

Tem razão, mas eu não disse, ainda qual era o juramento...

Talitha, *ingenua*

E qualquer que elle seja...

Ruy

Diga, diga o que sente...

Talitha

Ha de ser...

Ruy, *curioso*

Ha de ser?

Talitha

Não digo...

Ruy

Diga, sim, a sua voz bemvinda
ha de me dar a esmola honesta e bemfazeja
que a minh'alma sem luz precisa de viver.
E do seu labio casto apenas um sorriso
vale mais que uma estrella e rasga um paraíso.

Talitha

Assim o quer, direi; jamais o seu protesto
póde ser verdadeiro...

Ruy

E porque não, Talitha?...{38}

Talitha

Não sei, não sei porque. A jura é como o gesto
que abala fortemente, a nossa vida agita,
mas passa e foge...

Ruy

Ah! sim, quando falla sómente
o labio, sem fallar tambem o coração...
Ah! de certo que assim o labio sempre mente.
Mas quando o sangue estúa e faz tremer a mão

de quem jura, Talitha, ou quando a fronte em braza,
apenas num momento, empallidece e tomba,
bem como se a roçára a ponta fria da aza
feita de gelo e dôr de alguma extranha pomba,
quando um homem que sempre olhou de frente o sol
tem medo de encarar o olhar de um rouxinol,
e treme até de ouvir-lhe a voz encantadora,
quem sempre ouviu sorrindo a furia rugidora
do vento e dos trovões...

Talitha, interrompendo

Então?...

Ruy

Assim revela
que é grande, generoso e casto o sentimento
que apenas se traduz e que tão mal se vela
na gaze pueril d'um simples juramento!

Talitha, ingenua

Quem foi que o ensinou a fallar assim?

Ruy, tímido

Digo?...{39}

Talitha, ingenua

E porque não? Quem foi?...

Ruy, tímido

Nem mesmo eu sei, Talitha!

Talitha, insistido

Nem sabe onde aprendeu?

Ruy, sorrindo

Quer aprender commigo?

Talitha, ingenua e triste

Não me quer responder, nem confessa, nem nega...
Se eu pudesse aprender, de que valera á céga
saber fallar assim?

Ruy, triste

Á céga?

Talitha, *simples*

E á Carmelita?...

Ruy, *ancioso*

Á Carmelita!... e quem lhe disse que os seus olhos recuperando a luz, como duas estrellas, irão illuminar as fragas e os escolhos das montanhas da Syria, entre as monjas Carmellas? Quer sepultar-se em vida?^{40}

Talitha

E não é cemiterio maior a escuridão deste pavor funereo, sem vêr o sol que doira as nuvens do poente, sem vêr a lua assim como um berço dolente embalando no azul um sonho que não morre, não vêr duma colmeia o mel que filtra e corre como um rio de luz nascendo num enxame, sentir e adivinhar a suprema belleza da madrugada em flôr, das noites constelladas, dos mares e do céu, de toda a natureza, ter olhos e não vêr, inda haverá quem chame vida a tal vida? Não! Mais negras, mais cerradas do que esta noite immensa e triste, sem estrellas, não póde ser, de certo, a solidão das cellas, e o sol que tudo aquece, aquecerá de leve a macerada fronte á monja que não teve nem um seio de mãe que um dia a amamentasse, nem a luz d'um olhar na pallidez da face, e nem um coração...

Ruy

Talitha!

Talitha, *ingenua*

Meu doutor!

Ruy, *com intenção*

Um coração?

Talitha, *ingenua*

Qual foi?^{41}

Ruy, *tomando-lhe a mão*

O meu...

Talitha, compreendendo, envergonhada

O seu?

Retira a mão

Ruy, enleiado

Perdoe.

Pausa prolongada

Talitha, implorando

Que mal lhe fiz?

Ruy

Rasgou-me o coração, Talitha;
e pensará, talvez, que não me fere a dôr
de vê-lo assim rasgar?

Talitha, humilde, implorando

Mas creia, Ruy, que foi
sem que eu desse por isso. E se o mal está feito
seja agora gentil e não me rasgue o peito.
Esqueça a minha falta, esqueça esta maldita,
não se lembre da céga e deixe-a definhar
na torva escuridão desta noite polar...

Ruy

E se eu não conseguir tirar do pensamento
o seu casto perfil, celeste e macilento,
se a minh'alma quizer viver escravizada {42}
unindo o meu destino á corrente doirada
que me prende, sorrindo, ao seu cruel martyrio,
se o meu olhar prefere esse apagado cirio
dos seus olhos de céga á lucida manhan
do amor sentimental de alguma castellan,
como esquecel-a então?

Joaquina aparece ao fundo

Talitha, triste

Não creio...

Ruy

Mas porque?
Já tão cedo a sua alma angelica descrê
da minha que, arrastada á fimbria azul da sua,
por toda a parte a segue e a seu lado fluctua?
Não recorda, Talitha, o dia amargurado
em que eu entrei aqui perdido e quasi morto?
Não se lembra da noite em que eu fui condemnado?
Não se lembra talvez das horas de conforto
que os seus olhos sem luz e a sua bocca em flôr
me trouxeram a rir, como um remedio santo
da minha vida enferma á cruciante dôr?
Não recorda talvez que esse supremo encanto,
essa graça divina, aligera e bemdita
a vida me salvou?

Talitha

Não creio...

Ruy, curioso

É tão cruel!
Porque razão não crê, a minha alma fiel
simplesmente traduz o que a sua entendeu?{43}

Talitha, com intenção

Só porque a sua mão na minha não tremeu.

Ruy

Entretanto, Talitha, eu amo-a...

Talitha, tremula

Ruy!...

Ruy, apertando-lhe a cintura

Talitha!

Beija-lhe docemente a mão

Talitha

Ah! E eu sem poder vêr o labio que me beija!...
Que destino fatal, que desgraçada eu sou!

Ruy

Não foi a minha bocca ardente que a beijou.
Foi o dôce rumor da abelha que voeja
sugando á sua mão de branca flôr de liz

o magico licôr, o aroma delicado,
que vem do rosicler florido e perfumado,
no sangue que palpita em vibrações subtis!!

Talitha

Mas, Ruy, o seu amor não ve como eu sou pobre!!

Ruy, interrompendo

Pobre sou eu que peço a esmola angelical
desse affecto gentil que a vida transfigura. {44}

Talitha

Tão pobre que não tenho um Pae que me conforte,
nem caricias de mãe que veja esta tortura...

Ruy

A sua alma divina essa tortura encobre...

Talitha

Tão pobre que este olhar perdido é glacial
como um floco de neve, e a desfazer fluctúa...

Ruy

Os seus olhos sem luz tem mais fulgor que a lua.

Talitha

Engeitada ao nascer vivo esperando a morte...

Ruy

Alma branca de luz que illuminaste
a ventura das minhas esperanças,
bemdito seja o véo de negras tranças
que sobre a minha vida desnastraste!

Bemdito seja nesse dôce engaste
das palpebras subtis brancas e mansas
o mesto olhar que cobre de bonanças
a vida deste amor que tu salvaste!

És para mim a linha do horisonte,
curva do céu, á noite, constellada,
agua lustral de uma sagrada fonte,

toda a ambição dest'alma allucinada,
e a nuvem que circumda a minha fronte

como um disco de treva avelludada...{45}

Talitha, *de mãos postas*

Meu Deus, e nunca mais, nunca mais hei de vê-lo!...

Ruy

Sim, Talitha, verás; o meu maior desvelo
ha de ser o fulgor do seu formoso olhar.

SCENA VII

Os mesmos e **Joaquina**

Joaquina, *que tem ouvido tudo, feliz e contente, vem descendo com lentidão e junto de ambos exclama:*

Caia a benção de Deus neste formoso par...

Ruy e Talitha, surpreendidos, afastam-se

Ruy, *recuperando a serenidade*

Talitha assim o quiz!

Talitha, *perturbada*

A culpa não foi minha...

Joaquina, *sorrindo e acariciando-a*

A culpada fui eu que te deixei sósinha!

CAE O PANNO{46}

SEGUNDO ACTO

Sala de visitas em casa do Cura; tudo muito simples. Janellas e portas.
Um oratorio com lampada. Um pequeno organ.

SCENA I

Joaquina e Padre João

Conversando alegremente

Joaquina

Graças a Deus, chegou por fim o grande dia...

Padre

É verdade, é verdade! irmã, quem nos diria que a linda pequenita...

Joaquina

A formosa engeitada...

Padre

Que Deus nos enviou naquela madrugada inclemente de inverno...{48}

Joaquina, interrompendo

E parece-me ainda vêr a neve a cair num pó macio e branco no cestinho de vime, ali, ao pé do banco...

Padre

E eu tenho aqui no ouvido aquella prece linda que rezaste ao Senhor quando ella adormeceu depois de ter mamado...

Joaquina

E, lembras-te, que fina! Tão branquinha, tão loira, a rir, tão pequenina!

Padre

Se me recordo, irmã!?... Pois então, se fui eu quem primeiro velou, durante o dia inteiro, o somno encantador da candida innocente!... Se me recordo, então?!...

Joaquina, sorrindo

Mansa como um cordeiro!...

Mas uma coisa eu sei que esqueceste...

Padre, curioso

Qual é?

Joaquina

Não te digo, adivinha...

Pausa prolongada

É do primeiro dente...{49}

Padre, alegre

Ó Joaquina! É verdade! O que se fez!... Até parece que a alegria andava á tentação; e nós a rir, a rir, a rir perdidamente... Sempre ha coisas, meu Deus!...

Joaquina

A vida é uma illusão,
ligeira como o vento, ás vezes nem se sente,
não é verdade?

Pausa

Falla?...

Padre

É, de certo, Joaquina.

Joaquina

Pois então que mal faz que a gente esteja agora a rir do que lá vae por essa vida fóra?!... Pois agora é que é rir, que passou a desgraça, quando a gente é feliz té na morte acha graça.

Padre

Por causa desse dente estive a pequenina tres dias por um triz...

Joaquina, triste

Bem ás portas da morte...

Padre

Valeu-lhe a vela benta...{50}

Joaquina

Inda foi uma sorte
eu ter guardado aquella...

Padre, rapidamente alegre, interrompendo

Ó! mana, e o baptizado?...
Que festa! E que jantar! Aquelle frango assado,
com rodellas de paio; inda me estão lembrando
aquelle arroz de forno e aquelle vinho brando...
Recordas?

Joaquina, com malicia

Bem me lembro, até nesse jantar
o vinho começou a subir e a trepar...

Padre, interrompendo, com gravidade

Ó mana...

Joaquina, saudosa

E já lá vão uns bons dezeseis annos...

Padre, pensativo

Mas como corre o tempo!

Joaquina, nostalgica

E como a gente muda!...

Padre

A vida não é nada! A magua, os desenganos,
a enfermidade e a dôr fazem a gente velha;
e não ha santo algum no céo que nos acuda!{51}

Joaquina

Pois sim, sim, mas depois os filhos vão crescendo
e os paes a cada instante, a rir, vão-se revendo
na luz do seu olhar em que tambem se espelha
o tempo que passou...

Padre, interrompendo

Como o tempo é cruel!

E aquelle immenso mal que um dia nos feriu?...
Recordas? Que manhã! Mais amarga que o fel!

Joaquina, olhando o céu

Se me lembro, Senhor, quando ella ficou céga,
que só podia andar guiada por alguém!...
Não hei de recordar? Recordo muito bem!
Quanta vez, coitadinha, a chorar me pediu
que lhe fôsse comprar dois olhinhos melhores
para trocar os della...

Padre, limpando os olhos

Até se me despega
o coração de dôr!...

Joaquina

E nenhum dos doutores
atinou de a curar, nem sequer as promessas
deram com ella a vêr...

Padre

Quantas vezes subi
os tres degráos do altar e rezando pedi
ferventemente a Deus, por amor de Jesus,^{52}
que lhe tornasse a dar aos seus olhos sem luz
a visão que perdera...

Joaquina

E agora tu confessas
que a sorte a perseguiu sem dó nem piedade,
apezar de ella ser um mimo de bondade?

Padre

Confesso. Até que Deus mandou a desventura
da sua juventude a alvorada feliz
desse primeiro amor...

Joaquina

E se Elle assim o quiz!...

Padre

Que seja feita a sua energica vontade,
nos céos como na terra e que um dia a tortura
tenha fim!

Joaquina

Pois não teve, afinal?...

Padre

Eu não sei...

Dizem vocês que teve e a operação deixou o melhor resultado...

Joaquina

Elle diz que a curou!

O que elle fez não sei, nem mesmo perguntei mas que ella torne a vê...{53}

Padre

É isso o que deseja a minh'alma sincera, é vê-la venturosa! Entretanto, meu Deus, por que Talitha o seja é preciso, talvez, que a vara da desgraça me toque o coração e a fonte caprichosa das lagrimas estale. A dôr que me ameaça enche-me de pavor. Tenho um presentimento que me não abandona um dia, um só momento!

Joaquina

Isso não vale nada...

Padre

Entretanto eu medito naquelle casamento.

Joaquina, interrompendo

O casamento?...

Padre

Sim; o casamento, sim, que vae arrebatal-a á nossa pobre vida... Está, porém, escripto, e Deus que o destinou ha de por fim leval-a e nunca mais trazel-a aqui, junto de mim.

Joaquina

E quem nos diz a nós que essa desconfiança não seja apenas medo?

Padre

O coração, irmã!...{54}

Joaquina

Ah! Sim o coração... o coração também cança!
Já não regula o teu, nem serve de evangelho,
é coração de padre e padre muito velho...

Padre

Pois bem, não servirá, mas inda esta manhã,
por ocasião da missa, as lagrimas vertidas
tombaram-me da face ao calix consagrado,
ao recordar, então, que um dia, angustiado,
hei de vê-la partir! Como fôram sentidas
essas bagas leaes que, em silencio, chorei
e que juntas ao vinho eu mesmo consagrei!
Eu creio em Deus e espero o golpe do destino
como um favor do céu purissimo e divino!

Joaquina

Descança, meu irmão! O Ruy é bom rapaz,
tem muito amor á gente, ha de ficar, verás!
Parece alma de santo e só pensa no bem.

Padre

Póde ser, póde ser, mas recorda também
a promessa que fez a nossa pequenita
e, se ella conseguir outra vez a visão,
lá se nos vae embora a meiga Carmelita...

Joaquina

Ah! disso eu não receio; então crês que o convento
tenha força capaz de virar-lhe a razão
o fazel-a esquecer, assim, o casamento?{55}

Padre

Mas se não a levar o voto de noviça
ha de a levar o amor que quanto vê cobiça.
De certo a chamará, talvez para bem longe,
a palavra inspirada e convicta do monge
que nos fez o milagre e deu olhos á céga...
É por isso, meu Deus, que est'alma não socega!

SCENA II

Os mesmos e **Ruy**

Ruy, entrando

Bons dias, Senhor Cura.

A Joaquina

E a mãe Joaquina, então,
como passou a noite? Aposto que sonharam
muito commigo, sim?

Padre

Foi tal qual!...

Joaquina

Pois eu, não;
tive mais que fazer, dormi regaladinha
durante a noite inteira...

Ruy

E bem conchegadinha?^{56}

Joaquina

Nem mais!...

Ruy

E claro então que nem, sequer, cuidaram
de Talitha...

Joaquina

Cuidei, sim senhor...

Ruy, prazenteiro

Não entendo...
se dormiu toda a noite...

Padre, a rir

É, eu não compreendo
tambem como se possa, a um tempo só, dormir
e velar!... É bem certo o rifão: mais depressa
se agarra um mentiroso...

Ruy, concluindo

Exacto; do que um coxo...

Ambos riem muito

Joaquina

Mas eu é que não sei que tanto tem que rir!

A Ruy

Nem é da sua conta

ao Padre

e nem da sua! Peça^{57}
a Deus Nosso Senhor que dê mais tento aos dois:

batendo com um dedo na testa

talvez haja por lá um parafuso frouxo...

Padre, com gravidade comica

Ó mana, isso é demais...

Ruy, abraçando-a

Não vá subir á serra;
deixemos essa historia a resolver depois
e vamos conversar da luz que se descerra
e que hoje ha de fazer toda a nossa alegria...

Padre

Fallava eu nisso mesmo antes da sua entrada.

Joaquina

E quer saber, menino, o que elle me dizia?...

Ruy

Pois diga, francamente, e não esqueça nada...

Padre

Não havia segredo, era tão natural
e tão simples, meu Deus, o que eu dizia ha pouco...

Joaquina

Deixe-o fallar, menino, anda que é mesmo um louco;
não diz coisa com coisa, a tudo julga mal
e já pelo peor!{58}

Contando pelos dedos

Primeiro, que a pequena
breve nos deixará, que o Ruy vae desposal-a,
e depois, o convento: ora veja se cabe
uma cantiga assim na cabeça d'alguem?
Se ella ha de preferir aquella quarentena
á casa dum marido!... A mim já não abala
essa ideia!...

Ao Padre

Você nunca soube, nem sabe
um marido bonito os encantos que tem...

A Ruy

Finalmente, receia...

Padre, interrompendo

Eis onde pega o carro!...
E sabe Deus, Doutor, que se não fôsse a crença!!...

Ruy

Pois bem, Joaquina, diga, em que é que o Cura pensa?

Joaquina

Que depois de casada...

Padre, interrompendo

Ouçã-me então, eu narro:
Receio, é natural, que ella siga o marido,
e venha a solidão morar nesta choupana
onde eu mesmo não sei como tenho vivido!
E que será de mim e que será da mana,
diga-me, Ruy, tambem o que será de nós,{59}
dois velhos, nesta casa, enfermos e tão sós?...
vendo, a cada momento, a lueta nos escolhos
da saudade e da dôr, sem ter no dia extremo
aquella mão leal que feche os nossos olhos?!...
Fique sabendo, Ruy, porque motivo eu tremo...

Ruy

Sim, mas não tem razão, pensemos na ventura,
nessa imensa ventura...

Joaquina, interrompendo

É mesmo assim que eu penso...

Ruy

Que vae sentir Talitha ao vêr a luz do sol,
tantos annos depois de longa noite escura,
envolto o dôce olhar num véo pesado o denso!
Vamos fallar de nós, deste novo arrebol
que nos ha de banhar o coração e a alma,
como um luar de outomno, uma alvorada calma,
quando ella abrir á luz a languida pupilla
dos olhos ideaes, tão doces e tão flavos,
que são como um casal de abelhas que assimilla,
nas flôres dos jardins, o loiro mel dos favos.
Pensemos na expressão que o seu olhar vae ter
quando ella vir ao sol tão brancos os cabellos
do Senhor Cura...

Padre

Assim como a neve a descer
sobre a minha cabeça, em flócos e novellos... {60}

Joaquina, saudosa

E nós dois a curvar ao peso da nevada,
o corpo já pendido, a procurar a estrada
que vae á eternidade...

Ruy, interrompendo alegremente

E já pensou, Joaquina,
no famoso jantar?

Joaquina

Não, depois se combina.
Como faltam ainda uns dias ao Natal
vamos tratar primeiro...

Padre, atalhando

Isso! do nosso almoço,
porque eu já estou sentindo um enorme alvoroço
cá por dentro.

A Ruy

Que diz?

Ruy

Tudo quanto fizer
a mãe Joaquina, está bem feito.

Joaquina, ironica

Agradecida!
Eu já volto.

Sae{61}

SCENA III

Padre e Ruy

Padre

Então, Ruy, pensou no resultado
que vae ter para nós a sua operação?

Ruy

Tenho pensado muito e só me felicito:
parece que se abriu um vasto rosicler,
enchendo de perfume o lar da minha vida;
descanta-me no peito o coração alado
tão viva, tão alegre e limpida canção,
que me parece ouvir palpitar o infinito
e a dôce voz de Deus abençoar-me o nome...

Padre

Pois bem, Ruy, entretanto a duvida consome
os meus dias; medito e tenho muito medo
de uma lucha que vae ser travada, em segredo,
no seio de Talitha...

Ruy

E então que lucha é essa?

Padre

O encontro, á luz do Sol, do amor e da promessa.
Conheço-a muito bem. Alma branca de pérola,
possue alguma coisa assim divina e c rula.
Foi creada por mim, na dôce região

em que repouso a crença á sombra da oração...{62}
e sei que a pobresinha, um dia, prometeu
professar e vestir o burel carmelita,
se a Virgem lhe voltasse o seu perdido olhar.
A Mãe de Deus ouviu a prece, mas agora
que um novo dia aponta a curva azul do céu,
mostrando-lhe o porvir numa formosa aurora
de amor e de ventura, a angelica Talitha
verá, na sua frente, erguer-se e fluctuar,
constante, pertinaz, energica e severa,
a promessa que fez, a consciencia austera
a exigir-lhe que a cumpra e o seu primeiro amor
a sorrir e a tentá-la...

Ruy

Esse mesmo receio
tambem me preocupa. Eu já presinto a dôr
que vae, como um espinho, amargurar-lhe o seio.
Assim a Providencia ás vezes desconhece
o proprio mal que faz e como que se esquece
da victima innocente e nessa lucta enorme
a desgraça feroz que não cança, nem dorme,
de certo vencerá, se nós que a divisamos
ao longe, no horisonte, a deixarmos crescer
tão alto, que domine aquelle pobre ser.
E preciso pensar e vêr bem se afastamos
da sua intelligencia a ideia do convento,
como se afasta a flôr dos impetos do vento.

Padre

E quem terá prestigio e força de arrancar
áquella consciencia, a dôce, a delicada,
a candida expressão da promessa sagrada
que ella espontaneamente ergueu junto ao altar?{63}

Ruy

Não desejo arrancar essa illusão formosa
á crença da sua alma... A raiz dessa rosa
não é muito profunda, apenas esbraceja
á flôr do coração, por isso não viceja
ainda como o seio altivo e perfumado
de uma corola aberta!... Um botão delicado
agora principia a despertar á luz...
Dessa casta missão, que moverá Jesus,
sómente, Senhor Cura, a sua phrase austera
se póde encarregar; o prestigio da idade,
a alvura de luar das cans alabastrinas,
a palavra de amor, piedosa e severa,
do seu conselho bom, tão cheio de amizade,
a sua consciencia e as affeições divinas
que avizinham do céu o seu viver de santo,
a fé que o seu olhar inspira a quem o fita,
hã de estancar, por certo, a dôr, fonte do pranto,

nos olhos virginaes da mimosa Talitha.

Padre

Sacerdote de Deus que o serve, ha tantos annos,
nas duras provações, na dôr, nos desenganos,
sem nunca haver mentido uma só vez na vida,
tenho medo que a voz de commoção me trema,
que me fuja o valor á hora assim blasphema
de entregar á mentira esta fiel guarida...

Ruy

Caridosa mentira, ó culpa dôce e casta
que salva uma esperança e mais um anjo afasta
á amargura cruel de um grande sacrificio!
Responda, Senhor Cura, em sua consciencia,^{64}
acredita que Deus condemne uma existencia
purissima de flôr, a tamanho supplicio?
Que peccados terá Talitha a redimir
que precise descer em vida á sepultura,
agora que brilhou a estrella do porvir
aos seus olhos, sem luz, na densa noite escura?
Não mente, Senhor Cura, o labio quando salva:
é aspera a mentira e tem a côr terrena,
ao passo que a sua alma é branca, de açucena,
e a sua phrase é sã, é redemptora, é alva!
Em vez de sacerdote, a confessar a freira,
seja Pae que dirige o coração da filha!
Aquelle olhar sem luz, durante a vida inteira,
desviou-lhe a razão para diversa trilha.
Estenda-lhe o seu braço, ampare-a no caminho,
traga de novo a rola ao palpitar do ninho!

Padre

E pensa, Ruy, que um Pae, se tiver consciencia,
deva pedir que a filha afaste da lembrança
a promessa que fez, com tanta segurança,
quando implorava a Deus piedade e clemencia?...

Ruy

Meu amigo, nao vê que esse immenso fervor
nascia do tropel da magua e do pavor?
Que, assim feita, a promessa, além de não ser santa,
as almas enlanguece e os corações quebranta?
Não vê que faltou luz áquella intelligencia?
Que aquella alma vergou á estolida exigencia
do desespero intenso e bárbaro, que a ancia
de revêr inda o sol da sua alegre infancia
envolver-lhe a cabeça em nimbos de ventura
a levaram, talvez, nessa hora de tortura,^{65}
á extrema tentação de dar a mocidade
por um dia feliz de viva claridade?

Levita, cuja mão diariamente eleva
ao throno do Senhor a hostia consagrada,
levanta esse sacrario á curva constellada,
a flôr que pede sol não viverá na treva!...

Padre, depois de uma pausa

Pois seja assim, meu Deus! e tu que o vês perdôa,
porque ha no meu peccado uma intenção tão boa,
tão pura e tão leal, que eu sinto adormecido
o velho coração por nunca haver mentido...

SCENA IV

Os mesmos e **Joaquina**

Joaquina, entrando

Que grandes trapalhões, aqui a badalar
numa palrice enorme e toda a gente á espera
que o doutor mais o cura acabem de fallar...

Ruy

Por que ha de ser assim tão má e tão severa?

Padre

Rabugice de velha!...

Joaquina

É só meu o proveito...{66}

Ruy, abraçando-a

Deixe-o fallar, Joaquina, aquillo é tudo inveja...
da sua mocidade!...

Riem ambos

Joaquina, entre risonha e severa

Ai, ai! o malcreado!
Esquece a obrigação e falta-me ao respeito!
E a culpada sou eu! Ora não ha! Pois veja
que emquanto está gastando o seu palavreado,
seria bem melhor que cuidasse da enferma,
que vive ali no escuro abandonada e erma.

Padre

E você que fazia?

Joaquina

Eu fui tratar do almoço;
não andei de conversa á espera que o maná
nos cahisse do céu.

Ruy

Por isso falla grosso!

Joaquina

Não é da sua conta, ouviu?

Ruy, com a maior gravidade

Ouvi...{67}

Joaquina

Pois vá
tratar do seu dever porque não faz favor...

Padre

Então que succedeu?

Joaquina, amenisando a voz

É que a pobre pequena
já cançou de esperar e quer vêr se o doutor
lhe permite que venha até aqui á sala.

Padre

Que diz, Senhor Doutor?

Ruy

Que se Talitha ordena...

Padre

Pois faça-se a vontade...

Joaquina

Então, eu vou buscal-a...

Joaquina sae.—O Padre, ancioso, passeia ao longo da sala; Ruy, encostado á meza, olha para a porta por onde sahiu Joaquina.—Pausa cheia de anciedade.{68}

SCENA V

O mesmos, **Joaquina** e **Talitha**

Talitha entra de olhos vendados, pelo braço de Joaquina. Ruy e Padre vão ao seu encontro e tomam-lhe as mãos para conduzi-la a uma cadeira. Joaquina, deixando-a, vae cerrar as janellas e portas. Senta-se Talitha e conversam um pouco.

Padre

Como te sentes, filha?

Talitha

Afflicta, muito afflicta
por ver a luz do dia...

Ruy, tomando-lhe a mão

A mesma curiosa
de sempre!...

Talitha

Se parece á sua intelligencia
que não tenho razão!... Ha tantos annos cega!...

Joaquina

Deixa-o fallar, Talitha, isto é mais tagarella
do que as creanças, vês?

Ruy

Pois não creia, Talitha!...{69}

Padre, tomando Ruy á parte

Prepare o coração e veja que anciosa

aquella vida está... tenha a maior prudencia!

Ruy

É muito natural; só enquanto não chega
o instante de tirar a venda que lhe vela
o dulcissimo olhar...

A Talitha

Diga, Talitha, ainda
sente alguma dôr?

Talitha

Não! apenas a impressão
do lenço que me causa a maior afflicção,
a vontade feliz, viva, crescente, infinda
de vêr de novo a luz...

Ruy

E não ha quinze dias
que lhe descubro a vista?

Talitha

Ha, sim, mas lá no escuro,
onde eu não vejo nada...

Padre

Assim é que convem...
Depois de tanto tempo, então, já pretendias
vêr livremente o sol? Seria prematuro...{70}

Joaquina

É muito perigoso!...

Ruy

E sentia-se bem?
Chegou a distinguir, alguma vez, o aspecto
ou a forma geral de qualquer um objecto?

Talitha

Muitas vezes, pois não; primeiro vagamente,
depois com nitidez.

Padre, alegre

Mas então a doente
Recuperou a vista!?

Joaquina

Abençoada a hora
em que o menino entrou nesta pobre choupana!...

Ruy

Agradeçam a Deus!

Talitha

Doutor, porque demora
esta venda cruel que o meu olhar empana?

Ruy

Pois diga-me primeiro o que pensa de mim.

Talitha

Que é muito feio e máo...{71}

Joaquina

Bem feito!

Ruy

E da Joaquina?...

Talitha

Penso della que é santa e que tem de setim
côr da neve o cabelo, a pelle muito fina,
como eu creio que são as santas da capella.

Ruy

E o nosso Padre-cura?

Talitha

Um velhinho bondoso,
que vive para o bem e sobre os pobres vela!
Supponho que elle tenha a cabeça bem branca,
o olhar muito suave e d'expressão tão franca,
que appareça na face enrugada e senil
a dôce candidez da sua alma infantil...
E, cogitando assim, parece-me que vejo,

dos altos de uma torre, a uma enorme distancia,
como um jardim florido, a minha dôce infancia
vicejando a sorrir, a sombra do seu braço,
e o seu olhar de Pae enchendo todo o espaço
de luz, de muita luz, tão dôce e tão leal,
como o luar banhando as ondas de um trigal
numa noite estreitada, e o sangue me palpita
no seio, e o coração ardentemente agita
na immensa anciedade afflictiva e pressurosa
de poder innundar a sua mão rugosa
de lagrimas febris e de beijos sem fim. {72}

Ruy

Tantas coisas ao Cura e nada para mim!...

Talitha

Exactamente, Ruy; a saudade de vê-lo
augmenta a cada instante o meu triste flagello,
porque nos braços d'elle um dia adormeci
e não despertei mais... e ao Ruy...

baixando a voz

eu nunca vi...

Ruy, com caricia

Pois vae tornar a vêr a boa da Joaquina
que a trouxe ao collo, a rir, quando era pequenina.

Aproxima-se de Talitha para tirar-lhe a venda

Vae vêr o Padre-cura e matar os desejos
de lhe cobrir a face e as mãos de muitos beijos...
E vae me conhecer...

Tira-lhe a venda

Silencio. Commoção geral. Talitha, acostumada á treva, não supporta a luz; tapa os olhos com as mãos; depois habitua a vista, levanta-se, olha, procura anciosamente. Antes de Talitha distinguir cada uma das pessoas, encanta-se com a luz e com os objectos.

Talitha, á luz, correndo á janella

Céos! Vejo novamente
a luz que me faltou durante a meninice!
Ó Sol da minha infancia, a sorrir de contente {73}
torno a vêr-te de novo. Azul do céu, meiguice

que ha muito não beijava o meu perdido olhar,
como deves ser lindo ao dôce despontar
da madrugada clara!

Ao oratorio

Oratorio velhinho,
junto ao qual, em pequena, eu tanto vez rezei,
como sinto vontade, agora que revejo
o teu branco Jesus, do amor e do carinho
com que pela manhã e á noite eu te beijei,
e hoje, meu velho amigo, a estremecer te beijo!

Passa as mãos nos olhos, como para certificar-se que vê bem

Mas parece-me um sonho!

Pausa. De novo esfrega os olhos

Eu já não sou a céga...

Pausa

Eu vejo tudo...

Estaca; olha as paredes

Sim, sim tudo...

Olha para o tecto, baixa os olhos ao chão, volta-se para os lados, palpa as cadeiras, palpa a meza, corre á commoda

Eu não me engano.
Eu vejo a minha mão!

Olha para as mãos

Mais branca do que o panno{74}

pega o avental e examina

do meu lindo avental!

Põe a mão sobre o peito, como que desmaiada

Ah! coração, socega...

Neste momento Joaquina, receiando que Talitha caia, corre para amparal-a, dizendo

Joaquina

Credo! Jesus, Senhor!

Talitha, como que acordando aos gritos de Joaquina, ao vê-la tem uma commoção e exclama

Joaquina! ó boa e santa
velhinha, doce mãe que tanta dôr e tanta
lagrima derramaste, aos pés do meu bercinho!...

*Vendo o Cura, lança-se a elle, soluçando; abraça-o, beija-o, vê-o, chora, ri,
torna a abraçar-o, doida de alegria*

Mas como eu sou feliz, meu Pae, meu Avôsinho!

Deixa afinal o Cura e corre para Ruy

E Ruy que me salvou...

*Vae para abraçar-o, estaca: o pudor impede-a; baixa os olhos, em
silencio*

Ah!... Ruy... eu nunca o vi!...{78}

Padre, soluçando e enxugando as lagrimas, aproxima-se della, toma-lhe a mão e leva-a junto de Ruy

Beija-o, Talitha; beija, elle é digno de ti,
emquanto eu vou render a Jesus Christo, filha,
graças por essa luz que nos teus olhos brilha.

Sae, enxugando os olhos

Joaquina, a Ruy

Á Virgem prometti uma lampada accêsa
durante uma semana, e por sua intenção,
se Ella daqui levasse as dôres e a tristeza,
fazendo este milagre. Hei de accender o azeite
e rezar a seus pés, com toda a devoção,
pedindo á Virgem Mãe que este meu voto acceite.
Louvado seja Deus! O Céu vos abençoê!

Sae

SCENA VI

Talitha e Ruy

Depois de uma pausa prolongada

Talitha, sempre pudica

Porque me encara assim? Offendi-o? Perdôe.

Ruy, caminhando para ella

Fitei-a porque sinto o brilho desse olhar,
como um rio de luz suavissima, innundar^{76}
a minha mocidade inhospita e sombria,
num banho redemptor de dôce calmaria.
E parece-me vêr a sombra avelludada
da sua fronte branca, e pura, e macerada,
fugir espavorida á luz desse clarão...

Talitha

Que eu devo tão sómente á sua compaixão...

Ruy

Esqueça que fui eu...

Talitha, interrompendo

Não sei como se esquece...

Ruy

Então recordará, por toda a sua vida,
o nosso amor feliz?

Talitha

A sua alma duvida?

Ruy

Eu não duvido, eu peço, e vae na minha prece
quanto minh'alma tem de puro sentimento...

Talitha, curiosa

Na sua prece?

Ruy

Sim, tão cheia de fervor

como a casta oração que a sua crença augusta^{77}
soluça de manhã, mais triste que um lamento,
que vae, azul em fóra, ao throno do Senhor,
no murmurio subtil dessa bocca venusta.

Talitha

Eu nunca olvidarei a dulcida ventura
daquella noite densa, atormentada, escura,
em cujo manto negro a sua mão bondosa
rasgou a dôce aurora alegre e luminosa...
O caridoso amor, que os seus labios deixaram
gravado nesta mão que tanta vez beijaram,
foi um sonho feliz numa noite polar,
sonho de primavera em noite sem luar:
nunca mais sahirá d'entre as minhas lembranças.
Como um beijo de mãe na face das creanças,
a primeira affeição nunca se desvanece,
é como a flôr da lenda: a todo o instante cresce!
Se eu a esquecesse, Ruy, como seria ingrata!

Ruy

Talitha, minha vida, a densa cataracta
não pode escurecer a lucidez suprema
da sua alma christã, que vale um diadema
de rainha e de santa, a cujos pés se inclina
a minha alma que vae sobre a esteira argentina
que o seu vestido traça ao longo da jornada,
como no azul do mar as velas da jangada...

Talitha

E se a vela, batida ao vento da desdita,
levar á sombra eterna essa infeliz Talitha
que a sua mão salvou da mesma sombra eterna?^{78}

Ruy

Irei onde ella vá. Se a aragem fôr galerna
e o nosso amor levar a gondola encantada,
sobre o dorso da vaga em branca espumarada,
eu seguirei, sonhando, á prôa, na epopêa
que o seu divino olhar de candida sereia
ha de inspirar, sorrindo, a quem o illuminou.
Se o vento arremessar a vela que enfunou
á rude penedia e sossobrar a barca,
hei de salvar, então, a pequenina arca,
onde vive encerrada a pomba da alliança,
que faz do nosso amor uma alegre esperança!

Talitha

Apenas esperança, e nada mais! A vida
é um sonho que passa e foge; perseguida,

oculta-se a esperança á sombra de um asylo,
tão occulto tambem que, para descobril-o,
desfaz-se muita vez ou rasga-se em pedaços
a nossa fé mais pura e a crença, em estilhaços,
desapparece e vae, por esse mundo fóra,
como nuvens no céu ao despontar da aurora...

Ruy

Porque razão, Talitha, os nossos pobres sonhos
não poderão florir, alegres e risonhos,
á plena luz do Sol?

Talitha

Sonhos são illusões
que a madrugada esbate em limpidos clarões,
e nada mais... Talvez as suas, sim!... As minhas
irão fazer o ninho á sombra... As andorinhas^{79}
tem que mudar de clima ao começar o inverno,
levando para longe o seu amor materno...
A minha acostumou-se á sombra da cegueira:
se na sombra passou quasi uma vida inteira!
Na sombra adormeceu, na sombra soluçou
e na sombra sorriu... A sua mão rasgou
este sulco de luz no meu perdido olhar,
e a triste, acostumada á sombra tumular,
fugiu espavorida ao lucido lampejo
e tão distante foi, que nem sequer a vejo...

Ruy

É o receio infantil que vem da escuridão!
A esperança, Talitha, ainda um só instante
não sahiu do calor que faz do coração
o ninho aconchegado, o berço palpitante
e o sacrario fiel do nosso casto amor!
Na sombra nasce, e cresce, e vive tanta flôr
sem perder o perfume!... E a esperança, Talitha,
é o perfume do amor, a essencia que dormita
serena e só desperta ao carinhoso afago
dum beijo a murmurar em sonho dôce e vago...

Talitha

Mas antes que o murmurio a despertasse, a luz
do sol lhe recordou que aos olhos de Jesus
e aos pés de sua Mãe ella havia ajoelhado
no fervor da oração, em dia torturado,
prendendo a vida inteira ao brilho de um olhar.
Entre nós dois agora eleva-se um altar,
e eu vejo-me prostrada e envolta no burel,
sorrindo para o céu, por ter sido fiel
á promessa que fiz...^{80}

Ruy

E o nosso amor, Talitha,
não foi uma promessa?

Talitha

Ah! foi, mas a desdita
lançou-lhe a maldição no dia em que nasceu
e o nosso puro amor agora feneceu.

Ruy

E a tua mão divina, angelico florão
de algum ciborio astral, a tua mão de rosa
e jaspe é que me vem ferir esta afeição
que banhava em frescor a vida bonançosa
deste meu sonho azul!... Mas quando, em nostalgia,
á sombra do mosteiro, a tua phantasia
volver para o passado esse formoso olhar
tão cheio de candura e te fizer sonhar;
quando a espiral do incenso á curva do docel
subir da tua mão occulta no burel,
como a dôce expressão duma saudade immensa;
quando á noite o luar, vencendo a treva densa,
entrar na tua cella e fôr beijar-te a face,
como se por ventura envolta nelle entrasse
a minh'alma saudosa a visitar a tua:
quando esse olhar divino, em cuja luz fluctua
a pureza vestal da tua castidade,
sorrindo, remontar á dôce claridade
das estrellas no céu, minha gentil Talitha,
recorda o nosso amor, formosa cenobita,
e pensa na tortura intermina e profunda
desta vaga de fel que a minha vida innunda,
medita nesta noite atroz, que me apavora,
e tu me dás em paga a fulgurante aurora^{81}
que o meu amor te deu, sorrindo de ventura...
Bemdita seja a treva, a noite de amargura,
bem dita seja a dôr, para sempre bem dita,
que vem da tua mão, angelica Talitha!

*Talitha, em lagrimas, soluça. Ruy vae para sahir e encontra o Padre que entra.
Pausa, durante a qual o Padre, mudo de dôr, fita os olhos, ora em Talitha,
ora em Ruy.*

SCENA VII

Os mesmos e **Padre**

Padre, junto de Talitha

Porque choras, creança?

Ruy, cabisbaixo, medita. Pausa, durante a qual se ouve o soluçar de Talitha.

O teu silencio abala
toda a minh'alma, filha; abre os teus labios, falla...

Silencio. A Ruy

A sua commoção... Ruy! Mas que succedeu?

Ruy

Foi mais uma illusão que se desfez... morreu!

Sae{82}

SCENA VIII

Padre e Talitha

Padre, abraçando Talitha

Não te apoquentes, filha! A dôr que te devora
eu já previra ha muito. A noite tambem chora
no calice da flôr, e o céu que tem a luz
das estrellas sem fim, chorou, quando Jesus
abriu por sobre a terra a sombra dos seus braços,
abençoando a dôr que vaga nos espaços...
Mas os teus olhos, ha pouco illuminados,
não devem, por emquanto, andar annuviados
que se pódem cegar de novo, sem remedio...

Talitha, rapidamente, entre alegre e chorosa

Então se eu lhe pedisse...

Padre

O quer que seja, pede-o...
Pede, Talitha, pede, e poupa o teu olhar...

Talitha, lacrimosa

Pois bem, eu pedirei, que deixe-me chorar!

Padre

Não te apavora a noite immensa e tenebrosa?!

Talitha

Não me amedronta mais! A lua carinhosa
vive na escuridão. Fui tão feliz na treva^{83}
que chego a ter saudade e o coração me leva
a pedir que me deixe ind'outra vez banhar
na sombra eterna e mésta a luz do meu olhar...

Padre

Que blasphemia, Talitha!

Talitha

O meu labio não erra,
e o que elle disse, Padre, o meu fervor encerra.

Padre

Medita, minha filha, e Deus Nosso Senhor
envolva a tua crença em seu divino amor!

Talitha

Pois ouça-me um instante a confissão singela
da incomparavel dôr que a minha vida gela:

Padre senta-se e Talitha ajoelha-se ao lado

Tinha soffrido muito; o immenso desespero
de um dia de tortura, afflictivo e severo,
me fez allucinar e, erguendo para os céos
as mãos de quem supplica, eu implorei a Deus
clemencia a tanta dôr. A noite de flagicio,
que dava á minha vida o aspecto de um supplicio,
parecia sem fim, sem luz e sem aurora.
E, como a flôr que á noite exhala, espaço a fóra,
o aroma delicado e puro do seu seio,
vencendo o meu temor e o natural aneio,
eu dei, como penhor da luz que supplicava,
a minha mocidade e o porvir que eu sonhava;
e prometti á santa e casta Samarita^{84}
votar-me para sempre ao burel carmelita...
Mas presenti, depois, que dentro de minh'alma
despontava, sorrindo, uma esperanza calma
que inundava de luz o coração da céga,
e commigo pensei:—Deus, de certo, não nega
que veja agora a luz quem sempre foi escrava:
e nesse pensamento a vida concentrava.
Foi quando Ruy me fez a esmola caridosa
de uma dôce afeição que tem a côr da rosa;
e, sem pensar, jámais, em vêr de novo o mundo,

o meu amor cresceu e fez-se tão profundo
que para desprender-lhe as tumidas raizes
eu rasgarei, talvez, mais largas cicatrizes...
Depois a mão de Ruy abriu para os meus olhos
o véo da madrugada e eu vi sobre os escolhos,
toda em pedaços feita, a minha pobre herança,
perdida para sempre a querida esperança
que eu havia sonhado em dias de cegueira...
Se sacrifico o amor pelo burel de freira
eu desço á sepultura em plena mocidade;
se não cumpro a promessa e minto á santidade
do voto que levei á pedra de um altar,
não devo conservar a luz do meu olhar
e rogo novamente a Deus que m'a desfaça
e á Virgem que conceda a pequenina graça
de receber de novo esse penhor tão puro,
deixando-me, outra vez, o mesmo olhar escuro!

Padre

Escuta, minha filha.—A Providencia, ás vezes,
se manda aos corações as dôres e os revezes
não é que se compra em opprimir as almas
para lhes dar mais tarde as viridentes palmas
do martyrio, não! Não, minha ingenua Talitha.
Eras ainda tu mimosa e pequenita^{85}
quando ficaste céga. Abrira para o mundo,
apenas, a tua alma e o teu olhar jocundo
sorria para a luz. Assim, innocentinha,
tu ias de manhã commigo á capellinha
e, enquanto eu murmurava as orações da missa,
tu rezavas, sorrindo, angelica e submissa,
á Virgem que te ouvia, a Salvé Magestosa,
bem como se a rezara o labio de uma rosa...
Desse labio subia um fervor tão intenso
como a espiral azul e timida do incenso...
Depois... faltou-te a luz, mas tu nunca faltaste
á mesma hora de sempre, á missa. E que contraste;
tu, pequenita e céga e o Sol com tanta luz!
Muitos annos pediste á Madre de Jesus
que te restituísse um dia o teu olhar,
como se a Virgem fôsse autora da desdita
que te ferira assim, minha meiga Talitha...
Pois creança, tu crês que a Mãe que soffreu tanto
no dia em que perdeu o filho casto e santo
te pudesse roubar dos olhos transparentes
a luz que illuminava as pupillas ardentes?
Pois ella que te viu de rastros, a rezar,
em todas as manhãs, aos pés do seu altar,
levando-lhe, a sorrir, tantos ramos de flôres,
podia assim voltar a crueldade e as dôres
sobre a tua cabeça ingenua e piedosa,
Ella que foi a Mãe mais dôce e generosa!?
Escuta, minha filha:—o livro do Senhor
descreve que, uma feita, andava na Judéa
o divino Jesus prégando a sua idéa...
Acercou-se do Mestre uma infeliz proscripta

a quem a dôr matara a filha pequenita,
e, em lagrimas, pediu que lhe voltasse á vida
o cadaver da filha extremosa e querida.
Abençoando a mãe que aquella dôr humilha
disse Jesus então: «a tua pobre filha^{86}
estava adormecida e agora está acordada;
volta que a encontrarás a rir, já levantada».
E a pobre mãe, que vira a pequenina morta,
depois, ao regressar, foi enconral-a á porta,
sorrindo alegremente, entre as demais creanças,
como um bando gazil de cordeirinhas mansas!
Pois bem, minha Talitha, o teu olhar dormiu
sómente, não morreu. Quando a céga pediu,
á Virgem Mãe de Deus, que um dia t'o salvasse,
o seu divino olhar fitava a tua face
e despertou do somno o teu formoso olhar
que nunca fôra cégo e, apenas a sonhar,
adormecera. E agora, agora que acordou
póde fitar a mão de quem lhe descerrou,
em nome de Jesus, a noite que o toldava,
que te fazia triste e lacrimosa, escrava...

Talitha

E a Virgem que me ouviu quando eu lhe prometti
votar-me ao seu burel, por tanto que soffri,
quererá perdoar a minha negra falta?

Padre

Escuta-me, Talitha:

Ruy surge ao fundo e escuta

O coração exalta,
pergunta-lhe o que sente, o que deseja; pensa
muito, muito, em silencio, indaga a tua crença
e faze o que disser a tua consciencia,
mas não esqueças, filha, a dôce confidencia
de Ruy que illuminou o teu escuro olhar,
e lembra-te, depois, que, só por muito amar,
o Christo perdoou á pobre Magdalena.
E agora, que a tua alma está bem mais serena,^{87}
attende-me!—Rezando adormeci. A aurora
despertou-me, sorrindo, e entrevi, áquella hora,
um sonho que fugia, em busca de outros lares!
Subia docemente, ao claro azul dos ares,
o vulto da Senhora, abrindo pelo Céu
o palio virginal do seu materno véo,
desnastrado o cabello, um manto de rainha
recamado de sóes; a nuvem que a sustinha,
toda cheia de luz, deixava atraz de si
um rastro de fulgor. E eu lembrei-me de ti...
Curvaram-se a tremer as pernas fatigadas,
ao peso esmagador das longas invernadas;
e assim, postas as mãos, olhando para o vulto

da Virgem que eu adoro em fervoroso culto,
pedi-lhe que mandasse um raio de luar
às lagrimas de fel da tua dôr sem par...

Talitha começa a sorrir

E a Virgem, a sorrir, do seio do infinito,
baixou por sobre o meu um dôce olhar bemdito
e eu vi rolar no azul da immensa vastidão,
no fulgor de uma estrella, o beijo do perdão...

Talitha, correndo para a porta

Ruy!

Encontra-se com Ruy e pára, pudibunda, de olhar no chão

Padre, só, á frente da scena, mãos postas, a olhar para o céu

Perdôa, Senhor, se lhe menti, perdôa;
o meu labio peccou, mas a intenção foi boa!

CAE O PANNO{89}

TERCEIRO ACTO

Modesta sala de jantar em casa do Cura. Á direita, um oratorio sobre uma commoda antiga; á esquerda, entre portas, um orgam.

SCENA I

Joaquina, só

Joaquina procede aos arranjos da casa para uma noite de festa; cuida do oratorio, accende-lhe as velas, começa a pôr a meza para a ceia; tudo em silencio. Depois de alguns momentos entra Ruy.

SCENA II

Joaquina e Ruy

Ruy, entrando

Boas noites, Joaquina!

Joaquina

As mesmas Deus lhe dê!
Inda bem que chegou; pensei que não voltasse
aqui á nossa casa!{90}

Ruy

Essa agora... e porque?

Joaquina

É boa! Inda pergunta? Esteve lá por fóra
durante todo o dia e sem que se lembrasse
que neste pobre asylo ainda vive e mora
gente boa e christã...

Ruy, interrompendo

E quem lhe disse tanto?
Vão vêr que foi intriga ou treta de algum santo!...

Joaquina

Hereje! brinque, brinque assim com Jesus Christo
e ha de vêr se é feliz! Não sabe que o Natal
é a noite sagrada?

Ruy

É, sei! Não foi por mal
que faltei. Pela vez primeira não assisto
á missa desta noite. Ha bem vinte e seis annos
que falleceu meu Pae: rompia a madrugada.
Começaram-me assim os tristes desenganos
e a lueta da existencia abriu-se amargurada.
Desde então, minha Mãe, boa e santa velhinha,
recorda tristemente, apenas se avizinha
a noite do Natal, a dôr daquella aurora,
e emquanto tudo ri, ella soluça e chora...

Joaquina

Sem mesmo a conhecer eu tenho pena della.{91}

Ruy

E hoje que eu sou feliz a pobresinha vela.
Creio que neste instante os seus labios de crente
envolvem numa prece encantadora e mesta,
num templo illuminado, ao celebrar da festa,

o esposo que morreu e o proprio filho ausente.

Joaquina

Devera ser então mais um grande motivo
de não faltar á missa.

Ruy

E creia que é bem vivo
o meu pezar. Entanto a razão dessa falta
foi sagrada e vae vêr como ella tanto exalta
a minha consciencia.

Joaquina, *ironica*

Eu imagino bem!

Ruy

Não posso vêr soffrer o coração de alguém...
Attenda-me, Joaquina, e diga se eu podia
negar-me, sem peccar, ao dever que exigia
de acudir pressuroso ao leito d'um enfermo
ardendo em alta febre e bem proximo ao termo
duma longa existencia asperrima e deserta,
onde apenas a dôr tinha uma entrada aberta.
Conhece aquelle atalho escuro e retirado
que vae dar á capella?{92}

Joaquina, *benzendo-se*

Onde foi enforcado
O marido da Emilia?

Ruy

Exactamente, ahi.
Mesmo nesse logar em que ficou a cruz
existe uma choupana á qual me recolhi
para fugir á chuva. O caminho conduz,
pela esquerda, á Capella; a direita, ao moinho
do velho reformado! Entrou-me na choupana
a neta do sargento a dizer que o avosinho
quasi estava a expirar. Fôra maldade insana
deixar morrer o velho á mingoa de cuidados.
Fui. Mas antes não fôsse. Em nada lhe valeu
a visita que fiz, o velho falleceu...
Como devem morrer os bravos e os soldados
assim elle expirou, fitando bem a morte,
firme como um leão e simples como um forte.
Uma miseria extrema; os netos quasi nús,
com fome e sem comida ha dois dias!

Joaquina, *benzendo-se*

Jesus!

E aqui tanta fartura!

Ruy

A Patria é bem madrasta!
Esse velho, que a morte aos netos hoje afasta,
tem no peito e na face algumas cicatrizes
das lanças do inimigo.^{93}

Joaquina

Ah! são bem mais felizes
os soldados que vão á guerra e que lá morrem
no campo da batalha.

Ruy

Exacto. Os outros correm
o perigo maior de morrer desprezados, como
esse pobre velho.

Joaquina

E estão abandonados
os netos, Sr. Ruy?

Ruy

Não estão; felizmente
fallei ao regedor e tudo se arranjou;
demais a mais tambem, segundo me informou,
têm direito á pensão que o velho Avô doente
não pode receber.

Joaquina

E quem receberá
essa triste pensão, se o velho que serviu
não pode recebê-la e nem sequer a viu?

Ruy

Tambem já pensei nisso e tudo se fará,
minha boa Joaquina. Assim, o moribundo
me obrigou a faltar á missa do Natal.
Se um pobre que estivesse a deixar este mundo
lhe pedisse um amparo, a sua alma leal
negaria essa esmola?^{94}

Joaquina

Ainda m'o pergunta?

Ruy

Á sombra desse olhar tudo se abriga e junta
e eu leio na pupilla esmaecida e pura,
num misto de mudez, de pranto e de ternura,
que o seu bom coração também acudiria.
E por isso faltei; tenho, porém, certeza
que Talitha por mim, ao menos, rezaria.
E quando assim se tem tão lucida pureza
a interceder por nós aos pés da Divindade,
parece que a nossa alma, em doce alacridade,
mergulha no baptismo, em águas de um Jordão
todo feito de amor, de beijos e perdão!

Joaquina

Ah! quando eu penso em tudo o que se tem passado
depois que aqui chegou!... Como isto está mudado!

Ruy

Tudo é tão natural que não nos vale a pena
gastar tempo a pensar em coisa tão pequena.

Joaquina

Então é coisa pouca uma pobre engeitada,
há tanto tempo cega, e sem mãe, desprezada,
encontrar quem lhe dê de novo o seu olhar,
e quem lhe tenha amor e a queira desposar!?

Ruy

Engeitada, que importa? O coração não pensa,^{95}
ama somente e assim não indaga a nascença
da mulher que o inspirou. Mas não é desprezada
a formosa Talitha; esta mansão amada
serviu de lar paterno á sua doce infancia
e, se aqui respirou a magica fragrancia
de uma alma aberta, em flôr, se a sua mão, Joaquina,
materna, a acompanhou desde assim pequenina,
pouco importa que a mãe a tivesse engeitado;
amei-a, e nesse amor eu tenho baptisado
o sonho do porvir...

Joaquina

Diga, e quando casar
vae leval-a d'aqui?

Ruy

Seria derrancar
o santo coração do velho Padre-Cura;
nem tanto necessita a completa ventura
das minhas illusões, nem teria coragem
para tamanho mal; seria mais selvagem
que a propria malvadez

abraçando-a

tirar ao seu amor
o prazer de aspirar o aroma dessa flôr,
que ao seu lado cresceu, tão branca e tão fagueira,
como um lyrio do valle ao pé de uma roseira!

Joaquina

Sim; isso diz agora e depois de casado
ha de pensar, de certo, em sua mãe saudosa,
e para que ella veja, alegre e carinhosa,^{96}
o filho salvo e bom, tão robusto e córado,
o Ruy tem de levar comsigo a pequenita
que nos serve de filha e que nos faz felizes!...

Ruy

Descance, boa amiga; este amor tem raizes
que eu nunca poderei arrancar de Talitha,
nem penso em perturbar a paz do vosso azylo
que a propria mão de Deus formou assim tranquillo.

Joaquina

Se Deus que nos dôou a innocentinha, agora
mandasse a Mãe aqui para leval-a embora,
onde quer que ella fosse havia eu d'ir tambem,
porque a trouxe no collo e quero tanto bem
que passo a minha vida olhando o azul dos céos,
para vêr se descubro a Santa Mãe de Deus
e pedir-lhe que deixe á tremula velhice
dos meus dias sem luz, ao menos, a meiguice,
daquelle coração que eu vi desabrochar...

Ruy

E o céo que lhe responde?

Joaquina

O céo?... Nada! A rezar
tenho passado a vida e, nesta idade, a gente
já não póde chorar, as lagrimas seccaram
e por isto se soffre, a dôr é mais pungente
quando se quer chorar e os olhos já cançaram.

Ouve-se a voz de Talitha, fóra {97}

Taitha

Ó Joaquina! Ruy, Ruy...

Joaquina

Ahi vem a traquina;
E ha de chamar por tudo a pobre da Joaquina...

Ruy, corre á porta

Mas como vem alegre...

Entra Talitha

SCENA III

Os mesmos e **Talitha**

Talitha, ao entrar, vendo Ruy, estaca: fica silenciosa e em seguida:

Eu bem disse ao padrinho...

Ruy, tomando-lhe a mão

Que foi que tu disseste, alma da côr do linho?

Talitha

Que ninguem póde crêr na jura...

Ruy, interrompendo com meiguice

Das mulheres?... {98}

Talitha, ralhando com carinho e retirando a mão

Dos homens... atrevido, ainda tens coragem
de rir?...

Ruy, alegremente

Ou de chorar, se tu assim preferes...

Talitha

Mas a tua promessa? Esqueceste a homenagem da noite de Natal?

Ruy

Pois pergunta á Joaquina...

Joaquina, *intervindo*

A mim? não sei de nada...

Ruy, *a Talitha*

Ella está gracejando; sabe tudo tão bem como eu, mas imagina que tu és ciumenta e então, de vez em quando, a recordar o tempo em que era rapariga, faz pirraças á gente, armando alguma intriga...

Talitha

A verdade, porém, é que faltaste e eu não.

Ruy

Pois bem, faltei; mas tive uma forte razão: o velho reformado estava agonizante e mandou-me chamar; eu fui no mesmo instante^{99} assistir-lhe á agonia. Expirou-me nos braços: ia o sol a fugir na curva dos espaços, á hora em que soluça o sino das trindades o Angelus sagrado envolto nas saudades que a terra balbucia, agradecendo ao céu a luz que lhe mandou na flacidez do véo crepuscular e dôce, oiro tecido em gaze, sem brilho de ofuscar e sem calor que abraze.

Talitha

E nunca mais o vi, nem o verei jamais!... Foi cégo como eu fui. Nas manhãs estivaes muita vez o encontrei, cansado dos trabalhos, pedindo esmola ahi por todos os atalhos. Elle ia pela mão da neta, uma creança! Era um velho senil á sombra da esperança! Eu ía recostada ao braço do padrinho e, ao sentir-me, dizia: «ampare-me esse anginho —amigo Padre-Cura, eu quero que elle veja —como um velho soldado, a mendigar, rasteja —neste mundo de Christo»—. E ficava a pensar naquelle desgraçado. O meu perdido olhar novamente voltou, quando o d'elle se apaga na escuridão mortal que tudo cobre e alaga... Se eu pudesse amparar as pobres creancinhas!

Ruy

Não faltará calor ás meigas andorinhas.

Joaquina

E quem lhes ha de dar?{100}

Ruy

Quem?

Talitha

Deus, Jesus e nós!

Ruy, com ingenuidade

Nós seremos os paes:

a Joaquina

tu e o Cura, os avós...

Joaquina

Valha-te Deus, tontinha!

Ruy, a Talitha

Encantadora e casta;
ó Virgem Conceição, flôr, ingenua madrastra,
bemdito seja o dia em que te amei, formosa,
sonho feito mulher, sorriso feito em rosa...

Talitha, admirada

Que tem isso de mal? Tambem elle era cégo,
não podia cuidar da neta que o guiava
e agora, felizmente, eu tenho no aconchego
da minha mocidade a luz que me faltava
e posso olhar por ella. A minha desventura
não teve neste asylo o amor do Padre-Cura?
Depois não tive ainda?!...

Olha para Ruy, baixa os olhos e cala-se

Joaquina, beijando-a

Ah! minha tagarella!...{101}

Ruy

Depois tiveste ainda o teu formoso olhar
que andava lá no céu illuminando a estrella
d'alva. E agora tambem tens muito que narrar
do que viste na igreja...

Talitha

Ah! na missa do gallo?
Eu vinha exactamente aqui para contal-o...
O que eu vi, Ruy, na igreja, enquanto o Padre-Cura
dizia aquella missa!... Inda agora fulgura,
sobre a minha retina, a vivida impressão
do seu olhar tão dôce e manso, de perdão...
Inda agora o sorriso, angelico e furtivo,
do seu labio de rosa, orvalhado e festivo,
innunda de frescor a minha vida inteira,
como o rócio da noite á flôr da amendoeira.

Ruy

Quem foi que te sorriu com tamanha affeição,
que fez vibrar tu'alma em tanta commoção?

Talitha

Um milagre de Deus! Se tens fé, acredita
no que te vou dizer.

Ruy

Dize, minha Talitha!

Joaquina, aproximando-se

Conta, conta o que foi. {102}

Talitha

Pois nesse caso, ouvi:
Quando eu entrei no templo um borborinho enorme
encheu toda a capella; então foi que eu senti
como é triste ser cêgo e ter olhar que dorme
tantos annos de vida, em funda lethargia,
sem a benção gentil de vêr a luz do dia!
Toda a gente fallava, olhando para mim,
e eu muito satisfeita a caminhar assim...

Imita o andar magestoso

Ruy

Como tu és vaidosa!

Joaquina, sorrindo e pondo as mãos

E como ella é catita...

Talitha, a Ruy, ingenua

Mas se eu fôsse a teu lado, inda era mais bonita!...
Deram-me tanto abraço e beijaram-me tanto!
A capellinha estava alegre, era um encanto.
À entrada muita flôr, o altar com muita luz,
e num bercinho branco o menino Jesus,
tão lindo, tão mimoso e tão engraçadinho,
que parecia mesmo um rouxinol no ninho.
Uma velha fitou-me e disse: que princeza!
Um velho lavrador olhou-me com surpresa
e bem alto fallou: «Que Deus Nosso Senhor
te dê um bom marido»...

Ruy

E que disseste, amor? {103}

Talitha

Nem uma palavrinha! Eu ía bem calada,
entre muito contente e muito envergonhada.

Joaquina

E depois?

Talitha

E depois... fui então ajoelhar,
sósinha, nos degráos que sóbem ao altar,
á espera que viesse, a meia noite, a missa.
Rezando ali, a sós, com fervor de noviça,
lembrei-me da promessa e as lagrimas rolaram,
subindo-me do seio aos olhos que as choraram.
Eu sentia uma dôr immensa, por fugir
ao voto que fizera e, em vão, quiz resistir,
á minh'alma affluia um extranho remorso
e embora eu despendesse o mais sincero esforço,
para conter o pranto, o coração vergava
e, numa agitação convulsa, palpitava
acabrunhado e triste...

Ouve-se o repicar dos sinos

Joaquina, interrompendo

Ai! que acabou a festa
e a ceia por fazer, mas que cabeça é esta!...

Sae e entra constantemente, nos arranjos da casa

Ruy

Mas não te lembras já que, em nome do Senhor,
o Cura abençoou o nosso casto amor?
Não te lembras também da lucida visão
que te trouxe do céu a estrella do perdão?{104}

Talitha

De tudo me lembrei; não sei que força extranha
pesava sobre mim, como immensa montanha,
e não deixava erguer o meu olhar medroso
para encarar de frente o vulto magestoso
da Virgem Mãe de Deus! Mas quando o Cura entrou
parece que a minha alma

torna o sino a repicar

alegre despertou...

Senti uma esperança illuminar-me o seio
e dissipar-se então esse cruel receio!
Rezei muito, rezei com tanta commoção,
pedi com tanto ardor, com tanta devoção,
que a minh'alma subiu, tão leve e tão submissa,
aos pés da Mãe de Deus, durante aquella missa,
como se fôsse presa a hostia consagrada
que o Cura levantava á cruz abençoada...
Com ella o meu olhar de supplica subiu.
E fitando, sem medo, a face alabastrina
da candida judia, eu vi que Ella sorriu
com tão dôce expressão de placidez divina
que me banhava de luz amortecida e calma
a minha santa crença e fez vibrar minh'alma!
Senti que era o perdão que vinha, n'um sorriso,
abrir á minha vida um novo paraíso...
Ergui-me docemente, approximei-me d'Ella
e, beijando-lhe a mão que sobre o mundo vela,
ouvi, como um soluço, a sua voz tão pura,
dizendo-me em segredo, em intima ternura:

Que lindos olhos, Talitha,
os olhos que o Ruy te deu:
tem uma luz infinita,
parecem feitos no céu...{105}

*Joaquina, que tem parado o trabalho, attrahida pela narração de Talitha,
enlevada, abraça-a, lacrimosa, beija-a...*

Ruy, enquanto Joaquina abraça Talitha

Mas tu ouviste bem, tens a certeza plena?

Talitha, desprendendo-se de Joaquina

Ouvi perfeitamente; a voz era serena,
tão serena e subtil que a mim se affigurava
ser o proprio silencio assim que me fallava.

*Ouve-se o repicar dos sinos e começa-se a ouvir as primeiras vozes dos
córos distantes.*

Estremeci de alegre e acreditei então
que surgira, afinal, o dia do perdão;

Approximam-se as vozes

desci do altar, corri, deixei a missa e vim,
como se o coração cantasse dentro de mim,
para dizer-te, Ruy, que a minha vida é tua.

*Corre para elle, mas detem-se e, olhando para Joaquina, baixa os olhos
timida, brincando com o avental: pausa e silencio.*

Joaquina, percebendo

Filhos, não serei eu quem assim vos destrua
as santas illusões...

ouve-se o côro muito perto

Se Deus as abençôa!...

Sae{106}

Talitha, vendo-a sahir

Ruy!

Corre para elle

Ruy, recebendo-a nos braços

Ah! minha Talitha!

Talitha, abraçada, beija-o

Oh! meu amor!

Ruy, beijando-a

Perdôa!

*As vózes elevam-se distintamente com a musica das violas e gaitas de fóles;
pausa, enquanto os dois, enleitados, nada ouvem.*

SCENA IV

Os mesmos, **Padre, raparigas e rapazes**

O Padre, entrando com as raparigas e rapazes, surprehende ainda os dois que se beijam e Joaquina que está estupefacta, junto á porta.

Padre, fingindo que não vê e fallando alto

Raparigas, entrai, a noite é de alegria...{107}

Talitha, surprehendidos ambos, desprende-se de Ruy e diz

Tem razão, meu padrinho, nossa phantasia
deve expandir-se agora...

Padre, com caricia, baixo a Talitha

Assim, aos beijos, não...

Talitha

Quem poderá conter o nosso coração?

Ás raparigas

Raparigas, cantae! A céga já tem vista;
que a Virgem Mãe de Deus a todas vós assista;
a freira, que devia entrar para o convento,
teve hoje a redempção do seu cruel tormento!

Um rapaz

Viva a céguinha!

O grupo

Viva!

Outro rapaz

E mais o Padre Cura!

Viva!

Uma rapariga

Viva quem fez este milagre!

O grupo

Viva!{108}

Um rapaz

E a mãe Joaquina, então, que é mesmo uma ternura?!

Todos

Viva!

Joaquina

Muito obrigada!

Ruy

Olha como é altiva!

Padre

Raparigas, dançae!

Ruy, a uma rapariga

Pois cante a cotovia,
e vibre essa garganta até romper o dia...

As raparigas formam roda, os rapazes afinam as violas e o grupo, com Talitha e Ruy á frente, dançam a Ciranda. O Cura, sentado em uma cadeira, observa alegremente a scena.

Uma rapariga

Quem deu espinho ás roseiras
não teve muita razão,
antes dêsse ao coração,
como deu ás Tarangeiras.

Deus que creou tantas flôres
fez as estrelas aos centos:
não dorme quem tem amores,
que os amores são tormentos.{109}

Segunda rapariga

Toda tu pareces feita
com a cêra das abelhas,
quando alguém d'aqui t'espreita
ficam-te as faces vermelhas.

Primeira rapariga

Quem ao pé do Sol caminha
anda sempre com calor,
Quem á lua se avizinha
póde até crear bolôr.

As tuas tranças são pretas,
pareces de cêra mol,
não te abeires muito ao sol,
olha lá não te derretas...

O Cura, satisfeito e alegre, ri a cada descante das raparigas e acompanha-as com um olhar de carícia. Enthusiasmado, levanta-se e encaminha-se para o grupo:

Padre

Também eu quero entrar na dança, raparigas,
e ser como a papoila em meio das espigas!

Primeira rapariga

Viva, viva o Sr. Cura,
que é o paesinho desta aldeia,
que tem a alminha mais pura,
mais alva que a lua cheia.

Neste momento ouve-se bater á porta violentamente, ao mesmo tempo que cessam os guizos denunciativos de um carro que parou á porta. Quando ouve bater, o Padre Cura sofre uma visível transformação de physionomia que todos os circumstantes percebem.

Padre

Um carro, Santo Deus!

Cessa toda a alegria e acercam-se do Padre que, repentinamente, põe as mãos em oração.

Ruy, acudindo

Senhor Cura, que tem?

Ouve-se bater de novo

Padre, pensativo

Ha tantos annos já!

Batem novamente. O Cura, sem dar uma palavra, benze-se, vae á porta e abre-a. Entra uma senhora de lucto, acompanhada de um velho creado, com malas e agasalhos. Todos emmudecem e olham-n'a curiosamente.

SCENA V

Os mesmos, **Marqueza e Escudeiro**

Padre

Perdão! Procura alguém?^{111}

Marqueza

O Cura João Fulgencio! É Vossa Senhoria?

Padre

Sou eu mesmo, Senhora!

Marqueza

Inda bem, obrigada!
Eu já tinha certeza, o céu me conduzia.
Não quero perturbar a alegria da noite:
Viajante, sósinha, e quasi desviada
pela neve que tomba, eu peço onde me acoite.

Talitha

Sois bem vinda, Senhora; aqui sob este tecto
encontrareis conchego e o mais sereno affecto.

Marqueza, olhando-a

Obrigada, creança!

Talitha

A Noite é de Natal
e o nosso coração não sabe fazer mal...

Padre

Deveis estar cansada, o inverno vae tão duro!

Marqueza

Pensei que não chegava á sua residencia.
A nevada é cruel, o caminho coberto,{112}
o frio é de cortar, o céu está escuro,
nem um astro se vê, perde-se a consciencia
da nossa propria vida, a estrada é um deserto...
Nem sei como cheguei...

Talitha

Jesus a protegeu...

Marqueza

Eu creio bem que sim e dou graças ao céu!

Padre

E não quer repousar?

Marqueza

Antes, porém, quizera,
Senhor Cura, dizer o que me traz aqui...

Padre

Assim seja, Senhora, e ao bom Jesus prouvera
que eu pudesse remir a dôr que presenti...

a Talitha e Ruy, fingindo alegria

Ide com Deus, cantae!

O grupo retira-se em silencio, curiosamente

Talitha, a Ruy

Quem é? Quem te parece?

Ruy

Não sei, mas esta voz a minh'alma conhece.

sahem{113}

SCENA VI

Marqueza e Padre

Padre

Senhora, estamos sós! Vossa Excellencia ordene!

Marqueza

Ouçá-me, Senhor Cura! ouçá e não me condemne!

Padre

E condemnar por que? Se tem algum peccado,
o coração de Deus não estará fechado!

Marqueza

Pensei chegar mais cedo: hontem, pelo sol posto,
estaria acabado este immenso desgosto
que me tortura a vida; a asperrima inverneira
embaraçou-me o passo e augmentou-me a canceira.

Padre

E vem de muito longe?

Marqueza

Ah! sim, de bem distante,
anciosa, esperando este feliz instante.
Ha muito tempo, um dia, ao romper da alvorada,
alguem que veiu aqui lhe trouxe uma engeitada...{114}

Padre

É verdade, Senhora!

Marqueza

Uma carta pedia
ao Cura desta aldêa a esmola caridosa
de guardar a creança, até que a mãe chorosa,
depois, a procurasse. Afinal esse dia
felizmente chegou e a mãe que a dôr humilha,
Senhor Cura, a seus pés, vem procurar a filha...

Padre

E como poderei saber se esta senhora

que se confessa mãe, embora peccadora,
é realmente a mãe da creança engeitada
ha tantos annos já, naquella madrugada
tristissima d'inverno?

Marqueza

A carta igual áquella
que o Senhor Cura achou no berço, junto della...

Padre, tomando a carta

Mas falta alguma cousa...

Marqueza

A pérola? está aqui...

Dá-lhe a pérola

Pois desde aquella noite eu jámais a perdi
de vista e a conservei com cuidadoso afan,
como alguém que resguarda um rico talisman.^{115}

Padre

Seija feita de Deus a sagrada vontade,
embora se me parta o coração de dôr...

Marqueza

Essa dôr, Senhor Cura, ha de fugir vencida!
Eu não quero quebrar tão dôce piedade
que fez de minha filha o seu risonho amor,
nem desejo apagar a luz da sua vida
num soluço de magua.

Padre

Então não vem buscal-a?

Marqueza

Não, não, meu bom amigo, eu venho acompanhá-la.
A minha desventura, emfim, se condeu
dest'alma cruciada e triste que viveu
reclusa na saudade, apenas na esperança
de vêr um dia ainda essa gentil creança...
Se nunca procurei saber dessa existencia
não é que se apagasse em minha consciencia,
como um sonho infeliz, a lembrança dorida
dessa flôr do peccado em anjo convertida.
Como eu pensava nella, ah! sabe-o Deus sómente!

Que lagrimas chorei por conserval-a ausente,
e quanto passei eu por causa desta filha
dil-o, com eloquencia, a dôr que me polvilha
a cabeça de cans. Amal-a com ardor
e ter de estrangular todo esse immenso amor!...
Vêl-a crescer ao longe, e calcular-lhe o encanto,
mas sem poder beijal-a, adivinhar que o pranto
as faces lhe banhava e não poder sorvel-o,
que tormento cruel, que duro pesadello...{116}
Soffri, meu bom amigo, e soffri a sorrir,
que até para soffrer é preciso mentir!
Não me pergunte, Padre, a origem desse amor
ninguem perguntaria ao seio de uma flôr
como foi que nasceu o aroma que elle exhala.
Bastará que lhe diga: a dôr que me avassalla
é a amiga fiel que me segue ha vinte annos,
que nunca me deixou; que os tristes desenganos
dessas horas sem luz foram os companheiros
da minha mocidade e os filhos feiticeiros
que encheram o meu lar de pranto e de amargores,
como um dia sem sol, como um jardim sem flôres.
Um dia, Sr. Cura, em confissão, no templo,
diante do seu olhar que eu agora contemplo
humilde e agradecida, hei de contar-lhe a historia
da minha desventura e desta dôr ingloria,
mas não exija, Padre, agora, que eu recorde
o passado infeliz, que o coração acorde
do somno em que repousa, e desvende o segredo
que a vida me cobriu de sombras e de medo.

Padre

Nem quero desvendar, Senhora, essas torturas;
mas a minha velhice acostumou-se a vêr
em tão meiga creança uma filha extremosa
junto de mim crescer, florir como uma rosa
ao pé dum castanheiro, e fazer-se mulher.
Aos dez annos cegou...

Marqueza, interrompendo, afflictta

É céga a minha filha?

Padre

Foi: ha dias, porém, a luz de novo brilha
no seu formoso olhar. Emquanto a escuridão{117}
durou, eu sempre a trouxe unida ao coração,
apoiada ao meu braço.

Marqueza

E quem foi que a curou?

Padre

Alguem que a soube amar. Um dia despontou
na sua alma de flôr um novo sentimento
e a pobre céga amou e foi tambem amada.
Queria dedicar-se á vida enclausurada
na casta região da cela de um convento,
mas, sonhadora e boa, o amor venceu em breve
o vago mysticismo e a Virgem que a fadou,
condoendo-se della, o seu amor salvou...
De modo que, feliz, dentro de pouco, deve
desposar um rapaz, formoso coração...

Marqueza, interrompendo

Ruy de Ornellas, talvez?

Padre, admirado

Mas como adivinhou?

Marqueza, depois de uma pausa

Não importa saber; prosiga, Senhor Cura,
eu contarei mais tarde essa alegre aventura,
tão simples e feliz.

Padre, proseguindo

A mim, pobre ancião,
uma alegria basta: a de morrer contente
por haver feito bem á candida innocente.^{118}
Do mundo nada espero, esta gentil creança
era a minha formosa e unica esperança:
arrancam-m'a daqui e eu sinto que a corola
dessa flôr, que me dava a encantadora esmola
do seu perfume agreste, arrasta a minha vida
á derradeira estancia, á ultima guarida...

Marqueza

E quem lhe disse, Padre, as minhas intenções?

Padre

Ninguem. Mas adivinho. Eu sei que os corações
carinhosos das mães não querem a partilha
das caricias, do amor, dos beijos de uma filha.
Talitha vae partir; que o Senhor a conduza
e que uma boa estrella ao seu porvir reluza.

Marqueza

Attenda, Sr. Cura! A mãe que ora lhe falla
tambem sabe que a dôr o coração estala
e não lhe vem roubar a luz dessa velhice

tão cheia de bondade e simples de meiguice.
A dôr me fatigou e eu quero repousar
de tantas afflicções, e venho procurar,
nesta aldeia tranquilla e sem perversidade,
a paz que não frui na minha mocidade.
Sou rica, felizmente, e quero ter um nicho
onde acaba a existencia: é, talvez, um capricho...
Mas quero aqui viver ao lado desta filha
que a sua alma de santo, alvissima, perfilha
e nunca mais sahir deste sereno azylo
tão suave e tão bom, tão feliz e tranquillo,
onde mora a virtude. A filha que eu procuro
tambem é muito rica e tem porvir seguro.^{119}
Se a desventura um dia a separou de mim
a minha vida agora ha de chegar ao fim,
aqui onde ella teve um lar sagrado e nobre.
E o dôce olhar de Deus que o mundo inteiro cobre,
abrindo sobre nós o pallio da ventura,
ha de envolver na sombra o coração do Cura
que fez de minha filha a filha da sua alma,
extremosa e leal. E Deus que tudo acalma
ha de extinguir a dôr de todo esse passado
que eu vejo, felizmente, agora terminado...

Padre, alegremente

Obrigado, Senhora. O coração que sente
a alheia desventura e lança boamente
o seu conforto amigo a quem já nada espera,
tem, nas bençãos do céo, eterna primavera...
E agora que sabeis que a vossa filha é viva,
attendei-me, Senhora, á santa rogativa:
Talitha esteve céga. O homem que salvou
o seu formoso olhar o amor lhe conquistou.
Ella, uma encantadora e formosa creança,
concentra nesse amor toda a sua esperança:
tiral-a será dar-lhe o mais cruel supplicio.

Marqueza

Não preciso pedir tão duro sacrificio
ao seu bom coração. Eu quero-a vêr feliz,
se quem serviu de Pae o consentiu e quiz.
Procurava uma filha, encontrei um casal:
para mim, que sou mãe, jámais este Natal
feliz esquecerei. E agora que conhece
a Mãe da sua filha, attenda á minha prece
e mostre-me Talitha, aneio por beijal-a.^{121}

Padre

Louvado seja Deus, Senhora, eu vou chamal-a.

Entra e volta com Talitha pela mão

SCENA VII

Os mesmos e **Talitha**

Padre, *entrando, a Talitha*

Recordas que uma vez, em lagrimas banhada,
disseste que a tu'alma andava amargurada
a pensar que jámais a tua mãe verias?
Recordas a palavra alegre, de conforto,
que te disse a sorrir quando tu me pedias
a luz do teu olhar que tu suppunhas morto?

Talitha

Nem eu posso esquecer.

Padre

Pois, filha, a Providencia
abriu á tua vida a sua immensa graça.

Talitha, *curiosa*

E então?

Padre

Então responde: em tua consciencia
que mais desejas tu que o Santo Deus te faça? {121}

Talitha

Que eu possa vêr um dia a minha Mãe querida!

Marqueza, *correndo para ella e abraçando-a*

Talitha, minha filha! Amor da minha vida!

Talitha, *surprehendida*

Minha Mãe! Minha Mãe!

Abraçam-se em pranto

Padre

Obrigado, Senhor;
abençoado seja este Natal de amor!

Marqueza, *desprendendo-se de Talitha*

Mas como eu sou feliz! Como tu és bonita!
Que lindo nome o teu! Quem te chamou Talitha?

Beija, abraça-a, encara-a sorrindo e soluçando. Senta-a nos joelhos

Quero ver bem de perto o teu formoso olhar.

Fita-lhe os olhos

Talitha

E já sabes, mamã, que de tanto chorar
com saudades de ti, um dia fiquei céga?

Marqueza

Com saudades de mim?^{122}

Talitha, agitada

Não crês, mamã?

Marqueza

Socega;
eu acredito em tudo, a tua alma não mente...

Talitha

Mamã, como eu te quero!

Abraça-a

Olha-me bem de frente!
Tanto tempo sem vêr a imagem dos meus sonhos,
agora que te encontro, eu desejo risonhos
os teus olhos de Mãe que nunca vi mais bellos;
quero beijar, sorrindo, os teus alvos cabellos
e sentir palpitar o seio teu, amigo,
e o meu seio de filha, a palpitar contigo.

O Cura, que se tem enlevado a contemplar a scena, sae pé ante-pé, olhando o grupo e chama para dentro. Entram Joaquina e Ruy.

SCENA VIII

Os mesmos, **Joaquina e Ruy**

Marqueza

Dize-me, filha, e tu sonhavas muitas vezes com tua mãe?

Talitha

Sonhava!{123}

Marqueza

E o sonho que dizia?

Talitha

Tanta coisa, mamã! Quando os nossos reveses nos vinham perturbar, desde o romper do dia até o anoitecer, pensava em ti, mamã, e, sem dormir, sonhava até pela manhã.

Marqueza

Mas reveses de quem?

Talitha

Desta imensa tristeza que vinha atormentar a vida de pobreza

baixo, quasi em segredo

do nosso Padre Cura...

Marqueza

E o Padre Cura é pobre?

Talitha

Muito, muito, mamã, mas tão bom e tão nobre que nunca pude ouvir um lamento, sequer!

Marqueza

D'hoje em diante, porém, não faltará mais nada: será de todos nós aquilo que eu tiver. Tu és rica, Talitha, e d'alma bem formada, por certo acudirás de todo o coração{124} por que não falem mais nem ventura, nem pão a quem te fez gentil, tão boa e generosa...

Talitha

Muito rica, mamã?

Marqueza

Que te serve saber?

Talitha

É que o velho sargento acaba de morrer deixando na miséria imensa e dolorosa os netinhos com fome. O velho era céguinho! muita vez o encontrei mendigando, sósinho, para matar a fome e, se eu hoje sou rica, só este pensamento a dôr me purifica e, se tu dás licença, o Ruy vae procural-os.

Marqueza

Pois sim, minha Talitha, irás tambem buscal-os; que sejam teus irmãos já que assim o quizeste. Mas dize, o Ruy quem é? Inda não m'o disseste...

Durante este dialogo as duas não poderão vêr as demais pessoas, enlevadas como estão. Ha sorrisos em todos.

Talitha, perturbada

O Ruy?...

Baixa os olhos, sorri e cala-se

Marqueza

Sim, sim o Ruy...{125}

Talitha, enleada

O Ruy é um doutor...
Quando eu estive céga... Eu era tão céguinha!...
Elle tratou de mim e fez a operação...

Marqueza

Só?!

Talitha

O resto não conto...

Marqueza

E porquê?

Talitha

Adivinha!

Marqueza

E não furtou também o teu primeiro amor?

Talitha

Furtou!... E que mal fez? Deu luz ao meu olhar,
eu dei-lhe o coração...

Marqueza

Mas depois de casar
deixarás tu sósinho o velho Padre Cura?

Talitha

Nem eu quero pensar em tamanha loucura.
Viveremos aqui juntinhos da Joaquina
que sempre me guiou, do tempo de menina.^{126}

Marqueza

Pois vae dizer ao Ruy que tua mãe quer vê-lo.

Talitha, soltando-se do pescoço da mãe, sorrindo alegremente.

Tu vais ver que rapaz... inteligente e bello...
Ruy! Ruy!

*Voltando-se encontra Ruy, Joaquina e Padre. Fica embaraçada e cobre o
rosto com as mãos.*

Meu Deus, que susto!

Padre

Ouvimos tudo, tudo!...

Marqueza, voltando-se

Desculpe, Senhor Cura... em favor della acudo...
A culpada fui eu...

Ruy, surprehendido

Ah! Senhora Marqueza!

Marqueza

Sim. Ruy, eu mesma, aqui. Nem me causa estranheza
o vê-lo nesta casa. Eu fui quem o mandou
em busca deste céu tão puro que o salvou.
Previ toda esta scena e quando aconselhei
que viesse até cá, senti que palpitava
o meu seio de mãe. Já vê que adivinhei
e o meu presentimento o bem me segredava...{127}

Talitha, admirada

Mamã, tu és Marqueza?

Silencio prolongado

Marqueza

A Marqueza morreu...
Agora sou a mãe da mimosa Talitha
que vem pedir perdão a quem assim soffreu
dessa magua sem par, dessa dôr infinita,
que tanto fez chorar a tua mocidade,
as lagrimas febris e negras da saudade.
Agora sou a Mãe que um dia te engeitou
e que uma vida inteira a dôr acabrunhou,
que vem pedir perdão ao velho Padre-Cura
do quanto padeceu para te dar ventura,
que vem agradecer á santa da Joaquina,
os beijos que te deu quando eras tamanina,
que vem pedir a Ruy o supremo favor
de dar á sua filha o seu primeiro amor...

Ruy

Marqueza, o meu amor recebe a grande esmola
do casto coração da candida Talitha,
como um beijo de luz que conforta e consola
a dôr da minha vida. O peito me palpita
na suprema alegria e eu penso na alvorada
desta noite feliz, de lucido natal,
bemdizendo, Senhora, a dôce madrugada
que vae surgir em breve.

Talitha

Ao despontar o dia
vamos todos buscar os netos do sargento...
Tu concordas, mamã?{128}

Ao Cura

Acha que faço mal?

Padre

Para ti, minha filha, a madrugada é fria.
O Ruy irá commigo e apenas num momento
as creanças virão: descança, pequenita.

Marqueza, a Joaquina

Repare bem, Joaquina: este casal catita
como envelhece a gente!

Joaquina

E Deus Nosso Senhor
Ihe dê por toda a vida o seu sagrado amor!

Padre

Já toca á missa d'Alva...

Ruy, a Talitha

Estrella d'Alva, pura,
immaculada estrella, o céu desta ventura
estende sobre nós a cupula sagrada
e eu vejo nesse olhar a luz ambicionada
que faz de ti, creança, a dôce Conceição
do meu culto feliz, purissimo e christão.

A Joaquina

Um dia, bem me lembro, a sua mão amiga
mais trémula e subtil do que uma branca estriga
ás aragens d'outomno, abrindo-me o sacrario
da sua alma de santa, entregou-me um rosario.^{129}
Recorda-se? Pois bem! nas horas de afflicção
esse rosario amigo encheu-me o coração
duma frescura immensa e assim se dissipou
essa nuvem cruel que sobre nós passou...
Quero beijar a mão da santa que me deu
nesse rosario astral uma visão do céu:
a flôr que se banhou na sua fé divina,
bondosa creatura, alvissima Joaquina!

Beija-lhe a mão. Joaquina, em silencio, enxuga os olhos com o avental.

Padre

O dia vae surgir, o sino da capella
convida-nos á missa. Ali pela janella
já vem a madrugada entrando alegremente

num baptismo de luz que brota do nascente.

Talitha

Meu Deus, como é feliz a minha mocidade!
Rasgou a mão de Ruy a doce claridade
ao meu perdido olhar, depois a mãe de Deus
envia-me o perdão do fundo azul dos céos:
e, dando luz á céga e vida á condemnada,
entrega-me, a sorrir, no fim da madrugada
do Natal de Jesus, a minha Mãe distante.
Meu Deus, como é feliz neste sereno instante

a Ruy

a nossa mocidade ao pé desta velhice
tão boa e tão leal! Antes que alguém cobice
esta aurora de amor que ao céu nos avizinha
eu vou rezar por nós uma Salvé-Rainha:{130}

Ouve-se o repicar dos sinos. Talitha aproxima-se do oratorio; ajoelham-se todos, excepto o Padre que fica de pé.

Talitha

Salvé, Rainha Mãe, céu de misericórdia,
vida e doçura, amor, luz da nossa esperança,
lançae por sobre nós o manto da concordia.
Salvé, Rainha, Mãe serena de bonança!
A vós, os filhos d'Eva, em lagrimas, bradamos,
por vós que estaes no céu, gemendo, suspiramos,
neste valle de magua e dôr. Eia, Senhora!
Sêde a divina Mãe, a doce protectora
da nossa vida inteira e para nós volvei
esse olhar piedoso e tão cheio de luz!
Sobre o nosso destino a vossa mão pendei,
rasgae a nossa dôr, mostrae-nos a Jesus,
fructo do vosso ventre, ó sagrada e clemente,
ó Virgem doce e casta, ó candida innocente!
ó Santa Mãe de Deus, ouvi a nossa voz
tão simples e fiel, rogue no céu por nós,
por que sejamos bons e dignos da promessa
do moreno Jesus. Que a nossa vida aqueça
o materno calor da estrella de Bethlem,
á luz do vosso olhar, por todo o sempre.

Padre

Amen!

CAE O PANNO{131}

RESPOSTA Á CRÍTICA INDÍGENA

Toute l'opération critique se borne ainsi à constater un fait, depuis la cause qui l'a produit jusqu'aux conséquences qu'il produira. Sans doute, un pareil travail contient une leçon, et à se voir dans un miroir aussi fidèle, un écrivain peut réfléchir, connaître ses infirmités, tâcher de les marquer le plus possible. Seulement, la leçon vient de haut, sort de la vérité même du portrait et n'est plus l'enseignement gourmé d'un professeur. La critique expose, elle n'enseigne pas. Elle a compris elle-même que son influence sur le niveau littéraire était à peu près nulle, car les tempéraments restent indociles; et elle a préféré jouer le beau rôle d'écrire l'histoire littéraire contemporaine, expliquée et commentée.

E. ZOLA. *Documents littéraires*, pag. 334.

Est critique, à notre jugement, celui qui fait effort pour comprendre et qui juge avec sympathie.

NOLET. *La vie et l'œuvre de Chateaubriand*, pag. 673.

...si nous possédons quelques talents, nous nous empressons de les déprécier. Après les avoir élevés au pinacle, nous les roulons dans la bosse; puis nous y revenons, puis nous les méprisons de nouveau. Nous ne pouvons souffrir de réputation; il nous semble qu'on nous vole ce qu'on admire: nos vanités prennent ombrage du moindre succès, et s'il dure un peu, elles sont au supplice.

CHATEAUBRIAND. *Essai sur la littérature anglaise*. pag. 171.

Que la scène soit triste ou gaie, nous retrouvons toujours la même distinction entre l'émotion réelle et l'émotion esthétique. Il faut de toute nécessité, pour que cette dernière soit possible, que l'autre disparaisse; il faut que l'auditeur ou le spectateur ne puisse jamais oublier qu'il y a entre le fait et lui un intermédiaire dont l'impression constitue la poésie de l'œuvre; c'est surtout au théâtre que cette distinction entre le réel et le fait poétique est essentielle. L'illusion complète, loin d'être le suprême degré de l'art, comme on l'a dit, en serait simplement la négation.

EUG. VERON, *L'Esthétique*, pag. 407 e 408.

RESPOSTA Á CRÍTICA INDÍGENA

A *Talitha* é uma reminiscência da mocidade, piedosamente recolhida pelo coração á mudez da alma, que a minha intelligencia modesta crystallizou em versos froixos, que o meu sentimento fixou em drama e que a cegueira das paixões pretendeu ferir.

Devo, quero e vou defendel-a.

*

Zola, o genio, o mestre, o justo, escreveu:

«Lorsqu'on a l'honneur de tenir une plume, on se consulte avant d'ecrire, et quand on a écrit une page, on l'affirme, on la défend.»

La critique contemporaine, pag. 356.

A critica censurou-me porque, brasileiro e rio-grandense, fui procurar em terras de Portugal o assumpto do meu obscuro trabalho. A *Talitha* não é uma obra nacional: nem portugueza porque o seu autor não nasceu em Portugal, nem brasileira porque a acção se passa em terra estrangeira, entre personagens de uma aldeia lusitana perdida nas serranias da provincia de Traz-os-montes.^{140}

*

A censura é futil.

A critica esquece que Portugal é a patria da nossa patria; que o nosso idioma nacional ainda não sahiu do periodo primitivo e selvagem; que a lingua de Camões foi a lingua de Gonçalves Dias e ainda hoje é a lingua de Olavo Bilac e de Coelho Netto; que os sentimentos de José de Alencar vibraram nas mesmas palavras em que vibrou a alma de Camillo Castello Branco o através das quaes se impoz á grandeza do seculo que passou a individualidade singular e forte de Eça de Queiroz, ao mesmo tempo que se impunha, em outro hemispherio, a personalidade singular e forte de Machado de Assis.

Ingenua, ignorante ou perfida, a critica esqueceu o preceito de Taine:

«Les productions de l'esprit humain, comme celles de la nature vivante, ne s'expliquent que par leur milieu.»

H. TAINE—*Philosophie de l'Art*. vol. I, pag. 11.

O homem é um producto do meio, este inflúe poderosamente na formação de seu espirito; mais que poderosamente—decisivamente.

A mocidade é mais docil em receber essa influencia natural e espontanea do ambiente—do clima, das tradições, dos costumes, da religião, da arte.

É na infancia e na adolescencia, como observa Moreau, de Tours, no seu estudo—*La Folie chez les Enfants*—que os erros e os preconceitos se apoderam do espirito e por tal forma criam raizes que difficilmente se arrancam.

Spencer, na Educação moral, intellectual e physica, affirma que a influencia do meio sobre a mocidade decide do futuro inteiro.

A minha adolescencia e a minha mocidade fluiram^{141} em Portugal, nas escolas, nas aldeias, no seio patriarchal da familia paterna.

Com os portuguezes, moços como eu, senti os pezares d'aquelle grande povo, sorri nas alegrias d'aquella boa gente.

Á sombra fresca e generosa das suas arvores adormeci e sonhei: ao calor daquelle sol aqueci as minhas esperanças; no gelo daquellas neves murcharam-me as mais perfumadas illusões; ao luar opalescente daquellas noites ouvi a musica das primeiras serenatas: ao fulgor daquellas estrellas peneirou no meu coração a voz dolentissima dos rouxinóes; com a poesia popular daquelle alma lyrica de onze seculos aprendi a versejar quando a minh'alma de dezeseis annos abria para o mundo as flôres das suas aspirações incipientes; com a lithania religiosa dos orgãos ruraes nas capellas das aldeias aprendi a amar a Deus, a crer na sua olympica magestade, ao mesmo tempo que filtrava docemente no meu espirito a ternura sagrada daquelle mysticismo que reza na voz das aragens, no perfume das flôres, no marulhar das fontes, no gorgueio das aves e até no merencorio soluçar das vagas, rolando eternamente nas areias das praias.

Dezoito annos correram para a minha vida feliz e descuidosa, naquella terra santa que é a patria da saudade, e, quando o meu coração começou a sentir as amarguras do exilio, quando a minha intelligencia pôde comprehender toda a magua da ausencia, foi na saudade portugueza

«o delicioso pungir de acerbo espinho,»

que eu aprendi a sentir a saudade do lar que aqui deixára, do berço que me embalára as horas da infancia, da voz materna que me acalentára a puericia,^{142} do céu que dera luz ao meu olhar e calor ao meu sangue, sangue em cujas ondas correm leucocytos de sangue lusitano. «d'este

sangue abençoado», fortemente oxygenado, que me dá energia para as luctas e ampara a tranquilidade transparente da minha consciencia, limpida e superior, as investidas da injustiça e da critica.

E como poderia eu, por que estranho processo de cirurgia, arrancar ao meu organismo essa metade portugueza que constitue um nobre orgulho da minha vida?

E como poderia eu, por que estranho processo de psychologia, arrancar á minh'alma esse conjuncto essencial de elementos que durante dezoito annos se vincularam ao meu espirito, á minha intelligencia, á minha vontade, á minha sensibilidade, com a mesma delicadeza, com a mesma subtil insistencia com que a luz do sol penetra no seio da terra para fazer germinar as sementes, com que a palavra das mães penetra na alma dos filhos para transfigural-a, como o luar que transforma em espelho de prata a agua dos lagos e dos rios?

*

A *Talitha* é uma reminiscencia da mocidade passada na aldeia traz-montana, na suave e consoladora atmosphaera da familia paterna; *Talitha* não é uma criação da minha phantasia, é a copia do modelo vivo que eu conheci, que acompanhei na cegueira cruel e, depois, na luminosa redempção do seu primeiro amor.

Ruy de Ornellas foi meu irmão de lettras, foi meu amigo, meu companheiro de escola, meu consocio na bohemia alegre e feliz da vida academica, nem o nome lhe occultei.{143}

O velho cura *João Fulgencio* foi uma realidade soberba de caridosa afeição evangelica: era um sacerdote de alma pura, um ancião de oitenta invernos consumidos em espalhar o bem emquanto muitos moços de alma nova mas precocemente corrompida ao contacto das descrenças enervadoras e fataes, na convivencia intima da politicagem, dos bordeis e dos cafés, vivem para fazer o mal, no gozo requintado de espalhar desventuras, quando é mais facil, mais dôce, mais humano, mais confortante, mais nobre, semear carinhos e affectos para fazer a colheita das sympathias e das dedicações.

A velhinha *Joaquina*, a irmã desse honrado e justo sacerdote, é o retrato fiel, copiado á intimidade da minha propria familia, em cujo seio fui buscar o modelo daquela virtude christan, na figura venerada de uma santa creatura que acalentara, ha sessenta annos, a puericia de meu Pae.

A *Marqueza de Rilma* não é um personagem ficticio, viveu, foi a mãe de *Talitha*, não com o titulo de tão elevada condição aristocratica, mas de nobre linhagem, victima innocente das luctas civis de 1846 que accenderam a fogueira horrivel dos odios entre os partidos politicos.

Revelar-lhe o verdadeiro nome seria uma iniquidade, além de absolutamente desnecessário ao desenvolvimento da acção dramática: a mais rudimentar educação, a mais vulgar delicadeza de sentimentos mandavam occultar essa circumstancia, inútil á fidelidade da observação e perfeitamente dispensável ao estudo da psychologia do personagem.

Que representa, pois a *Talitha*?

O intimo e nobre desabrochar de uma consciencia que não esqueceu o passado, que transformou um incidente da vida em pretexto para resgatar uma divida de gratidão, para abrir no seio um longo e profundo sulco de reconhecimento á terra sagrada em{144} que dormem seus avós o somno ultimo e perpétuo, onde ficaram os primeiros dias de existencia do ancião que me deu o sêr, onde eu deixei as gerações irmãs que me acompanharam na peregrinação astral das illusões academicas.

A perversidade incurável dos zoilos, porém, occultou, de proposito deliberado, que o obscuro autor da *Talitha*, agora alvejado por haver esquecido ingratamente a sua patria, preferindo assumptos, personagens e céos estranhos, já estudara em um drama, em tres actos, intitulado *A Farça*, a sociedade da sua terra e um facto que se desenrolara no meio em que vive.

E esse drama foi levado á scena tres vezes, no Theatro S. Pedro, por uma sociedade de amadores; mereceu a critica da imprensa local e foi largamente estudado por dois homens conhecidos nas lettras: Alarico Ribeiro e dr. Sebastião Leão.

Se não teve esse modesto trabalho a ventura de ser interpretado por artistas, não pode caber ao autor a culpa de faltar entre nós uma companhia dramática nacional constituída de profissionaes.

A critica indígena devia ter conhecimento d'esse facto; se sabe d'elle é perversa occultando-o propositalmente para ferir a *Talitha*; se não sabe, é ignorante, e uma critica *soi-disant* competente, que desconhece o autor escolhido para a censura e os trabalhos por elle produzidos, não póde exigir consideração nem respeito do meio litterario em que pretende pontificar.

«Il y a même, au fond de la grande majorité des critiques, un producteur manqué, qui se regisne à parler des œuvres d'autrui, quand il voit que personne ne parle des siennes.»

ZOLA, œuvre cit., pag. 349.

A critica, ou ignorante, ou perfida, ou ingenua,{145} esqueceu que Taine, o mestre supremo, havia pontificado:

«La méthode moderne que je tâche de suivre, et qui commence à s'introduire dans toutes les sciences morales, consiste à considerer les œuvres humaines, et en particulier les œuvres d'art, comme des faits et des produits dont il faut marquer les caractères et chercher les causes; rien de plus. Ainsi comprise, la science ne proscrit ni ne pardonne: elle constate et explique.»

H. TAINÉ—œuvre cit, vol. I, pag. 14.

Mas a critica levantou-se contra as leis proclamadas pelo proprio mestre invocado: condemnou, não explicou.

Sem investigar as origens do drama, sem conhecer a sua significação, sem sondar a alma que o creára, fulminou a obra e insultou o espirito que a produzira.

Para maldizer bastaram-lhe dois elementos: o assumpto que é portuguez e o estylo que não é brasileiro...

E a critica, sempre ingenua, ou ignorante, ou perfida, esqueceu que Shakespeare fôra buscar á nevoenta Dinamarca a figura culminante de Hamlet, á sorridente Italia dos laranjaes em flôr, as suaves imagens de Romeu e Julieta, e o vulto soberbamente tragico do tremendo Othelo.

Sempre com a mesma perfidia, a critica, depois de citar os nomes de Racine e Corneille, occultou que esses grandes espiritos da França foram pedir á Grecia e à Roma antigas, á Hespanha medieva e aos Barbaros a quasi totalidade dos seus heróes e das suas heroínas, deixando na obscuridade a immensa galeria de personagens illustres da propria patria: o genio desses dois sublimes cerebros andou a resuscitar, a illuminar, a galvanizar no tablado do theatro francez a grandeza épica de vultos estranhos^{146} e deixou no tumulto o vulto leonino dos immortaes filhos da França e as imagens delicadas e formosas das mulheres gaulezas.

De Corneille, *Medéa* é uma simples imitação de Lucio Seneca, romano, que a seu turno pedira inspiração ao theatro grego; *Cid*, que é uma obra-prima, além de ser puramente hespanhola a sua acção de altissima tragedia, foi inspirada pela obra do poeta castelhana Guilhen de Castro, que o genio de Corneille deixou na sombra; *Horace* é um assumpto romano que o poeta francez pediu a Tilo-Livio; romanos são *Polyeucte*, *Cinna* e *Pompée*, este inspirado por Lucano; *Mentor* é o velho personagem da legenda grega de Ithaca, já reproduzido no theatro hespanhol pelo poeta Alarcon, ao qual Corneille foi pedir o modelo; *ædipe* e *Sertorius*, que são lampejos da constellação de decadencia de um genio, pertencem, a primeira ao cyclo da heroicidade thebana que Sophocles já havia immortalizado na scena grega, a segunda é pura historia da Iberia em que o vulto admiravel do general romano fulge num derradeiro vestigio

de genio, ao lado de Viriato, o grandioso pastor dos Herminios e fundador da nacionalidade lusitana.

Nem mesmo no periodo da sua decadencia, vencido na queda da *Pertharite* e no confronto do seu *Attila* com a *Andromaque* de Racine, outro genio que subia rapidamente ao zenith, nem mesmo na desventura, a alma de Corneille vibrou pela patria, o seu talento não procurou conforto na historia assombrosa da França: o seu coração voltou-se ainda para o oriente, foi á Judea estudar a grandeza sublime do Rabbino da Samaria e deixou na *Imitação de Christo* a ultima expressão do seu genio, como o raio extremo do sol ao entrar na sepultura do occaso.

De Racine, póde-se affirmar que escreveu as suas tragedias inspirando-se, ora no theatro grego, ora na Biblia. {147}

Assim o ensina um sabio mestre brasileiro:

«deixando respeitosa e de parte Eschylo e Sophocles, impossiveis de imitar, modelou-se por Eurypedes, menos perfeito na generalidade da concepção, porém mais tocante na pintura dos accessorios e que maior conformidade offerencia com o seu talento.»

São d'esse genero a *Andromaque*, *Mithridates*, *Phèdre*, *Iphigénie*.

São inspiradas na Biblia, a *Thébaïde*, *Esther* e *Athalie*.

Pertencem ao genero historico: *Alexandre*, *Berenice*, *Britannicus*. E ainda mesmo quando Racine, resolvendo esmagar os seus zoilos, escreveu a comedia *Les Plaideurs*, que é uma *charge* temivel de espirito e de genio, foi pedir ás *Vespas* de Aristophanes, não só a inspiração, mas o exemplo, o paradigma.

Todas essas tragedias ficaram na litteratura franceza, pertencem ao Theatro da França que não as repudiou, que as ama, que as admira, cultuando a memoria dos genialissimos poetas, não obstante o haverem elles esquecido a seara magnifica da patria pelos encantos das estranhas figuras orientaes.

Victor Hugo foi pedir a Inglaterra o vulto espantoso do dictador para escrever a maravilha dramatica de *Cromwell*, deixando no esquecimento a soberba grandeza de Danton! Para dar á Escola romantica a sua data inicial no Theatro francez, o grande poeta das *Folhas de Outono* foi buscar á Hespanha a inspiração dos versos maravilhosos do *Hernani* e deixou á litteratura dramatica da França as figuras esculpturaes de *Dona Sol*, do bandido celebre, do Rei D. Carlos e do velho aristocrata Ruy Gomez.

Mas onde o genio do grande filho de Besançon attingiu a altitude suprema a que não chegaram Corneille {148} no *Cid* nem Racine na *Phèdre*,

foi no *Torquemada*, a epopéa dramática do fanatismo: e *Torquemada* foi o inquisidor da Hespanha. Nenhum poeta da península havia arrancado á historia a figura sinistra do sacerdote; Hugo levanta-a do tumulto, illumina-a com as fulgurações do seu genio, como se em torno da cariatide monstruosa da Inquisição ardessem as fogueiras dos autos-da-fé, e liga á litteratura dramática da França a figura barbara, apocalypica do carrasco da Igreja.

No entanto, na historia da França havia a linha cruel de Luiz XI, algoz do duque de Alençon, que podia ter inspirado o genio do poeta sublime.

Alfred de Vigny, contemporaneo de Victor Hugo, na sua primeira phase litteraria foi quasi totalmente oriental e biblico: *Eloah*, *Symeta*, *Dryade*, *Fille de Jephté*, *Femme adultère*, *Dolorida*, *Deluge*.

Na segunda phase produziu, em verso, o seu drama notavel *Chatterton*, cujo heróe é o grande e infortunado poeta inglez que, aos 22 annos, procurou no suicidio a solução para a vida das amarguras e tristezas que arrastava o seu genio incompreendido.

E Alfred de Vigny, tão admirador de André-Chénier que n'este procurou inspiração para a sua *Dryade*, deixou no esquecimento a figura soberba e tragica do poeta da revolução, cuja cabeça rolou no cadafalso como uma cabeça vulgar, não obstante:

«avoir quelque chose là dedans»

E a França não engeitou a obra immortal de Alfred de Vigny, e a *Comedie-Française* em 1881 fazia a sua *reprise*, com alto successo, não obstante a opinião do Zola que a reputa:

«la negation du théâtre.»{149}

A critica, severa para mim, devêra ter vergastado primeiramente a memoria de Lord Byron que cantou na sua lyra de poeta e serviu com a sua espada de guerreiro a obra politica da emancipação da Grecia; devêra anathematisar Sienkiewicz, o polaco genial que estudou no romance a reconstituição da vida romana á época da decadencia cesarista de Nero; devêra ter condemnado á morte M.^{me} Judith Gauthier, a filha gentil e talentosa de Theophile, que, deixando de parte a herança paterna, preciosa e brilhante, foi procurar o assumpto das suas obras notaveis nas terras e nos costumes do extremo oriente, com especialidade no Japão e na China; devêra ter amaldiçoado e reduzido a pó o sublime poeta contemporaneo da França—Edmond Rostand—que engastou nos tres actos phantasticos da *Princesse-Lointaine* um assumpto oriental e na *Samaritaine*, a sua obra prima, a vida, a figura, a alma encantadora da filha da Judéa, deixando no esquecimento a belleza mystica de Joanna d'Arc; devêra ter queimado a estatua de Castellar, porque o espantoso

rival de Cicero escreveu os extraordinarios volumes dos *Recuerdos d'Italia*, sem ter jámais escripto uma pagina de viagem pela propria Hespanha, sua patria; devêra ter castigado os despojos funebres de Milton, porque o grande poeta inglez, cuja inspiração hombrea com as de Tasso e Ariosto, cuja grandeza genial é, depois de Shakespeare, a criação mais opulenta da poesia britanica, teve o arrojo de esquecer a sua verde Erin e foi ao pincaro do Himalaya, ao berço da tradição adamita, procurar o assumpto do seu *Paradise Lost*.

E a critica para ser sincera, ou, pelo menos, logica, severa como foi para o obscuro autor da desventurada *Talitha*, devêra censurar amargamente a falta de patriotismo de Araujo Porto Alegre que, em versos de um sabor arcadico e em metro solto, celebrou o{150} almirante genovez Colombo, deixando ingratamente no olvido a figura épica do riograndense Tamandaré, lobo dos mares como o piloto de Palos, além de guerreiro como Patterson.

E a censura devêra estender-se tambem a Gonçalves de Magalhães que, em vez de cantar o heróe dos Guararapes ou a figura brilhante de Garibaldi que vive na tradição da liberdade sulina, preferiu celebrar na sua lyra a aguia de Wagram, na queda monstruosa de Waterloo, tanto mais que ao nascer do theatro brasileiro, quando fulgia o talento artistico de João Caetano, deixou no esquecimento a figura negra de Calabar e foi á historia de Milão pedir o assumpto e os personagens da sua tragedia *Olgiate*, em cuja acção se estuda a tyrannia licenciosa de Galeazzo Visconti e o assassinato do tyranno.

E a critica, tão rispida com o autor da *Talitha*, chegando mesmo a citar a sentença do divino Almeida Garrett para aquelles que se abalançam ao estudo de estranhos assumptos esquecendo a patria, devêra começar pela censura ao proprio autor do *Frei Luiz de Souza*, que iniciou a sua vida litteraria no theatro escrevendo *Xerxes*, *Lucrecia*, *Sophonisba*, *Atala*, *Meroppe* e *Catão*, antes de se lembrar que *D. Filippa de Vilhena* fôra uma das heroínas de sua terra.

*

Mas a critica, severa com o autor da *Talitha*, não tem sinceridade nos seus conceitos.

Um formosissimo talento de artista, alma de raro quilate, aberta ás emoções do Bello, filho d'esta terra, Araujo Vianna, musicista de apurado engenho, escreveu a sua brilhante partitura da *Carmella*, um encanto, uma joia.

A acção do libreto passa-se na Italia, a musica inspira-se{181} claramente na escola de Massenet, sóbe á scena no Rio de Janeiro interpretada por artistas italianos, sóbe á scena em Porto Alegre

interpretada por artistas italianos, a critica applaudiu em delirio, extasiou-se, e ninguem viu, ninguem sentiu, que a *Carmella* é italiana pelo libreto e franceza pela musica; o patriotismo riograndense não se julgou melindrado porque o intelligente *maestro* patricio deixou na obscuridade a nossa paisagem, o nosso clima, as nossas mulheres, os nossos costumes, a nossa poesia, a nossa musica popular e caracteristica, preferindo a lenda, o lyrismo, a impetuosidade, o céu, a aventura da gloriosa e divina Italia da arte...

A critica emmudeceu.

Entretanto Araujo Vianna apenas visitou a Italia: o seu sangue é genuinamente brasileiro, formou-se o seu espirito na propria patria, nem a natureza nem a sociedade italiana influiram no seu desenvolvimento intellectual e moral...

A critica tinha de tudo isso conhecimento exacto e perfeito mas... *passons là dessus*.

«Dès lors, les impuissants et les hypocrites peuvent injurier l'œuvre et l'auteur, les couvrir de boue, les nier...»

ZOLA—*Documents litteraires*, pag. 418.

*

Sempre ingenua, ou ignorante, ou perfida, a critica censura a *Talitha*, condemnando-a porque os seus personagens fallam uma linguagem elevada, superior á modestia das suas condições de aldeãos.

A critica é futil e não sabe o que diz.

Talitha falla nos seus dialogos a linguagem do mysticismo que durante dezeseite annos ouviu e aprendeu com o seu velho padrinho: o cura.{152}

A sua linguagem é simples, ingenua e lyrica.

Mas simples, ingenua e lyrica é a linguagem do povo portuguez, desde a sua infancia até hoje.

As imagens que o autor lhe põe nos labios são as mesmas que borbulham na phantasia do povo lusitano, ha mais de nove seculos de nacionalidade, affirmada num *folke-lore* riquissimo e inexgottavel, desde Guesto Ansures até Antonio Fogaça.

Pois a uma creança de dezoito annos, alma pura e boa, natureza casta, intelligente e fina, delicada e vibratil, torturada pela desventura, póde ser negada a phantasia creadora, poetica e imaginosa que caracteriza o povo

em cujo meio ella vive, principalmente na aldeia, na atmosphaera idylica e bucolica, simplesmente porque a cataracta a cegou aos oito annos?

Mas Antonio Feliciano de Castilho foi o bardo cego que escreveu a *Noite do Castello*, as *Cartas de Echo a Narciso*, os *Ciumes do Bardo*, a *Primavera*, o *Outono* e cego é o anonymato popular que produz ha oito seculos esse rosario encantador e sublime das trovas e cantigas que andam na tradição oral, na garganta de todas as mulheres, na voz de todos os cantores, nos labios de todos os estudantes, desde o *Cancioneiro de Garcia de Rezende* e de *El-Rei D. Diniz* até o *Romanceiro* de Garrett e os *Cancioneiros* de Theophilo Braga e Gualdino de Campos.

São da poesia popular, são do povo em cujo seio *Talitha* nasceu, cresceu, amou, sonhou e foi noiva, as formosas quadras que correm de labio em labio, sem autor conhecido e que Junqueiro, Eugenio de Castro, Antonio Nobre e Correia de Oliveira gostosamente assignariam. {153}

I Nessas tuas mãos pequenas
como não vi em ninguem
não sei como as minhas penas
couberam nellas tão bem.

II Perdes mais em me perder
do que eu perco em te deixar:
perco quem sabe offender,
tu perdes quem sabe amar.

III Dizes que deixo saudades,
não me posso conformar:
pois se eu as levo commigo,
como t'as posso deixar?

IV Acostumei tanto os meus olhos
a namorarem os teus
que de tanto confundil-os
nem já sei quaes são os meus.

V Se os meus olhos te incommodam
quando estão na tua frente
hei de arrancal-os um dia
para te amar cegamente.

VI Se eu soubesse que voando
alcançava o que desejo
mandava fazer as azas
que as penas são de sobejo.

VII Eu jurei que não tornava
a dar adeus a ninguem:
quem parte saudades leva
quem fica saudades tem.

VIII Essas tuas sobranceilhas
como nunca vi mais bellas

são laços de fita preta
unindo duas estrelas.

IX Não sei que quer a desgraça
que atrás de mim corre tanto,
hei de parar e mostrar-lhe
que de vê-la não me espanto.

X Vae alta a noite, vae alta,
mais alto vae o luar,
mais alta vae a ventura
que Deus tem para me dar. {154}

XI É tua bocca ideal
um palacio com jardim:
as portas são de coral
os degráos são de marfim.

XII Aguas passadas não tornam;
deixae fallar o dictado:
ó saudade, és um moinho
móes com aguas do passado.

XIII Pára tu, meu coração!
onde estou eu, onde vim?
triste caminho de lagrimas
tem começo e não tem fim.

XIV Ouço cousas que não ouço,
vejo cousas que não vejo:
olhos da minha saudade,
ouvidos do meu desejo!

*

E a um povo que assim traduz tão lyricamente, com tanta philosophia, com tanto sentimento, todas as impressões da sua alma dôce, que assim vibra essa poesia celeste nas cantigas das eiras ao luar, nas espadelladas, nas desgarradas, nos desafios, na Paschoa, no Natal, nas romarias, a um povo que tem alma poetica, mais suave que um paraiso, mais simples e mais colorida que um poente de outono e uma alvorada de primavera, póde-se, com justiça, arrancar essa linguagem que é caracteristica?

O escriptor que o fizesse, a pretexto de ser verdadeiro com os seus personagens, para que estes não pareçam superiores ao seu meio, mentiria á propria consciencia, adulteraria a natureza, roubaria ao povo que quizesse estudar o mais bello reflexo da sua individualidade litteraria.

A um velho cégo que mendigava pelas estradas, entre Villa-Pouca de Aguiar e Pedras Salgadas, na Provincia de Traz-os-Montes, muitas vezes ouvi cantar {155} com a sua voz roufenha, na tristissima toada, monotona como a sua desventura, as quadras que aqui reproduzo fielmente. Andava elle pelas feiras, pelos caminhos, pelas romarias, levando a sua desgraça,

como Ashaverus, durante sessenta annos, a toda a parte onde a tradição religiosa celebrava as festas dos seus oragos, onde a alegria popular estuava nas danças e folguedos; o rapazio espantado escutava-o com profundo respeito, as raparigas ouviam-n'o em silencio, porque na amargura das suas cantilenas, na monotonia das suas queixas, na tristeza das suas lamentações havia verdade de conceitos e a revolta justissima de uma alma ferida contra a dureza da sorte e a iniquidade da natureza.

Quem lh'o ensinou, quem escreveu esses versos, onde os aprendeu elle, que poeta mysterioso, simultaneamente artista e philosopho, traduziu na simplicidade mystica d'aquellas quadras toda a immensidade da sua irremediavel desventura? A alma popular, suave e lyrica, de uma raça, filtrada na arêa branca e pura de uma tradição de oito seculos.

Diz toda a gente e eu não nego
que Deus é pae de bondade,
mas se isso é pura verdade
como foi que eu nasci cégo?

Lá que Deus tirasse a luz
a quem rouba ou assassina,
era a justiça da sina
que todo o mundo conduz.

Mas a mim, não foi clemente
porque eu não tinha nascido;
é que Deus tinha o sentido
de cegar um innocente.

Aos lobos que andam na serra
matando ovelhas e anhos,
dizendo mal aos rebanhos
Deus não castiga na terra. {156}

Não ha lobo que não veja,
todos são filhos de Deus,
só nos tristes olhos meus
a eterna noite negreja.

Não tocaria viola
se eu fosse fera damnada,
mas não andava na estrada
soffrendo e pedindo esmola.

*

Milton, collocando nos labios de Eva os seus primorosos versos, não curou de saber se no Paraiso a Mãe dos homens fôra educada pela serpente nos mysterios da poesia, da arte, da phantasia, da linguagem alcandorada, nem cogitou de saber se já naquelle tempo, no pincaro da cordilheira industanica, se fallava o inglez.

A Samaritana era uma mulher vulgar e desprezível; Rostand colloca-lhe nos labios a linguagem sublime dos seus alexandrinos formosos, sem indagar se, ao tempo de Christo, na Samaria, junto ao poço de Jacob, já se fallava francez, em verso, de metrica impeccavel e de rima opulenta, brilhante, artisticamente disposta sob a fórma severa que Boileau, Corneille e Racine haviam de prescrever 1600 annos depois.

A critica, porém, mais céga que a minha desventurosa *Talitha*, mais ingenua que a alma primitiva, mais ignorante que a Samaritana e mais perfida que a Serpente, a sogra feroz de Adão, occultou o preceito de Taine:

«Par cet excès de l'imitation litterale, l'artiste arrive a produire, non pas le plaisir, mais la répugnance, souvent le dègôt, et quelque fois l'horreur.

«Il en est de même dans la litterature.{157}

«La meilleure moitié de la poesie dramatique, tout le théâtre classique grec et français, la plus grande partie des drames espagnols et anglais, loin de copier exactemente la conversation ordinaire, altèrent la parole humaine de propos deliberé. Chacun de ces poètes dramatiques fait parler ses personnages en vers, impose a leurs discours le rythme et souvent la rime. Cette falsification est elle nuisible a l'œuvre?

«En aucune façon. L'experiance en a été faite de la maniere la plus frappante dans une des grandes œuvres de ce temps, l'*Iphigénie* de Goethe, ecrite d'abord en prose et ensuit en vers. Elle est belle en prose, mais, en vers, quelle diference! Ici, visiblement, c'est l'alteration du langage ordinaire, c'est l'introduction du rythme et du mètre qui communique à l'œuvre son accent incomparable, cette sublimité sereine, ce large chant tragique et soutenu, au son duquel l'esprit s'élève au-dessus des vulgarités de la vie ordinaire et voi reparaitre devant ses yeux les herós des anciens jours, la race oubliée des âmes primitives, et, parmi elles, la vierge auguste, interprète des dieux, gardienne des lois, bienfaitrice des hommes, en qui toutes les bontés et toutes les noblesses de la nature humaine se concentrent pour glorifier notre espèce et pour relever notre cœur.»

H. TAINE—op. cit., vol. I, pag. 28 et 29.

E a critica indigena censura ao obscuro autor da modesta *Talitha* a ousadia de ter observado o preceito que Taine, o grande mestre da França e do mundo, ordena que se faça, exactamente o que fez Goethe para dar maior valor e mais gloriosa belleza á sua *Iphigenia*; exactamente o que fez Rostand para poder impôr á civilisação parisiense, na compleição nevrotica de Sarah Bernhardt, a inferioridade da mulher da Biblia, a hetaira da Samaria condemnada ao supplicio da lapidação pelos heliastas da Judéa.{158}

Diante da bondade e em face das virtudes características dos personagens que se movimentam nos tres actos da *Talitha*, a critica sentiu arrepios de indignação e abespinhou-se: á intelligencia dos censores é inconcebivel a coincidencia de um encontro simultaneo de cinco almas igualmente boas, simples, generosas, quasi santas; a sociedade repelle essa pureza, os factos demonstram o contrario: o autor da *Talitha* não observou, phantasiou; o seu drama é um trabalho de gabinete, no ambiente do mundo real essa hypothese não existe.

A critica pontificou *ex-cathedra*, infallivel como o successor de S. Pedro, Vigario de Christo na terra.

Taine escreveu:

«Après avoir examine devant vous la nature de l'œuvre d'art, il reste à etudier la loi de sa production. Cette loi peut, au premier regard, s'exprimer ainsi: *L'œuvre d'art est déterminée par un ensemble qui est l'état général de l'esprit et des œuvres environnantes.*»

H. TAINÉ.—op. cit., vol. I, pag. 55.

É a influencia do meio na producção artistica: consequentemente, para apreciar a obra d'arte, quando é sincera, a critica necessita de conhecer o meio em que ella foi produzida, o estado geral dos espiritos e dos costumes em cujo seio o pintor, o esculptor ou o escriptor, pintou o quadro, esculpiu a estatua, ou escreveu o poema.

E dos criticos indigenas que se lançaram á *Talitha*, como San Thiago aos moiros, apenas um viveu temporariamente em Portugal, mas nunca se perdeu em terras trasmontanas, gastou o tempo nas ruas das cidades populosas: a aldeia lusitana, se a viu não {159} a estudou, se a estudou ou não a comprehendeu ou... tresleu.

De sorte que a critica, severa e exigente, desconhece por completo o meio que influiu na producção da *Talitha*, não tem noção, sequer, do estado geral do espirito e dos costumes em cuja atmosphaera o obscuro autor do drama foi buscar os seus personagens: a critica, portanto, é ignorante e, como todo os ignorantes, é pretenciosa, balofa e petulantissima.

Ha doze annos ficou terminado o terceiro acto d'esse modestissimo evangelho; ha doze annos appareceu pela primeira vez, no Brazil, a sublime pastoral—*Os Velhos*—de D. João da Camara, cuja acção se passa em uma aldeia do Alemtejo.

Quando a critica indigena, do Rio Grande do Sul, assistiu á representação dessa obra prima, extasiou-se e não viu que na formosa comedia do mallogrado escriptor portuguez se movimentam, não cinco,

mas nove personagens, nove almas igualmente puras, virtuosas, que em toda a acção da bellissima pastoral ha um ambiente de consoladora bondade.

Applaudiu incondicionalmente, sem conhecer o meio em que D. João da Camara estudou os seus personagens, nem sentiu necessidade de saber qual era o estado geral dos espiritos e dos costumes que o brilhante escriptor portuguez reproduziu no palco, para verificar se aquelles personagens, aquella acção, aquelle ambiente correspondiam á realidade objectiva da vida aldean no Alemtejo, ou se o dramaturgo phantasiara; se seria possivel encontrar no fim do seculo XIX, em plena civilisação occidental europea, reunidas na mesma terra, nove almas puras, virtuosas, preocupadas apenas com a pratica do Bem, sem um pensamento máo, sem uma palavra rude, sem uma acção menos digna.

Ha nos dois primeiros actos da *Talitha* uma profunda{160} tristeza, a amargura soluça em todas as gargantas e no terceiro acto ha uma explosão de alegria: esse contraste parece exquisito, inverosimil, sem exemplo na realidade da existencia; todo o drama tem um excessivo perfume religioso que vae ao exaggero, diz a critica.

A critica ignora o que sejam na aldeia portugueza o sentimento religioso, o culto catholico, a tradição christan, porque nunca viveu na intimidade daquelles lares; o que lorigou, através da obra suspeita e viciada de escriptores trabalhados pelo meio social corrompido dos grandes centros, envenenou-lhe a alma já preparada para receber a semente do mal e a critica, enfunada de leitura superficial, para maldizer, deixou-se ficar na commodidade das biliothecas e dos gabinetes, acceitou as indicações da alma perversa de algum mentor sem sinceridade, explorador da inexperiencia de creanças talentosas e esqueceu a lição de Taine:

«Pour plus de clarté, nous prendrons un cas très simple, simplifié exprés, celui d'un état d'esprit dans lequel la tristesse est predominante.

.....

«Il faut d'abord remarquer que les malheurs qui attristent le public attristent aussi l'artiste.

«Comme il est une tête dans le troupeau, il subit les chances du troupeau.

.....

«Sous cette pluie continue de misères personnelles, il deviendra moins joyeux, s'il est joyeux, et plus triste s'il est triste. Voilà—un premier effet du milieu.

.....

«Car, ce qui le fait artiste, c'est l'habitude de dégager dans les objets le caractère essentiel et les traits saillants: les autres hommes ne voient que des portions, il saisit l'ensemble et l'esprit. Et comme ici le caractère saillant est la tristesse,{161} c'est la tristesse qu'il aperçoit dans les choses.»

H. TAINÉ—Op. cit., pag. 68 e seguintes.

Pertencem ao Sr. Adherbal de Carvalho as seguintes palavras:

«O que deu nascimento, entre elles, á noção de fatalidade é uma concepção que se refere, não ao futuro, mas unicamente ao passado; o que é, é, e nenhum poder no mundo poderia fazer que um facto concluído não existisse.»

A poesia e a arte no ponto de vista philosophico.—Cap. II, pag. 50.

O modesto autor da *Talitha* não podia fugir á acção do meio em que se encontrou com os seus personagens, como doutrina Taine, nem se podia oppôr á verdade: *o que é, é, e um facto concluído, poder algum o annulla.*

Se o autor transformasse á medida do seu desejo, pensando em ser agradável á critica, mentiria á sua consciencia, deturparia as leis da arte: os zoilos pódem maldizer, á vontade, o autor fica tranquillo e contente com a fiel observancia das lições de Taine e do escriptor brasileiro, inspirado na doutrina de Guyau.

O facto é verdadeiro, era sufficiente que fôsse verosimil: o autor da *Talitha* dramatisou-o, traduziu nos seus versos modestos as desventuras e a redempção dos seus personagens pelo amor,

«l'amor che muove il sole e l'altre stelle.»

O seu drama obscuro impressionou e commoveu, tanto basta: a agitação da critica apenas conseguiu encrespar a vaidosa pleiade de coripeus do elogio mutuo e a paixão, a animosidade e malquerença politicas.

Zola pontificou:{162}

«Il n'est poin't de jeune homme arrivant de sa province qui ne rêve de distribuer des coups de férule.

«Ces pauvres jeunes gens n'ont souvent pas deux idées nettes dans la tête. L'experience leur manque. Ils tapent en aveugles. De lá les jugements extraordinaires qui font ressembler notre critique a une veritables Babel, ou on parlerait toutes les langues, sauf la langue de verité et de justice qu'il faudrait y parler.

«Je ne nommerai personne parmi ces jeunes gens.

«Le vent qui les apporte, les emporte.»

Documents litteraires; la critique contemporaine.—pags. 346, 347.

*

O assumpto da *Talitha* é portuguez, portuguezes são os seus personagens, portuguez o meio em que a acção se desenvolve, portugueza foi a atmospheria em que o autor viveu a sua adolescencia e a sua mocidade: o drama não podia deixar de reflectir

«l'état général de l'esprit et des mœurs environnantes.»

De profundas amarguras, de lacerantes provações para o povo portuguez foi a época dolorosa em que o modesto autor da *Talitha* apprehendeu em flagrante o desenrolar da acção dramatica do seu poema lyrico: e essa éra prolongou-se em uma crise tremenda que acaba de chegar ao seu auge, a sua maxima intensidade.

Portugal acabava de receber o *ultimatum* inglez na questão pungentissima das possessões africanas, a natureza fôra de uma dureza extrema: ás inundações dos invernos succedeu a crise agricola que esmagou a producção vinicola pela invasão phyloxerica, as agitações politicas ganhavam terreno e a ideia republicana fazia proselytos ameaçando as instituições^{163} monarchico-religiosas de sete seculos e, em meio dessas provações a Providencia, esquecida da immensa piedade d'aquelle povo sublime, ininterruptamente demonstrada em uma historia em que não soffre solução de continuidade o culto da divindade catholica, fulmina-lhe os homens notaveis e successivamente desaparecem no tumulo: Fontes Pereira de Mello, Anselmo Braamcamp, Pinheiro Chagas, Guilherme de Azevedo, Lopo Vaz, Antonio Rodrigues Sampaio, Luciano Cordeiro, Antonio Ennes, Marianno de Carvalho, Oliveira Martins, Carlos Lobo d'Avila, Eça de Queiroz, Alexandre da Conceição, Raphael Bordallo Pinheiro, Gervasio Lobato, Souza Martins, Camillo Castello Branco e Anthero de Quental imitam o exemplo de Chatterton e atravessam a luminosa região dos seus cerebros geniaes com a inferioridade crudellissima de uma bala.

Da nova geração, Antonio Fogaça, Luiz Ozorio, Antonio Nobre, Moniz Barreto seguiram a estrada da morte.

A crise economica era pavorosa, a emigração clandestina assustava os espiritos mais fleugmaticos, á questão ingleza, seguiu-se a revolta de 31 de Janeiro e a situação geral era tão delicada e complexa que nem o genio de José Dias Ferreira, nem as combinações politicas de homens como Hintze Ribeiro e Fuschini conseguiram solver.

Ao desequilíbrio financeiro succederam a questão monetária e o augmento da divida publica, fortemente agravadas as condições do credito publico pela questão internacional do emprestimo de D. Miguel. E Teixeira Bastos escreve:

«Diante do desconsolador espectáculo que apresenta a sociedade portugueza estrebuchando no esphacêlo, ha quem tenha perdido de todo a esperança de regeneração; ha quem se persuade^{164} que estão chegados os ultimos dias de Portugal. Com effeito, a agudeza da crise, que talvez ainda esteja longo de seu termo, justifica em grande parte este excesso de pessimismo.

«Portugal, como todas as nações contemporaneas, em maior ou menor gráo, lucha com uma crise terrivel, que se revela sob aspectos variadissimos. É uma crise politica, financeira, economica, mas sobre tudo social e moral.»

TEIXEIRA BASTOS—A Crise, pag. 435.

Esse estado geral do espirito e dos costumes portuguezes influiu poderosamente na producção artistica e litteraria d'aquelle tempo e na que se seguia.

Na esculptura destaca-se a estatua de *Hermengarda* em que o talento de Moreira Rato evoca para o marmore a alma dilacerada da heroína de Herculano, o pessimista glorioso, o desilludido sublime de Val de Lobos.

Na architectura não surge cousa alguma que atteste a sublimidade do character nacional e o que havia de notavel, legado e herança do passado, soffre a influencia do desanimo, da indifferença, da tristeza geral que domina.

É de Ramalho Ortigão o que se vae lêr:

«Levaria muito tempo e seria excessivamente triste ennumerar todos os attentados de que teem sido e continuam a ser objecto, perante a mais desastrosa indifferença dos poderes constituidos, os monumentos architectonicos da nação...

«Dos desacatos de lesa-magestade nacional, a que tenho a dôr e a vergonha de me referir, uns teem character anonymo, outros affectam directamente a cumplicidade official. Os primeiros são uma consequencia do desdem: os segundos são um resultado de incapacidade.»

RAMALHO ORTIGÃO.—*O culto da Arte em Portugal*, pags., 19 e seguintes.^{165}

Quanto á vida e a producção litteraria, o autor da *Talitha* invoca o depoimento do grande critico portuguez; é elle quem affirma:

«Dissolvido o culto artistico pela negligencia ou pela ineptia de abastardadas classes dirigentes, os fieis debandam por não haver igreja que os reuna, e é já evidente esta enorme catastrophe: que na arte de portugal faltam corações portuguezes.

«Fere-nos já esse phenomeno consternador em todos os aspectos da vida intellectual.

.....

«A juventude litteraria, dotada de uma consideravel força de applicação e de talento, traz-nos uma poetica exotica, de climas nevoentos, anti-meridional, e vem fallando uma lingua secreta, cabalistica, interessantemente engenhosa, incomprehensivel para o povo e para os que não estiverem iniciados na morphologia espiritica das novas seitas.

«Em toda a historiographia contemporanea se nota uma glacial frieza de critica, uma anemica pallidez de expressão, um geral entono de apagada tristeza, em que bem se demonstra que não circula o sangue vermelho da raça, nem se retrata o genio do nosso povo, meigo, docil, de apparencia branda, mas ainda hoje eminentemente sociavel, amando a grande alegria estridente das feiras, das tardes de touros, das romarias dos seus santos populares, conservando nas intimas camadas sociaes um residuo trovadoresco, de palladino e de menestrel, susceptivel ainda das paixões mais profundas, todo de imposição e repentismo, capaz das coisas mais imprevisivelmente grandes, poetico, aventureiro e destemido.

«Na poesia, assim como na pintura e na musica, não ha uma escola portugueza, porque, na falta de laço social que congregue os nossos artistas, sem elementos coordenados de estudo, sem modelos patentes, sem lição commum, não ha entre elles mutuamente, nem entre elles e o povo de que derivam, communhão alguma de ideal ou de sentimentos.»

RAM. ORTIGÃO.—op. cit., pag. 110 e seguintes.{166}

*

Embora modesta a *Talitha*, embora sem merecimento o seu autor obscuro, como poderiam ambos—drama e escriptor—fugir a esse estado geral do espirito e dos costumes, de que falla Taine?

Necessariamente deveriam obedecer á lei, e por isso apparece nos dois primeiros actos do drama essa dolorida tristeza que é o reflexo da situação geral da sociedade e que a desventura daquella familia, pela desventura da pequena Talitha, aggrava e apura com intensidade.

«D'autre part, l'artiste a été élevé parmi des contemporains mélancoliques; partant, les idées qu'il a reçu et celles qu'il reçoit encore tous les jours sont mélancholiques.

«La religion regnante, qui s'est accommodée au lugubre train des choses, lui dit que la terre est un exil, le monde un cachot, la vie un mal, et que toute notre affaire est de meriter d'en sortir»

H. TAINÉ—op. cit., vol. I. pag. 65.

Aliás é profundamente melancolica toda a obra litteraria portugueza desse tempo, muito principalmente na poesia.

É um soluço de magua—o *Espirito Gentil*—de Luiz Ozorio; formam um rosario de amarguras—as *Orações do Amor* de Antonio Fogaça; é um gemido crudellissimo o *Só* de Antonio Nobre; é como um echo de Necropole—*Nada*—de Julio Dantas.

No theatro, Marcellino de Mesquita lança a *Noite do Calvario*, reproducção profundamente dolorosa e triste de um acontecimento real da vida de um lar que o dramaturgo generalisa ás condições da vida social, aliás já cruelmente desvendada nos *Castros*.{167}

Para fugir á influencia da actualidade Julio Dantas recorre ao passado, á chronica, a historia e não consegue eximir-se á impressão da desventura: *O que morreu de amor* é uma resurreição esmagadora de magua; a *Severa* é um manto de crepe encobrendo um cenotaphio; *O serão nas lorangeiras* é uma ironia finissima, um esfusiar de espirito que occulta, mascára, e pinta um immenso abatimento moral.

Gervasio Lobato passa nesse meio espalhando gargalhadas, ridiculo e *troça* sobre a sociedade carcomida pela crise e acabrunha de pilherias a burguezia e a classe media no *Commissario de Policia*, no *Solar dos Barrigas* e na *Lisboa em Camisa*, passando do palco ao romance.

A *Velhice do Padre Eterno* é uma *charge* monumental sobre o ultramontanismo da sociedade religiosa: a *Patria* é uma objurgatoria tremenda, um raio de colera olympica; os *Simples*, constituem um colar de lagrimas de uma jeremiada genial e as *Orações ao Pão e á Luz* são as aspirações tantalicas do genio ao seio da excelsa divinisação da arte, como refugio extremo de uma alma que foge ás revoltas da terra para não cahir na lama das decomposições sociaes.

A *Rosa engeitada*, de D. João da Camara, é a dôr vivendo e esmagando as almas; os *Velhos*, apesar do seu encanto bucolico e purissimo, é um crepusculo de sombras dôces.

A *Cruz da Esmola*, de Eduardo Schwalbach, é a photographia nitida da tortura e do desespero...

E tudo isso é a reproducção conscienciosa de um estado de pathologia social... a menos que a critica não attribua tudo isso á phantasia dos

artistas pelo gozo requintado de esmagar a propria patria ao peso de calumnias...

Mas neste caso como compreender o colossal successo das obras extraordinarias de Ramalho Ortigão^{168} na critica, de Eça do Queiroz ao romance e de Raphael Bordallo na caricatura, profligando esse estado geral de espirito e de costumes como Alphonse Karr, Gavarni e Flaubert na alta cultura genial da França, em plena floração artistica e litteraria?

O terceiro acto da *Talitha* não destôa dos anteriores, a unidade não se quebra, transmite-se, completa-se: a mesma suave melancolia dos primeiros conserva-se na narrativa da morte do sargento que *Ruy* communica a *Joaquina* e no *raconto* que das suas desventuras, faz a *Marqueza de Rilma* ao velho cura João Fulgencio.

A mesma serenidade christan dos primeiros actos paira no terceiro através da descripção em que *Talitha*, ao som dos sinos distantes da missa do gallo, conta a *Ruy* e a *Joaquina* a sua allucinação passageira e termina com a *Salve-Rainha* rezada ao soluçar do orgam e ao repique da alvorada annunciando a missa d'alva.

A alegria que vibra n'este acto é mais intensa, realmente, mas n'elle se encontram trez factos culminantes: a confirmação do noivado de Talitha pelo perdão da Virgem na visão da missa; a cura radical e milagrosa da sua cegueira e o apparecimento da mãe tanto tempo perdida.

Mas a alegria não surge alli de surpresa, repentinamente: no primeiro acto ella vibra na scena final de amor em que as duas almas que se comprehendem recebem a benção da velha Joaquina surprehendendo-as na ventura do seu idyllio, e no segundo acto a primeira scena succede naturalmente a essa e os dois velhos ligam, plas recordações, a passada alegria de outros tempos, a que se vae em breve descerrar quando *Ruy* levantar definitivamente a venda aos olhos da redimida.

Ahi a alegria vae á intensidade das lagrimas, é a^{169} tristeza que nasce das extremas emoções da felicidade que não é triste e, se momentaneamente desaparece quando *Talitha* se deixa vencer pela fé religiosa e rompe o juramento de amor para cumprir o juramento do voto de clausura, de novo se reata e estala em um sorriso de supremo arrebatamento, quando a piedosa e santa mentira do *Cura*, depois da confissão, lhe relata o sonho da madrugada anterior em que elle viu rolar no espaço

no fulgor de uma estrella o beijo do perdão.

*

A virtude daquellas almas!...

E porque razão de alta monta o autor da *Talitha* devia quebrar a verdade do facto observado, a unidade d'aquelle conjuncto que elle não phantasiou e que, felizmente, encontrou num dia da sua mocidade, em meio da crise social moral que caracterizava aquella época dolorosa de provações populares?

Introduzir um personagem que não tivesse as mesmas qualidades de character seria deturpar os factos para obedecer ao *métier*, a carpintaria de theatro vencendo a moral na arte: um cumulo de estupidez.

Além de tudo, inutil: a emoção dramatica, o effeito theatral são completos e seguros com a simplicidade daquellas cinco figuras, porque o Bem, a Virtude e a Harmonia encantam e commovem sempre, em todas as zonas e latitudes da terra.

Pertencem ao Sr. Adherbal de Carvalho as seguintes palavras:

«O artista que emprega suas faculdades ao serviço de uma idéa generosa não é menos artista por isso, se bem que não seja por isso que elle{170} é artista. O amor e a intelligencia do bem suppõem uma concepção superior das condições da vida individual e social que é preciso desejar a todos os artistas como a todos os homens...»

.....

«Entretanto ha uma observação a fazer neste ponto, é que parece mais facil pintar o vicio do que a virtude. Balsac, que se sahiu admiravelmente na pintura dos monstros, encalhava quasi sempre quando era atacado pelos homens pudicos.

«Tão verdadeiros e vivos são os seus libertinos da alta o baixa sociedade, como os outros, na maior parte do tempo, são ternos e mal acanhados.»

Op. cit. pag. 32.

Ainda mesmo quando o autor da *Talitha* houvesse faltado á verdade dos factos que observou, teria tentado o problema, na opinião do estheta brasileiro, mais difficil de resolver: o estudo e a interpretação da Virtude o do Bem, na psychologia dos cinco personagens que jogam em scena a acção do seu obscuro poema lyrico.

A critica indigena, ignorante ou perversa, petulante ou futil, feriu-se com as proprias armas.

Que o autor da *Talitha*, sem prestígio para fazel-o, permittiu-se a liberdade de escrever um drama em verso, fórma litteraria que está totalmente banida do theatro moderno, supplantada pela prosa.

É outra censura da critica indigena; espera-a a mesma sorte das anteriores: a critica é vesga e não sabe o que diz. {171}

Do theatro moderno ainda não foi banida a fórma alta e pura do verso: semelhante vandalismo seria uma violencia feita á arte, á belleza, ao bom gosto, á suprema lei do rythmo, para cujo excelso dominio tendem naturalmente todas as manifestações da vida e a linguagem da poesia do metro e da rima, a altissima elegancia.

Moderno é Victor Hugo, gigante de oiro do theatro francez e escreveu em verso: *Esmeralda, Burgraves, Ruy Blas, Cromwell, Torquemada, Grandmère, L'Épée, Mangerontils?, Sur la lisière d'un bois, Les gueux, Être aimé, La Forêt-mouillée.*

Modernos são Paul Delair e Lomon e escreveram em verso os seus dramas *Garin, Jean Dacier* e *Marquis de Kenilis* que Zola critica asperamente na sua obra—*Naturalisme au Théâtre.*

Moderno é Banville e produziu *Hymnis, Riquet à la houe* e *Socrates et sa femme*, tres comedias em verso.

Moderno é Alphonse Daudet e entre as suas obras figura *Char*, comedia em verso, em um acto.

Moderno é Alfred Musset e legou ao theatro da sua patria: *Les marrons du feu*, comedia; *A quoi rêvent les jeunes filles*, comedia; e *La coupe et les lèvres*, drama, todos em verso.

Moderno é Ed. Pailleron e no seu theatro figuram *Narcotique*, comedia em um acto, e *Hélène*, drama em quatro actos, ambos em verso.

Moderno é Ludovic Halévy, collaborador de Meilhac, e produziu, em verso, a *Phryné* e *Nina, la Tueuse.*

Modernissimo é Emile Augier, o grande mestre da litteratura dramatica e da carpintaria theatral e escreveu em verso a maior parte das suas peças. São em verso: *Cigüe, Paul Forestier, Homme de bien, Aventurière, Gabrielle, Joueur de flûte, Philiberte* e *Jeunesse.* {172}

Moderno é Catulle Mendés e em 1872 dotou o theatro com a sua comedia em verso, *La Part du Roi*, em um acto; em 1888 fez representar a sua formosa phantasia, tambem em verso—*Isoline*, em tres actos; e em

1889 produziu, ainda em verso, o drama em 6 actos—*Fiammete*; em 1906, punha em scena no Odéon, o seu drama *Glatigny*, tambem em verso.

Modernissimo é Jean Richepin e, em 1905, fazia representar na Comédie Française o seu *D. Quichote*, em verso.

Modernissimo é tambem André Arnymede, que em 1906 assombrava a critica parisiense com a representação triumphal de *La Courtisane*, em cinco actos e em verso.

Modernissimo é Francis de Croisset e escreveu em verso os tres actos sensacionaes do Paon que subiu á scena na Comédie Française.

Modernissimo é Emile Veyrin que viu os seus formosos versos dos quatro actos de *Embarquement Pour Cythère*, no palco do Theatro des Bouffes Parisienne.

Modernissimo é Jacques Richepin e, em Abril de 1907, viu na ribalta da *Porte St. Martin*, os soberbos alexandrinos da *Majorlaine*, em cinco actos, depois de haver debutado com os versos admiraveis da *Reine de Tyr*, no theatro Sarah Bernhardt.

Moderno é François Coppée, e em 1878, em collaboração com Armand d'Artois, produziu o drama em cinco actos *Guerre des Cent ans*; em 1879, *Le Trésor*, comedia em um acto; em 1881, *Madame Maintenon*, drama em cinco actos e um prologo: em 1883, *Severo Torelli*, drama em cinco actos; em 1885, *Les Jacobites*, drama em cinco actos; em 1880, *Le Passant*, em um acto; e em 1888, *La Grève des Forgerons*, em um acto, e em 1905, *Scarron*, em cinco actos: e todos esses trabalhos são em verso.^{173}

Rostand escreveu todos os seus dramas em verso: *Princesse Lointaine*, *Romanesques*, *Cyranno de Bergerac*, *Samaritaine*, *Ayglon* e ultimamente os tres primeiros actos do *Chant-clair*...

Miguel Zamacoix acaba de escrever e fazer representar em Paris pelo genio de Sarah Bernhardt, *Les Bouffons*, em verso alexandrino, obra prima que a critica europea colloca, senão acima, ao lado do *Cyrano*.

E ainda recentemente, em Outubro de 1906, a imprensa franceza se occupou de uma outra obra prima do talento de Catulle Mendés, em soberbos alexandrinos, de um mysticisco celeste, que se intitula *Sainte Thérèse*.

Na Inglaterra, Robert Browning escreveu a tragedia historica *Strafford* e os dramas *Mancha no Brazão* e *Regresso dos Deuses*, todos em verso.

Na Italia, Gabriel d'Annunzio escreveu em verso os tres actos da *Filha de Jorio*, e fez representar por Eleonora Duse o seu grandioso monumento *Francesca da Rimini*, em verso, como em verso havia escripto pouco antes o seu extraordinario *Nerone*, o genio brilhante de Boito, e Cavallotti o seu formosissimo idyllo *Cantico dei cantici*, em 1882.

Na Hespanha, deixando de parte o *D. Juan Tenorio*, de Zorrilla: o *Trovador*, de Gutierrez; a *Roda de la Fortuna*, de Thomaz Rubi, todos de 1850: Hartzemburch produziu mais recentemente *Los Amantes de Terruel*; *Alfonso, el Casto* e *La Madre de Pelagio*, e Echegaray o seu conhecidissimo *Gran Galeoto*.

E todos esses dramas são escriptos em verso.

Em Portugal, João de Deus, o lyrico sublime, escreveu *Horacio e Lidia*; Eugenio de Castro, o revolucionario de genio, o extraordinario autor da *Belkiss* e de *Constança*, acaba de publicar o *Annel de Polycrates*; Henrique Lopes de Mendonça, o *Duque de Vizeu*^{174} e a *Noiva*: Fernando Caldeira, a *Mantilha de Renda* e a *Madrugada*; Marcellino de Mesquita, a *Leonor Telles*; Julio Dantas, a *Ceia dos Cardeaes*; Francisco Palha, a *Fabia*; Luiz de Magalhães, o *D. Quixote*, os dois ultimos para o Theatro Academico, de Coimbra, todos em verso; sómente para citar os escriptores da actualidade, deixando de parte *O Catão* e a *Merope* de Almeida Garrett e o *Camões*, de Antonio Feliciano de Castilho.

Finalmente: em verso tambem escreveram no Brazil: Gonçalves de Magalhães, o *Olgiato*; Arthur Azevedo, o *Badejo*; Zeferino Brasil, o *Outro* e Coelho Netto, *As estações*.

A critica, portanto, ou é ignorante ou mentiu propositalmente.

*

Mas a critica adiantou-se ainda: abriu dogmaticamente uma excepção: o verso em theatro só se admite para as tragedias historicas.

Outra cincada.

Em Portugal, Fernando Caldeira deixou no theatro duas joias preciosas: a *Mantilha de Renda* e a *Madrugada* que nem são tragedias, nem tem filiação alguma historica.

Na Italia, Cavallotti legou á lilteratura dramatica um primor de lyrismo: o *Cantico dei cantici* que não é tragico, nem historico.

Em França, Catulle Mendès escreveu, em verso, os tres actos de *Isoline* e os seis do *Fiammette* que nada tem a vêr com a historia, nem com a tragedia.

François Coppée produziu *Le Trésor*, *Le Passant*, *La Grève des Forgerons*, todos em um acto e que não{175} tem a minima relação com a tragedia, nem o menor vestigio de historia.

No Brasil, o *Badejo*, de Arthur Azevedo, é uma comedia, o *Outro*, de Zeferino Brasil, um drama; *As estações*, de Coelho Netto, uma phantasia, todos em verso, sem relação alguma com a historia ou com a tragedia.

A critica indigena

«appartient à ce monde de paresseux qui font chaque soir une grande œuvre, en buvant une chope; seulement, le lendemain, ils ont sommeil et ne trouvent pas le temps d'écrire la grande œuvre. «La vie se passe, l'âge arrive, ils restent des debutants.»

ZOLA, *La critique Contemporaine*, pag. 351.

Entretanto, René Doumic, um mestre da critica, escreve na *Revue des Deux Mondes*:

«Je voudrais seulement que les poètes qui se sentent une vocation d'auteurs dramatiques ne s'imaginent point que le succès ne peut être obtenu par eux, à la scène, qu'en nous narrant des histoires romantiques ou des féeries.»

E Gaston Sorbets conclúe:

«M. René Doumic á assurément raison: la poesie dramatique est faite anssi pour exprimer les mouvements les plus profonds de notre cœur ou les aspirations les plus hautes de notre âme. Il suffit de voiler de poesie la Verité nue pour faire de cette divinité une muse nouvelle.»

Deixemos vociferar os maldizentes: nós ficamos com os criticos que sabem sentir e... lêr.{176}

*

Os zoilos que se lançaram á modestissima *Talitha*, censuraram ao seu autor o atrevimento inaudito de não observar a regra do Theatro francez de Corneille e Racine, que manda emparelhar systematicamente os graves e agudos na symetria inalteravel prescripta por aquellas duas autoridades.

Mas a critica, absolutamente não tem competencia para impôr aos escriptores brasileiros, por muito modestos e insignificantes que sejam, as leis e as regras da arte poetica franceza.

Se a obra d'arte é portugueza ou brasileira, o auctor não se submete ás leis da poetica franceza: observa os modelos nacionaes e portuguezes.

E, sem receio de ser contestado por quem quer que seja, o autor da *Talitha* afirma: não ha poeta algum na lingua de Camões, quer no theatro, quer fóra d'elle, que obedeça ás exigencias das prescripções francezas, que, aliás, o proprio Corneille, invocado pela critica, não seguiu nem adoptou na *Imitation de Christ*:

«Le desir de savoir est naturel aux hommes:

il nait dans leur berceau sans mourir qu'avec eux

mais, ô Dieu, dont la main nous fait ce que nous sommes,

que peut-il sans ta crainte avoir de fructueux?

Liv. I, Chap. II.

«Vanité d'entasser richesses sur richesses,

Vanité de languir dans la soif des honneurs,

Vanité de choisir pour souverains bonheurs

de la chair et des sens les damnables caresses.

Liv. I, Chap. I.

«Vraiment grand est celui qui dans soi se ravale

qui rentre en son néant pour s'y connaitre bien,

qui de tous les honneurs que l'univers étale

 craint la pompe fatale,

 et ne l'estime en rien.

Liv. I, Chap. III. {177}

Victor Hugo, o mestre supremo, tambem não obedeceu invariavelmente a esta regra que a critica pretende impôr dogmaticamente, como immutavel.

Vejamos na *Esmeralda*, acto I:

«Nous irons au clair de lune
danser avec les esprits...
Vive Clopin, roi de Thune!
Vivent les gueux de Paris!

«Au milieu de la ronde infame
qu'importe le soupir d'une ame?
Je souffre! oh! jamais plus de flamme
au sein d'un volcan ne gronda.

Em *La Forêt mouillée*, Scene II:

«Les moutons promis aux fourchettes
Passent là-bas; j'entends leurs voix
Sonnez, clochettes,
au fond des bois.
Le beau Narcisse est en manchettes;
Silène a mis toutes ses croix.

Rostand, o impecavel, na *Samaritaine*, também não se subordinou absolutamente a essa regra, como se vê logo na primeira scena:

«Poussé par la brise des nuits,
et vagabond jusqu'à l'aurore,
je viens pour des fins que j'ignore,
comme un fantôme que je suis.
D'une sandale sonore
je viens, je glisse et je m'enfuis...
Mais, ô Jehovah que j'adore!
quelle est cette grande ombre encore
qui se tient debout près du puits?

e assim prosegue o genial poeta em toda essa scena que se compõe de cento e nove versos.

E para que não diga a critica perversa que n'esses exemplos não ha alexandrinos, aqui ficam estes alexandrinos, ainda do I acto, scena V, em que Photina declama: {178}

«Mon bien aimé—je t'ai cherché—depuis l'aurore,
Sans te trouver,—et je te trouve,—et c'est le soir;
Mais quel bonheur!—il ne fait pas—tout a fait-noir:
mes yeux encore
pourrent te voir.

e assim por toda a *fala* de Photina, que se compõe de mais de vinte nove versos.

Na lingua portuguesa, porém, não ha um poeta sequer que obedeça á regra da metrica franceza, nem no drama, nem no poema.

Junqueiro, na *Morte de D. João*, na *Musa em ferias*, na *Velhice do Padre Eterno*, na *Patria*, ou nos *Simples* usa indistinctamente as rimas agudas, graves, e esdruxulas, emparelhadas, ou alternadas.

«O pensamento humano
mergulhou como um Deus nas grutas do oceano,
embebeu-se no azul, andou pelo infinito,
interrogou a historia, os ventos, o granito,
todas as creações, todas as creaturas,
vermes, religiões, abysmos, sepulturas,
e disse-nos: Jesus, Socrates, Platão
fallaram a verdade. Existe uma rasão,
uma ideia, uma lei, mysteriosa, etherea,
que rege o movimento e as formas da materia...

Morte de D. João.—Introducção, pag. 31.

*

«Hediondo! assassinar um homem que assassina!
Collocar o direito ao pé da guilhotina.
Resolver a questão do crime—um cemiterio!
Sanccionar Papavoine e decretar Tiberio!
Um carrasco de guarda á nossa segurança!
O pelotão—juiz e o tribunal—vingança!
E é uma coisa que indigna, um facto que comove,
que quasi ao terminar o seculo dezenove
pensem como Marat, pensem como Cain
as leis no velho mundo e o tigre em Bombaim!

Musa em férias; Idilios e Satiras, pag. 137.{180}

Julio Dantas, o brilhante poeta da *Ceia dos Cardeaes* tambem não adoptou a regra que a critica indigena pretende nacionalizar.

Xerez.

«Roma! Roma que viu, pela primeira vez,
Beneditto XIV, um papa,—a receber
Conselhos de Inglaterra e cartas de Voltaire!

.....

«As cartas de Voltaire, honram!

... É natural

fala como francez.

... Fala como cardeal!

.....
«Mas perdão... Não será politica de mais
para uma ceia alegre? Emfim trez cardeaes
não salvam Roma...

Como se vê, Julio Dantas, empregou successivamente dez agudos.

E esse arrojado do eminente poeta portuguez não impediu que a *Ceia dos Cardeaes* tivesse oito traducções em allemão, francez, italiano, hespanhol e no dialeto catalão, nem evitou que fôsse representada mais de quatrocentas vezes.

Entre os poetas brasileiros bastará citar dois nomes de primeira grandeza: Alberto de Oliveira e Goulart de Andrada; nenhum se submete á exigencia franceza da critica indigena.

A *Cruz da montanha* do primeiro é um poemeto de 126 alexandrinos. Em toda essa obra prima não ha dois versos agudos e apenas se encontra uma parrelha de esdruxulos.

Observa-se o mesmo phenomeno em varias outras composições como— *A Enchente*, com 76 alexandrinos; a *Lagarta*, com 124 versos de vario metro, onde^{181} apenas ha 14 rimas agudas: *Atmo*, com 88 alexandrinos, entre os quaes apenas dois esdruxulos e nem um agudo.

*

Ascenção perigosa, de Goulart, é uma poesia composta de 44 alexandrinos, dos quaes apenas quatro são esdruxulos e nem um agudo.

Apocalypse é formado de 158 alexandrinos: nem um agudo, sómente dois esdruxulos.

*

E a razão é simples, é natural, é formidavel: o idioma francez é abundantissimo de agudos e o portuguez é, relativamente, pauperrimo.

Para observar inalteravelmente a regra franceza que a critica pedante e fátua pretende impôr vaidosamente, depressa ficariam exgottadas as rimas agudas e o poeta incidiria na repetição das consoantes, o que constitúe o defeito da pobreza de rimas, acremente censurado pela critica.

Além disso, os francezes não conhecem as palavras esdruxulas, ao passo que a lingua vernacula é riquissima d'esses vocabulos e, a ser observada na poesia dramatica portugueza e brasileira a lei da arte de Corneille e Racine, os poetas lusitanos e patricios vêr-se-iam obrigados a

escrever alternadamente os seus versos em parselias systematicas de esdruxulas, graves e agudas, o que seria, além de fatigante e exaustivo, de um rebuscamento torturado, monotono, somnolento.

O obscuro autor da *Talitha* preferiu deixar expandir-se naturalmente o pensamento proprio, de accordo com a alma dos personagens: o verso e a rima já de^{182} si são condições impostas pela exigencia artistica, apurar essa exigencia com o requinte de uma symetria dispensavel, equivaleria a torturar os sentimentos das figuras que se movem na acção dramatica.

O facto de ser uma regra de Corneille e de Racine tambem geralmente seguida por outros poetas modernos—o emprego alternado de dois agudos e dois graves, não evita a monotonia, principalmente quando se traduz o pensamento de um personagem ou se reproduz um vulto historico: na vida real ninguem se exprime por essa fórma.

Entretanto, admittidos geralmente o verso e a rima, o poeta deve quanto possivel, para evitar a monotonia, variar o rythmo, o metro e o encadeamento da rima: as dificuldades artisticas e technicas não são excluidas por esse criterio, conservam-se; a monotonia desaparece e o pensamento, exprimindo-se com mais liberdade, permite melhor estudo da psychologia dos personagens, e mais vigor descriptivo.

O proprio autor da *Talitha* verificou praticamente o que acaba de afirmar quando escreveu a *Visão de Colombo*, em um acto, obedecendo systematicamente á regra da poetica franceza e emparelhando os alexandrinos por ordem de rimas agudas, graves e esdruxulas em toda a extensão do poema dramatico, formado de quatro centos e poucos versos, sem repetição de rimas.

Ramalho Ortigão ensina:

«não são as academias que pautam as proposições e os limites da criação artistica. Tudo o que se pode formular em preceito cessa de ter valor em arte. A obra de arte não é um producto de escola: é a livre expressão individual de uma alma, convertida em realidade objectiva e communicando aos homens uma vibração nova de sentimento.»^{183}

«A superioridade ou a inferioridade de um artista, a sua cathegoria, deduz-se da maior ou menor quantidade de ideias que a sua obra suggere e dos sentimentos cuja percussão ella determina.»

Op. cit., pag. 145.

Adherbal de Carvalho doutrina:

«É no sentido da liberdade que em geral se faz todo o progresso; é neste sentido que também se deve fazer todo o progresso do verso.

«A liberdade do *rythmo* era muito insuficiente entre os românticos. Vimos que a consequência é a pobreza, a esterilidade do próprio pensamento; porque a forma do verso reage sobre o cérebro do poeta. O remédio seria a ausência de estorvo sem fim, a supressão de regras não racionadas: liberdade é fecundidade.»

Op. cit., pag. 282.

E depois d'essas duas sentenças, atreve-se o autor da *Talitha* a perguntar á critica indigena como será possível arvorar em preceito obrigatorio de arte poetica da nossa lingua, a regra de Racine e Corneille, quando a tendencia moderna é para supressão da rima e para a cultura extremada do *rythmo* no verso branco?

A falla de *Cacambo* e o episodio da morte de *Lindoya* no *Uruguay* de Basilio Gama nada perderam em valor artistico pela falta de rima: o *Colombo* de Araujo Porto Alegre encerra verdadeiras maravilhas em verso branco; Alexandre Herculano, que foi um cinzelador do verso, na *Harpa do Crente* deixou primorosos lavoires em verso solto.

Anthero Quental, cujas *Odes modernas* arrancaram a Michelet uma soberba explosão de espanto

«Se em Portugal ainda houver quatro ou cinco homens como o poeta das *Odes modernas*, Portugal continuará a ser um grande paiz vivo.»{184}

Anthero legou nessa obra monumental pequenos monumentos em verso branco.

E para não fallar na *D. Branca* de Garrett, todo escripto em versos soltos, bastará citar os livros admiraveis de Correia de Oliveira: *Ara* e *Raiz*, demonstração brilhante de que a obrigatoriedade da rima tende a desaparecer cedendo á liberdade do pensamento.

O velho mestre Antonio Feliciano de Castilho, na sua *Arte poetica*, escreveu:

«Os versos agudos, pelo seu modo secco estalado de acabar, sem elasticidade, sem vibração, se assim o podemos dizer, teem o que quer que seja de ingrato ao ouvido; seriam insoffriveis, se alguém se lembrasse de nol-os dar enfiados aos centos e aos milheiros, como os graves nos apparecem, sem nos cançarem: demais por isso mesmo que os vocabulos agudos são menos frequentes, d'ahi tiram os versos agudos um quid de exhibição e exquisitice que não parece frisar senão com as idéas extravagantes, comicas, brutescas ou satyricas.

«Do expendido por boa razão se infere: 1.º que em toda e qualquer especie de metro são os versos graves que devem, predominar.»

A critica pretenciosa e petulante indicadora de regras de arte rebella-se contra a autoridade incontestavel e consagrada de Antonio Feliciano de Castilho e quer que em versos portuguezes o autor da *Talitha* adopte a regra franceza, que equipare agudos e graves e os manda empregar em numero igual, symetrica e systematicamente dispostos em parelhas alternadas.

O autor da *Talitha* não adoptou a regra de Castilho mas tem ao seu lado, para apoiarem o seu procedimento, as autoridades dos rebeldes Junqueiro, Feijó, Luiz de Magalhães, Lopes de Mendonça, Julio Dantas, Eugenio de Castro, Antonio Nobre, Gonçalves Crespo, Marcellino de Mesquita, Fernando Caldeira que não^{185} a observaram, nem se submeteram á lei de Corneille e Racine, e, o que é tudo, do proprio Antonio Feliciano de Castilho que não adoptou a regra franceza na composição dos alexandrinos emparelhados.

Isso em Portugal, porque no Brasil o autor da *Talitha* encontra apoio para o seu procedimento em Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Goulart de Andrada, Martins Fontes, Guimarães Passos, Luiz Murat, Machado de Assis, Valentim Magalhães, Lucio Mendonça, Oscar Lopes, Pereira da Silva, Emilio Menezes, Frota Pessoa, Flexa Ribeiro, Zeferino Brasil e Coelho Netto que não consideram a technica franceza como adaptavel ao verso portuguez, se bem que discretamente observem a opinião de Castilho, relativamente á proporção das rimas agudas e graves.

Ora, a critica indigena, ainda rescendendo aos aromas equivocos da primeira infancia, ha de permittir que o autor da *Talitha* prefira as autoridades artisticas de dois hemispherios, acima citadas, ao impertinente pedantismo da incompetencia de quem, em materia de autoridade litteraria, não chegou ainda se quer á categoria de trintanario do *Pegaso*, na estrebaria de Augias.

*

A critica indigena censura a pobreza de rima da *Talitha*: não tem razão.

A *Ceia dos Cardeaes* é uma obra prima: assim o prégo a critica, assim a considera a opinião.

Pois bem; essa joia tem 338 versos; o primeiro acto da *Talitha* compõe-se de 492.

A *Ceia dos Cardeaes* tem apenas 66 rimas diversas; o primeiro acto da *Talitha* dispõe de 127 rimas differentes: a proporção naquella é de 5%, nesta é de 25%.^{186}

Na *Ceia dos Cardeaes* ha apenas 31 rimas que não foram repetidas; no 1.º acto da *Talitha* ha 80.

Na primeira, a obra prima, essa proporção é de 9%, na *Talitha*, a condemnada, a proporção é de 17%. A critica indigena tem cabellos na lingua e fel no coração.

A *Samaritana* é a obra prima de Rostand, assim a julgou a critica europea, assim a julga o proprio poeta.

O primeiro acto d'essa joia magestosa tem 808 versos.

Pois bem: entre esses ha 322 repetições, apenas em 17 rimas.

Poder-se-ia fazer o confronto dos tres actos: basta esse que ahi fica para demonstrar que a critica nem soube o que disse, nem sabe o que é pobreza ou riqueza de rima.

A opulencia de rima póde ser exigida em composições poeticas esparsas, que não tenham grande extensão, mas em um poema dramatico essa exigencia da critica é despotica, é absurda, principalmente quando os personagens que o movimentam são da especie daquelles que figuram no entrecho da *Talitha*.

Collocar nos labios de *Joaquina* versos de rima escolhida, apurada, sem repetições de termos que andam constantemente na conversa commum, substituindo estes por palavras rebuscadas nos dictionarios de rimas, sómente para que a critica se extasie deante de uma riqueza phantastica, equivaleria a falsear a natureza intima do personagem e fazer de uma santa e simples mulher vulgar da aldeia, uma pretenciosa ridicula; a espontaneidade do escriptor desappareceria para dar logar ao rebuscamento, o artista seria suplantado pelo artifice, o poeta pelo rimador, o sentimento pela paciencia.

A opulencia da rima importaria necessariamente^{187} na elevação da linguagem e a critica deixa de ser logica exigindo por essa fórma o que já condemnára, considerando alcandorada em demasia para personagens de aldeia a linguagem que o autor da *Talitha* confiou a cada um d'elles.

Nos acontecimentos vulgares da vida de aldeia as palavras são simples, corriqueiras; o vocabulario dos aldeãos é pouco extenso e tradicionalmente consagrado: ha phrases peculiares, ha para cada facto da vida, póde-se dizer, um termo que não se substitue, um conceito consagrado pelo uso immemorial; o mesmo sentimento, traduzido por outros termos, em phrase diversa, não é comprehendido.

O eminentíssimo crítico e brilhante espírito de estheta brasileiro o notável mestre da língua vernacula, Snr. José Verissimo, doutrina superiormente:

«O grande escriptor em todas as linguas é o que escreve e consegue todos os efeitos da sua arte com o vocabulário corrente, não só do povo—que é realmente pobre—mas da litteratura do seu tempo.»

Citação de Elysio de Carvalho no livro—*As modernas correntes estheticas*, pag. 27.

Em taes condições, se o dialogo, apesar de ser em verso, deve reflectir, quanto possível, as condições normaes da vida e do personagem, attribuir a este a expressão dos seus affectos, das suas dôres, das suas alegrias, dos seus desejos ou das suas esperanças, por meio de palavras em rima opulenta, será desnaturar o personagem, será mentir á realidade, será phantasiar um typo que a natureza local reproduzida no theatro, não creou na vida real.

Compreende-se essa exigencia na alta tragedia historica ou sacra, ou ainda nas phantasias mythologicas: alli, sim, a linguagem póde e deve ser alcandorada^{188} sem inverosimilhança, os personagens vem distinguidos pelo prestigio da historia, da Biblia, do sobrenatural, que substituem toda a realidade objectiva.

A admiração, a fé e a idolatria pódem crear os maiores absurdos: Esopo, Phedro, Lafontaine fizeram falar os animaes em verso sublime, limado, terso, brilhante, sonóro, de rima opulentissima.

Zola escreveu:

«C'est, je le répète, le seul cadre ou j'admets, au theatre, le dedain du vrai. On est là en pleine convention, en pleine fantaisie, et le charme est d'y mentir, d'y échapper a toutes les réalités de ce bas monde.

.....

«Jamais les auteurs ne se trouvent acculés par la vraisemblance et la logique: ils peuvent aller dans tous les sens, aussi loin qu'ils veulent, certains de ne se heurter contre aucune muraille.

.....

«La comédie et le drame, au contraire, sont tenus à être vraisemblables.»

ZOLA. *Le Naturalisme au théâtre*, pag. 357, 358.

Mas João de Deus, que foi em Portugal «a mais completa encarnação do lyrico apaixonado, sem entraves positivos, sem preocupações estylisticas visando á erudição», que foi «sentimento singelo, o amor, esse amor portuguezissimo, em palavras singelas, versos de medida simples e estylo simples», João de Deus que cantou a simpleza rural da sua terra, a alma dôce do povo e dos campos, esse «que é o lyrico mais portuguez» como considera Fidelino Figueiredo, «um grande scismador e um grande artista, que não tem artificios na sua poesia, singela como todos os grandes sentimentos, harmoniosa e virginal como um sorriso de creança, suave e consoladora como uma^{189} parábola de Christo, serena e luminosa como um dialogo de Platão», no dizer profundo de Alexandre da Conceição, João de Deus não se preocupou com a opulencia da rima, nem mesmo quando escreveu para o theatro aquella encantadora phantasia em um acto *Horacio e Lydia*, romana pelo assumpto, grega pela technica.

Ora, a *Talitha* é composta de 1873 versos de varios metros, predominando o alexandrino.

Para demonstrar opulencia de rima, o obscuro autor da *Talitha* reservou as suas modestas poesias esparsas, entre as quaes figura a *Ode ás Arvores*, dedicada a Coelho Netto, ode essa que se compõe de 312 alexandrinos, e não tem sequer uma rima repetida, além da grande abundancia de vocabulos cuja difficultade de rima é conhecida.

Um dos zoilos da *Talitha*, com o intuito de provar que os tres actos d'esse evangelho são indigentes de rima, nota que no 2.º acto a palavra enferma rima com erma e no 3.º acto tambem enfermo rima com ermo.

E o zoilo exclama:

«Para *Enfermo* o poeta encontrou apenas a rima *ermo*, uma rima pobrissima.»

Mais pobre de espirito é o critico.

A *Talitha* compõe-se de 1873 versos; quatro vezes apenas o maldizente encontrou a rima em *erma*, ainda assim uma vez no masculino e outra no feminino, e fulmina a censura:

«o poeta só encontrou a rima *ermo* para *enfermo*, rima pobrissima.»

Ignorante, perverso, futil, ou lorpa.

Pois bem, o autor da *Talitha* consultou os dictionarios^{190} de rima de Castilho e de Alencar, duas autoridades na materia, e para *enfermo* apenas encontrou *ermo*, *termo* e *estafermo*. As duas primeiras foram applicadas, uma no segundo, outra no terceiro acto.

Quanto á terceira—*estafermo*—o poeta da *Talitha* só a poderia utilizar se fizesse referencia ao critico.

Para agradar á sua opinião e corresponder á sua exigencia, o zoilo pretende que o autor da *Talitha* deveria forgicar palavras, neologismos, sómente com o fim de não repetir a rima!

Mas se essa rima é pobrissima, que culpa tem o autor da *Talitha*, se a lingua apenas lhe faculta, além dessa, mais duas, uma das quaes pertencente ao calão?

Entretanto o critico mentiu: no segundo acto a rima de *enferma* é *erma*; no terceiro acto á palavra *enfermo* foi dada a rima—*termo*.

2.º acto, pag. 64:

«seria bem melhor que cuidasse da enferma,
que vive ali no escuro abandonada e erma»

3.º acto, pag. 89:

«de acudir pressuroso ao leito dum enfermo ardendo em alta febre e
bem proximo ao termo
d'uma longa existencia...»

Eis ahi ao que se reduz a censura do zoilo: á mentira.

*

Por ultimo a critica indigena censura o autor da *Talitha* por ter escripto o drama em tres actos afim de apresentar, desnecessariamente, no terceiro, a *marqueza*, mãe da heroína.{191}

E a critica, em ar de pilheria, pede um quarto acto para que appareça tambem o Pae de *Talitha*.

O autor não teria duvida em satisfazer o desejo da critica, escrevendo mais dois actos para apresentação da sogra de *Talitha*, se tambem a critica de outra tempera, a critica elevada e honesta, não houvesse solicitado a redacção dos tres actos simplesmente aos dois primeiros para que esse obscuro trabalho

«seja legado pelo autor ao seu paiz, como um thesouro, refundindo-a, cortando as scenas a mais, deixando-a nos dois actos primeiros mais o milagre e a oração; assim *Talitha* será um primor litterario...»

Critica da *Tribuna do Rio*.

«O drama é magnífico. E porque não dizer o melhor drama que se tem escripto no Brazil?»

Critica da *Gazeta de Noticias*, do Rio.

«Os tres actos do Sr. Pinto da Rocha dão a quem os ouviu a satisfação rara e salutar que só produzem as obras de arte, erguidas severamente com a segurança de que só é capaz a sinceridade.»

Critica do *Paiz*, do Rio.

«...mas os bons versos, as rimas felizes e inesperadas abundam na peça, que fica sendo um dos mais bellos poemas da nossa litteratura.

«... pois nao ha muito disso por toda essa America afóra.»

ARTHUR AZEVEDO—Critica da *Noticia*, do Rio.

Á critica indigena, rasteiramente inspirada pelo odio e pela paixão politica, o autor da *Talitha* contrapõe a critica da imprensa do Rio.

Será vaidosa a citação d'essas opiniões, mas o obscuro autor da *Talitha* tem orgulho do seu trabalho^{192} e esse orgulho é como a soberbia das mães que beijam os filhinhos aleijados e loucos, tendo-os no coração como as imagens incomparaveis da suprema formosura.

A *Talitha* não será brasileira porque o assumpto e os personagens são portuguezes; não será portugueza porque o seu autor não teve a felicidade de nascer em Portugal, mas...

Mas a *Talitha* é mais que portugueza, mais que brasileira, é humana.

Mas a *Talitha* é minha... É o producto do meu espirito, do meu trabalho, é filha da minha mocidade...

É modesta, é pauperrima, e futil, mas é minha.

E a critica indigena dos zoilos que produziu? Nada, absolutamente nada; póde viver noventa annos, como Sára, não haverá Abrahão na terra que lhe arranque um Isaac das entranhas...

Os zoilos são admiraveis, sabem tudo e não fazem cousa alguma.

Conhecem perfeitamente a patria, sob todos os aspectos, desde a fecundidade uberrima da terra aos esplendores astraes do céo; desde a constituição intima da familia á grandeza fulgurante da historia.

Os primores da paysagem, a belleza e a simplicidade dos costumes, os encantos da musica popular e da poesia anonyma, a bravura dos homens com o typo legendario do gaúcho, a formosura das mulheres inspirando os altos feitos heroicos, o mysterio das florestas que dá o aspecto profundo á alma do povo, a vastidão das campinas que modela a franqueza limpida das consciencias, o desdobrar ondulante das cochilhas que imprime ao typo riograndense a epopeia da nossa historia, os vultos homericos dos nossos guerreiros, a envergadura dos nossos estadistas, a intelligencia dos nossos escriptores, a obra dos nossos politicos, tudo isso a critica dos zoilos conhece... *à merveille*.{193}

Sabe ella que o verso está banido do theatro moderno e só é admittido nos assumptos historicos ou nas phantasias caprichosas dos sonhos e devaneios litterarios; sabe ella que os alexandrinos devem ser emparelhados á maneira de Corneille e Racine, alternando-se agudos e graves, na symetria impeccavel de parallelas geometricamente exactas; sabe ella que o rythmo do verso não deve ser apenas o junqueireano para evitar a monotonia: sabe ella que a rima deve ser opulenta: sabe que no theatro moderno a prosa supplanta o verso, porque se presta melhor ás exigencias do estudo da psychologia dos personagens; que a escola romantica foi batida pelo naturalismo; que hoje os exemplos a seguir não são os d'Ennery, os Augier, os Scribe, os Labiche, os Dumas, os Meilhac: que os modelos acceitaveis são Suderman, Ibsen, Hauptmann Bjornsen; tudo isso a critica dos zoilos sabe perfeitamente.

Além disso a critica tem talento, tem erudição, tem admiradores, tem bibliothecas, tem a vida garantida e facil pela munificencia do thesouro publico, tem o apoio da sociedade, não sabe o que seja a amargura da lucta pela existencia...

Entretanto as horas passam, os dias correm, os mezes flúem, os annos se succedem e a critica deixa em abandono todo esse material soberbo e magestoso, esquece todos esses elementos de incomparavel riqueza, e não produz absolutamente nada.

Atravessa a existencia, como um janota futil que vive preocupado com a coloração garrida das gravatas, com o brilho frio dos collarinhos, com o figurino do fato, empanturrando-se da leitura *à la diable*, maldizendo do tudo e de todos e vivendo de um usufructo que a sociedade constituiu pelo trabalho accumulado exactamente d'aquelles que a critica dos zoilos alveja, fere, offende e babuja.{194}

Vive para gozar e maldizer.

A critica indigena dos zoilos é como o Sahára: esterilidade completa, beduinos e camellos.

Á caravana dos zoilos, o deserto e a receita de Ezequiel.

Pinto da Rocha

Livraria Chardron

De LELLO & IRMÃO

RUA DAS CARMELITAS, 144—PORTO

GARCIA REDONDO	
Salada de fructas	500
Atravez da Europa	500
Cara alegre	no prélo
A mulher—manias e cacoetas	no prélo
MANOEL ARÃO	
Transfiguração, 1 vol.	1\$000
COELHO NETTO	
Esphynges	600
Sertão	600
Agua de Juventa	700
A Bico de penna	700
Romanceiro	500
Theatro	400
Jardim das Oliveiras	500
Quebranto (theatro), 1 vol.	800
Fabulario	500
Miragem, romance, 1 vol.	600
Apologos	no prélo
Fé	no prélo
Theatro, 1.º vol.	no prélo
Mysterios do Natal	no prélo
JOÃO GRAVE	

Os famintos	500
A eterna mentira	600
O ultimo fauno	500
O Passado	no prélo
SHAKESPEARE	
Sonho d'uma noite de S. João, 1 vol.	600
Rei Lear, 1 vol.	400
Romeu e Julieta, 1 vol.	no prélo
Hamlet	no prélo
Othello	no prélo
OSCAR LOPES	
Conferencias, 1 vol.	no prélo
MAYER GARÇÃO	
Excelsior	500
CARMEN DOLORES	
Ao esvoaçar da ideia	no prélo
Alma complexa	no prélo
IHERING	
Lucta pelo direito	no prélo
THOMAZ LOPES	
Paysagens d'Hespanha	no prélo
TAVARES BASTOS	
Instituições juridicas na Republica	no prélo
JOÃO DO RIO	
Cinematographo	700
Frivola-City	no prélo
BENTO CARQUEJA	
O Capitalismo Moderno e suas Origens em Portugal, 1 vol. broch.	500
O Futuro de Portugal, 1 volume	no prélo
EUCLYDES DA CUNHA	
Á margem da historia, 1 volume	no prélo
SYLVIO ROMERO	
Discursos, 1 vol.	600
Martins Penna, 1 vol.	400
America latina, 1 vol.	500
Provocações e debates. 1 v.	no prélo

LUIZ MURAT	
Ondas, 1 vol.	no prélo
VICENTE DE CARVALHO	
Versos da Mocidade	no prélo
Poemas e Canções	no prélo
THOMAZ DA FONSECA	
Os Desherdados (versos)	500
TUDE DE SOUZA	
A Serra do Gerez, 1 vol.	500
MANOEL DA SILVA GAYO	
Torturados, romance	no prélo
ALCIDES MAIA	
Ruínas	no prélo

Envia-se gratis o CATALOGO GERAL a quem o requisitar